

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

**AS HISTÓRIAS QUE OS PESCADORES NÃO CONTARAM:
CONSTRUINDO SONHOS E NARRATIVAS ATRAVÉS DAS
VIVÊNCIAS DO GRUPO DE ARTESÃS DA BARRA**

ALICE FOGAÇA MONTEIRO

RIO GRANDE

2008

ALICE FOGAÇA MONTEIRO

**AS HISTÓRIAS QUE OS PESCADORES NÃO CONTARAM:
CONSTRUINDO SONHOS E NARRATIVAS ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS
DO GRUPO DE ARTESÃS DA BARRA**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do Grau de Mestre, ao Programa
de Pós-Graduação em Educação Ambiental da
Universidade Federal do Rio Grande.

Orientador: Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues

RIO GRANDE

2008

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Adriana, Bia, Diana, Gabriela, Maria, Marlene, Márcia, Nely, Patrícia, Suzana e Renata. Mulheres que fazem parte da história do Grupo de Artesãs da Barra, com as quais divido sonhos e descobertas e compartilho mais uma vitória, que é essa dissertação.

AGRADECIMENTOS

Passei todo o processo de escrita deste trabalho desejando este momento. O momento em que depois de todo texto pronto, meu orientador me autorizasse a escrever estes agradecimentos. Queria muito agradecer as pessoas que construíram junto comigo este trabalho, pois sei que sem elas não poderia ter vivido este sonho.

Assim, abro os trabalhos agradecendo as minhas educadoras e aprendizes Marlene, Patrícia, Suzana, Diana, Bia, Adriana, Maria, Nely, Gabriela, Renata e Márcia. Obrigada por me proporcionarem tantas experiências mágicas, onde fizemos do impossível, o possível, disseminamos sonhos, enchendo nossas vidas com amor, solidariedade e amizade, e assim, estamos conseguindo mudar esse mundo que é nosso. Estendo assim, meus agradecimentos aos seus filhos e maridos.

Agradeço ao meu orientador Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues, a pessoa que me ajudou a despertar para os sonhos e depois, conhecê-los. Me faltam palavras para expressar o quão importante fostes em todo este processo de pesquisa e descoberta. Obrigada por me acalmar, por se doar, por acreditar em mim mesmo quando eu não acreditava, por sonhar através de mim e me deixar sonhar através de ti.

Agradeço com todo o meu coração aos meus pais, Cristina e Paulo. Pessoas que me sonharam, e sonhando com o meu melhor, me criaram. Muito obrigada por me se doarem, obrigada por serem quem são.

Muito obrigada as minhas “ermas” Andréa, Luciana e Marília. Pessoas que enchem minha vida de imagens alegres, de afeto, acolhimento e sorrisos. Somos **ALMA** alegre quando estamos juntas.

Agradeço a minha madrinha Théa, minha grande incentivadora, amiga e exemplo.

Ao meu amigo Victor Patiri, uma pessoa que foi como um anjo para mim, sempre me abrindo caminhos. Um destes caminhos me trouxe para Rio Grande, para o NEMA e para o mestrado de Educação Ambiental. Muito obrigada por sempre confiar em mim e me apoiar.

Ao Serginho e a Dani, grandes amigos sonhadores. E não importa com que nomes chamam seus sonhos, se são projeto, metas... O importante é que eles sonham, e muito, e com isso disseminam sonhos e os compartilham... Eu tive essa sorte, e por isso os agradeço.

Meus educadores, amigos e colegas do NEMA, Anahí, Kleber, Renato, Rodrigo, Lili, Melina e Mara: Vocês são pessoas mais que especiais para mim. Obrigada por me acolherem, por se empenharem no meu crescimento e por alimentarem meus sonhos. Em especial

agradeço, à Carla, à Ana e à Rita, pessoas que me inspiram e com as quais aprendo dia-a-dia o que é educar através de sonhos.

Ao meu namorildo Pedro, meu amigo, parceiro e eterno namorado, obrigada por despertar sonhos que eu nem sabia que existiam em mim, por sonhar comigo uma vida linda e por isso vivê-la.

As minhas irmãs Cassineiras, Bel, Juliana, Silvina e Paulinha, e ao irmão Rafael, pessoas que me acolheram, me deram amor, suporte, puxões de orelha, colo, ajuda, enfim... Me deram um lar.

As minhas amigas da vida, Jujucas, Tata, Aline e Kelli, pessoas sempre presentes, não importa a distância.

Aos amigos que desde antes de entrar no mestrado me apoiavam neste sonho: Álvaro Veiga, Fernanda e Anabel.

Agradeço aos meus amigos, Cris e Cupy, os quais embarcaram comigo na viagem do mestrado e fizeram dela uma viagem mais que especial. Cheia de cores, poesias, danças, cheiros e sabores.

Sem esquecer também dos meus queridos colegas, André, Cinthia, Felipe, Alexandre, Álvaro e Carol. Muito Obrigada pelo apoio, por me acompanharem nesta viagem e sempre me oferecerem um ombro amigo.

Agradeço a Fernando Pessoa, que antes de encher meu texto com sonhos, já enchia minha vida com eles.

Muito Obrigada ao Bruno, Ida e Gilmar, por sempre me ajudarem, por facilitarem minha vida no mestrado e fazerem da secretaria do PPGA um espaço mais que agradável para estar.

Agradeço imensamente a minha querida Profa. Maria do Carmo, por sua magia, sua leveza, seu carinho e sua abertura para o outro... Tenho grande admiração por ti. Obrigada pelo abraço, o beijo e pela palavra.

Michèle te agradeço por além de acreditares no sonho, aceites sonhar conosco. Obrigada pelo carinho, e depois de te conhecer um pouco pelos teus textos, me apresento através desta dissertação, e tenho certeza que já conhecidas, um dia o destino fará da imagem, matéria.

Ao Prof. Gomercindo, agradeço por aceites o convite. Para ti, também me apresentarei através deste texto, certa de que logo nos conheceremos pessoalmente.

Agradeço também, por antecipação, às pessoas que se dispuseram a ler este trabalho. Espero que sonhem através de nossos sonhos.

Agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado concedida, foi de extrema importância para tornar viável a realização deste trabalho.

Enfim, agradeço de todo o coração às pessoas que acreditam nos sonhos e com isso, inspiram outras pessoas.

RESUMO

A presente pesquisa de mestrado investiga as possibilidades de transformações em nossa realidade a partir dos nossos sonhos. Para isso, é estudada a experiência vivida dentro de um grupo de artesãs da comunidade pesqueira da 4ª Secção da Barra do Rio Grande/RS. Nesta comunidade a economia gira em torno da pesca artesanal e industrial, nas quais os homens exercem a profissão de pescadores. À suas mulheres, cabe o serviço doméstico e o cuidado com os filhos, impossibilitando-as de exercerem um trabalho fora de suas casas. No entanto, em 2004, o Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental- NEMA ofereceu às mulheres da comunidade, diversos cursos de artesanato voltados à valorização local. Após os cursos, algumas das participantes decidiram formar o Grupo de Artesãs da Barra – GAB. Durante esses anos de convivência elas foram me contando sobre suas transformações, sonhos, realizações e superações, desencadeadas pelas vivências e convivências dentro do GAB. Desta forma, apostamos que a metodologia da pesquisa narrativa possibilita aos participantes da pesquisa, que ao mesmo tempo em que relatam suas experiências e sonhos, possam, reinventar-se, fazer uma nova leitura, se auto-conhecerem, abrindo assim possibilidades de reflexões que desencadeiem transformações. Assim, através das narrativas das integrantes do GAB buscamos compreender as motivações que as fizeram “quebrar as regras de sua comunidade” e unirem-se na busca de uma nova vida e de novos sonhos. Portanto esta pesquisa, inserida no campo da Educação Ambiental não-formal, trata das transformações ocorridas em mim e nas mulheres do GAB viabilizadas por sonhos individuais e coletivos, despertados e constituídos através da educação ambiental. Esperamos, a partir disso, evidenciar a importância do sonho tanto na vida dos educadores quanto na vida dos educandos, percebendo o sonho como motivador e desencadeador de transformações de valores e atitudes dos seres humanos frente a si mesmos e ao mundo em que se inserem

Palavras-chave: Sonhos despertados. Educação Ambiental. Pesquisa Narrativa.

ABSTRACT

The present study investigates the possibilities of transform our reality from our dreams. It is given to experience inside of an artisan woman group from a fishing community of the 4th Section of the Barra of the Rio Grande/RS. In this community the economy is based on artisanal and industrial fishing, practiced by professional fishermen. For their wives, was left housework and children care, being impossibilited to do outside work. Nevertheless, in 2004, the Education and Environmental Monitoring Center (Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental- NEMA) started to offer several handcrafts courses to these women. After these courses, some of the participants decided to create a group called Grupo de Artesãs da Barra – GAB. During these years living together, the group has told me about their transformations, dreams, realizations and the difficulties overcame, which started by their experiences inside the GAB. In this way, we believe that the narrative research allows the participants to make a self-reflection, creating possibilities of new changes in their lives, at the same time which they tell about their experiences and dreams. Thus, through the narratives of narrative of three GAB participants I seek understand the motivations that make each one “break the community rules” and get them together for a new life and dreams. So the present research, inserted in the field of non-formal environmental education, is about myself and GAB women transformations feasible by individual and collective dreams, built through environmental education. We hope, that way, to reinforce the dreams importance as in educator’s life as learner’s life, being it a motivator for values transformations and human beings attitudes faced to itself and the world that they live.

Keywords: Dreams. Environmental Education. Narrative Research

LISTA DE SIGLAS

EA	-	Educação Ambiental
FURG	-	Universidade Federal do Rio Grande
GAB	-	Grupo de Artesãs da Barra
MEA	-	Mestrado em Educação Ambiental
NEMA	-	Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental
ONG	-	Organização Não-Governamental
PPGEA	-	Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
PUCRS	-	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFRGS	-	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
FAPERGS	-	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul
RS	-	Rio Grande do Sul
FAURG	-	Fundação de Apoio à Universidade do Rio Grande
BID	-	Banco Internacional de Desenvolvimento
FEARG	-	Feira de Artesanato do Rio Grande
CPJ	-	Centro de Protagonismo Juvenil
CBPO	-	Companhia Brasileira de Projetos e Obras
REVIS	-	Refúgio da Vida Silvestre
ASO	-	Jornada de Conservação e Investigação de Tartarugas Marinhas no Atlântico Sul Ocidental

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O INÍCIO, PARA O SONHO, É REDUNDANTE.....	14
1 A HISTÓRIA DE QUEM CONTA AS HISTÓRIAS.....	19
1.1 As histórias que fazem a minha história.....	20
1.2 Um pouco de mim no NEMA.....	33
1.3 Minha história no GAB.....	37
2 SONHOS. QUEM SÃO ESTES ESTRANHOS ÍNTIMOS?.....	52
2.1 Minha descoberta onírica.....	53
2.2 Sonho porque estou acordada.....	63
2.3 Educar é alimentar sonhos.....	65
3 O CAMINHO QUE FIZ AO CAMINHAR.....	73
3.1 A pesquisa(dora) em construção.....	73
3.2 A descoberta da metodologia de pesquisa.....	76
3.3 A pesquisa narrativa.....	77
3.4 A busca pela apreensão do sonho.....	81
4 DESPERTANDO SONHOS ATRAVÉS DAS IMAGENS DAS HISTÓRIAS DAS MULHERES DO GAB.....	90
4.1 Barra: comunidade envolta de águas que sonham.....	91
4.2 Infância adulta, sonhos adormecidos.....	92
4.3 Vida adulta, sonhos latentes.....	95
4.4 A vida dos sonhos, os sonhos da vida.....	98
4.5 Um sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, um sonho que se sonha junto é realidade.....	105

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FIM, PARA O SONHO, NÃO EXISTE.....	110
REFERÊNCIAS.....	113

Considerações Iniciais

O INÍCIO, PARA O SONHO, É REDUNDANTE



Fotos: Grupo de Artesãs da Barra, Arquivo Nema, Alice Monteiro

“Aquela gente encantada, que chegava e seguía...
Era disso que eu tinha medo.
Do que não ficava pra sempre”.

Dadivosa- Ana Carolina

O INÍCIO, PARA O SONHO, É REDUNDANTE

ERA UMA VEZ...

Uma Organização Não-Governamental - ONG chamada Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental-NEMA, que em 2004, através do projeto de conservação intitulado Projeto Tartarugas Marinhas no Litoral do Rio Grande do Sul, começou a envolver mulheres da comunidade pesqueira da 4ª Secção da Barra do Rio Grande em cursos de artesanato. Essas mulheres, aos poucos foram aprendendo a modelar animais marinhos, pintar, costurar e conviver em grupo. Foi então que surgiu nelas, um sonho coletivo: montar um grupo de artesanato. Com isso, pediram auxílio ao NEMA, que por sua vez, designou sua técnica Alice para ajudá-las. Alice não possuía experiência em trabalhar com grupos, menos ainda com artesanato. No entanto, aceitou o desafio proposto. Afinal, um dos sonhos de Alice era o de trabalhar com comunidades pesqueiras e poder de alguma forma, com o seu trabalho, fazer a diferença.

Assim, Alice e as mulheres da comunidade passaram a se empenhar para concretizar aquele sonho. E assim nasceu o Grupo de Artesãs da Barra – GAB. Com o início do grupo, as mulheres começaram a se encontrar semanalmente para aprimorar seus artesanatos e suas relações. Nestes encontros, ao mesmo tempo em que aprendiam a fazer artesanatos, aprendiam a se conhecer, a (re)conhecer sua comunidade e as paisagens que as envolviam. Aos poucos foram ampliando e conhecendo também seus próprios sonhos. Logo mudanças de comportamento e na vida das mulheres começaram a surgir. Nenhuma delas esperava mudar, mas seus sonhos as conduziram para muitas transformações, outrora inimagináveis para elas.

Em pouco tempo, o GAB tornou-se quase um movimento, envolvendo os filhos, maridos e vizinhos das mulheres, bem como a comunidade. Todo esse movimento interno e externo, tanto na Alice quanto nas mulheres, despertou em Alice a vontade de pesquisar essa experiência. Assim, ao realizar seu sonho de entrar no Mestrado de Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, Alice já sabia o que pesquisar: os seus sonhos e os das mulheres da Barra, despertados e constituídos individual e coletivamente através da experiência vivida dentro do GAB.

Alice tinha a possibilidade, em sua pesquisa, de dar diferentes enfoques sobre o mesmo tema, pois a experiência de Educação Ambiental - EA com o GAB dava margem para muitos olhares. Afinal, a experiência vivenciada era muito rica em muitos aspectos. No que diz

respeito à conservação das tartarugas marinhas, através do trabalho, inseriu-se o tema na comunidade pesqueira e foram envolvidas as mulheres da comunidade, as quais, através da arte, divulgaram a mensagem de conservação dos animais marinhos. No campo da capacitação comunitária, a experiência possibilitou que mulheres desenvolvessem habilidades manuais e capacitassem-se em cursos como corte e costura, pintura em tecido, modelagem em biscuit¹. Como prática de EA não-formal, foi uma experiência que proporcionou mudanças efetivas na vida das participantes, tendo cada uma delas desempenhado o papel de aprendiz e educadora.

No entanto Alice, que há algum tempo buscava conhecer os seus sonhos, entendeu que todas as mudanças ocorridas no e pelo GAB, tanto em relação à conservação das tartarugas, a capacitação comunitária, ao envolvimento familiar, quanto as mudanças individuais, só foram possíveis porque todo o grupo se propôs a sonhar. E foi essa visão que ela buscou evidenciar em seu trabalho, a visão de quem sonha antes, depois, entre e através da experiência. Para estudar esta experiência, Alice pesquisadora se alia a pesquisa narrativa, com o objetivo de valorizar a sua própria narrativa e as narrativas das mulheres e extrair delas os sonhos. Assim, para escrever esta pesquisa, Alice entende ser imprescindível revelar os trajetos que a levaram a aceitar que sonhava, a conhecer seus próprios sonhos e como, a partir disso, conheceu o poder do ato de sonhar. Alice espera que, contando o seu caminho e seus tropeços, outras pessoas possam se identificar com suas próprias experiências e quem sabe, passar a acreditar na possibilidade de sonhar.

Assim, Alice busca através da pesquisa, contar as suas histórias como uma educadora-pesquisadora em Educação Ambiental, como também, contar as histórias que os pescadores não contaram. As histórias de suas mulheres. Mulheres guerreiras, que dedicam as suas vidas à formação de um lar, o mesmo que abriga o pescador quando ele chega do mar. E muitas destas mulheres estavam no GAB.

Esta histórica que contei, embasa resumidamente o contexto desta pesquisa. Nas páginas que se seguem, o leitor poderá conhecer mais detalhadamente as imagens, sentimentos, percursos e desvios desta história, a qual não nasceu com o meu ingresso ao Mestrado em Educação Ambiental, nem mesmo terá seu fim agora, com a entrega desta dissertação.

1 Biscuit ou porcelana fria é o nome dado a uma massa para modelar comumente utilizada em artesanatos. Esta massa é produzida a partir do cozimento de cola, amido de milho, vinagre e vaselina líquida.

Dito isso, convido o leitor a embarcar nesta viagem de descobertas, rupturas, encantamentos e sonhos. Desejo que as palavras despertem sua imaginação criadora, para que, à medida que leias meus sonhos e os das mulheres do GAB, possas despertar para sonhar teus próprios sonhos.

Para isso, organizo o texto da seguinte forma:

No primeiro capítulo desta dissertação, intitulado “*A história de quem conta as histórias*”, busco me contextualizar para o leitor, evidenciar de onde vim e como me construí. Assim, refaço e revivo narrativamente os caminhos e as experiências marcantes que considero como constitutivas. Conto um pouco sobre como cheguei a Rio Grande, ao mestrado de Educação Ambiental da FURG e ao NEMA. A partir disso, falo de algumas experiências vivenciadas no NEMA. Finalizo o capítulo, com auxílio de algumas obras de Paulo Freire, e aprofundo meu relato na experiência vivida dentro do Grupo de Artesãs da Barra.

No segundo capítulo, “*Sonhos. Quem são esses estranhos íntimos?*”, trago as experiências que considero fundamentais ao meu despertar para os sonhos e assim, como deixei que eles me guiassem. A partir disso, oriento um aprofundamento teórico sobre o sonho desperto, utilizando como interlocutores meu orientador Victor Hugo Guimarães, Gaston Bachelard e minhas experiências.

No terceiro capítulo, “*O caminho que fiz ao caminhar*”, conto como a presente pesquisa se construiu. Falo sobre minhas dificuldades, desafios e como busquei ver, através das lentes que usei. Assim, como nos capítulos que antecederam este, busco elucidar o caminho que fiz ao caminhar nesta pesquisa, fazendo sempre um contraponto autobiográfico. Fundamento a pesquisa narrativa, minha escolha metodológica. Por fim, descrevo os passos dados na busca da apreensão dos meus sonhos e das artesãs do GAB, utilizando a pesquisa narrativa como orientação metodológica.

No quarto e último capítulo, “*Despertando sonhos através das imagens das histórias das mulheres do GAB*”, me afasto um pouco do texto e trago as narrativas dos sonhos das mulheres que compõem o GAB. São elas, atualmente: Diana, Marlene, Maria, Nely, Patrícia, Gabriela e Suzana. No entanto, também trago ao texto mulheres que não estão mais no grupo, mas que fazem parte da história dos sonhos do GAB: Adriana, Bia e Márcia. Assim, neste capítulo, busco evidenciar o contexto da comunidade da Barra e dos sonhos das mulheres antes e depois de entrarem para o GAB.

Assim, esta pesquisa, dedicada as mulheres do GAB e a tantas outras, é movida por sonhos, amor, gratidão e utopia. Através dela, pretendo contar as histórias de mulheres que

acreditaram em seus sonhos e passaram a vivenciar um outro mundo, outrora impossível para elas e para mim.

Capítulo 1

AS HISTÓRIAS QUE FAZEM A MINHA HISTÓRIA



Foto: Alice Monteiro

De repente, como se um destino médico me houvesse operado de uma cegueira antiga com grandes resultados súbitos, ergo a cabeça, da minha vida anônima, para o conhecimento claro de como existo. E vejo tudo quanto tenho feito, tudo quanto tenho pensado, tudo quanto tenho sido, é uma espécie de engano e loucura. Maravilho-me do que não consegui ver. E estranho quanto fui e que vejo que afinal não sou.

Fernando Pessoa

1 A HISTÓRIA DE QUEM CONTA AS HISTÓRIAS

Esta pesquisa nasceu no ano de 2004 quando eu, bióloga, porto alegreense e com pouca experiência em EA, chego à comunidade pesqueira da 4ª Secção da Barra do Rio Grande como técnica do NEMA. Minha visita tinha o objetivo de convidar as mulheres dos pescadores locais para realizarem os cursos de artesanatos oferecidos pelo Projeto Tartarugas Marinhas/NEMA.

Este projeto nasceu do sonho de duas pessoas do NEMA: Danielle Monteiro e Sérgio Estima, os quais ao final de 2003, após chocarem-se com a grande mortalidade de tartarugas marinhas encontradas nas praias do litoral sul do Rio Grande do Sul, escreveram um projeto de conservação para o edital do Ministério do Meio Ambiente – MMA. Neste projeto, dentre outras coisas, eles contemplavam o envolvimento das comunidades pesqueiras locais na conservação das tartarugas marinhas, buscando fontes alternativas de renda para estas comunidades; o envolvimento dos pescadores na elaboração de ações que diminuíssem a mortalidade das tartarugas pela pesca; e a divulgação das ações e objetivos do projeto nas comunidades através de entrevistas e atividades de EA nas escolas.

Em janeiro de 2004 este projeto foi aprovado. Neste momento, eu já estava em Porto Alegre pois não havia passado na seleção do mestrado em Educação Ambiental da FURG. Em fevereiro, recebi um telefonema, no qual o Sérgio me convidou para integrar a equipe do Projeto Tartarugas Marinhas e trabalhar diretamente com EA. Aceitei o convite na hora, mas não posso negar que senti certo pânico pelo desafio, pois tinha pouca experiência com EA. Aquela oportunidade representava a minha primeira inserção profissional e o primeiro passo para a minha constituição como educadora ambiental. Agradeço muito aos dois pela confiança em partilhar comigo um sonho tão acalentado, fazendo este sonho meu também, e abrindo as portas para tantos outros.

Minha participação no Projeto era a de pensar, organizar e realizar atividades de EA nas comunidades pesqueiras do Rio Grande, São José do Norte e Torres, cidades localizadas no litoral do Rio Grande do Sul.

Em outubro de 2004 fui escalada, dentro do Projeto, para acompanhar e organizar os cursos de artesanato que seriam oferecidos para as mulheres da comunidade da 4ª Secção da Barra. Neste momento, entendia minha atuação desprovida de cunho educacional, já que eu só deveria organizar os cursos, fazendo contatos com os ministrantes, comprando materiais e

divulgando-os na comunidade. Apesar de que, orientava os artesãos que ministrariam os cursos quanto ao objetivo do projeto, que a princípio, era o de utilizar as espécies de tartarugas marinhas como tema dos artesanatos.

Bom, mas para chegar até aqui muitas vivências ocorreram e acredito que contá-las seja pertinente. Visto que minha construção como educadora ambiental e meus interesses na EA não nasceram quando ingressei no mestrado, nasceram antes, bem antes...

1.1. As histórias que fazem a minha história

Nasci no verão de 1981, em Porto Alegre. Fui recebida por uma família cheia de mulheres, constituída pela minha mãe, três irmãs, uma madrinha babona e a Dona Célia, a vó emprestada que ajudava minha mãe a cuidar das minhas irmãs e da nossa casa. Na época do meu nascimento, meu pai morava em Curitiba há mais de um ano e estava separado de minha mãe. Posso dizer que a minha história é marcada pelo sentimento feminino, um sentimento que doa, acolhe.

A história que vocês lerão a seguir possui como pano de fundo a alegria, e não a tristeza, como nas histórias que o modelo socioeconômico atual nos ensina a contar. A alegria desta história não advém do sucesso financeiro ou profissional, nem de uma luta árdua para a obtenção de bens materiais. A alegria dessa história vem do sentimento, de uma visão feliz de cada época vivida, dos fatos que me marcaram e que estão vivos em mim até hoje. Mas vem principalmente da simplicidade e intensidade das memórias que guardo sobre minha eterna constituição.

Tive uma infância muito alegre, sempre rodeada de pessoas que me davam suporte e carinho. Minha irmã mais velha, Andréa, apesar de ainda criança, onze anos, cuidava bastante de mim. Ainda bebê eu andava na garupa da bicicleta dela sendo apenas orientada enquanto ela fechava minha mãozinha na borda do banco da bicicleta: - Agora tu apertas bem forte, não abre a mão, viu? E lá ia ela ladeira abaixo encontrar com as amigas. Nada me aconteceu, o que me possibilitou estar aqui hoje contando essa história. Dizem que os anjos da guarda das crianças são os mais atentos.

Minha mãe, psicóloga, trabalhava muito e pouco parava em casa, acho que por isso, procurei mamar até os quatro anos, para ver se aproveitava melhor os minutos que ficava com ela. Até porque, ainda tinha que dividi-la com mais três irmãs. Minha mãe sempre gostou muito de contar as nossas histórias e de escrever as dela. Quando eu tinha por volta de seis anos, entrei no quarto dela e a vi escrevendo em um grande caderno, grosso e de capa dura. A cena me chamou a atenção e resolvi perguntar o que ela tava escrevendo. Ela me respondeu

que estava escrevendo coisas sobre a vida. Aquilo me encantou, eu passei a adorar aquele livro mesmo ainda não sabendo ler e comecei a chamá-lo de *O Livro da Vida*. Naquela época, lembro que pedi a ela que me deixasse aquele livro de herança. Espero que ela não tenha esquecido. Na adolescência, retornei ao *Livro da Vida* e percebi que minha mãe parara de escrever dois anos após a minha descoberta. Eu a incentivei a continuar escrevendo, afinal, minha herança ficaria defasada. Mas acho que isso nunca mais aconteceu. Analisando agora, vejo que o fascínio de um livro indecifrável para uma criança de seis anos como eu, estava em saber que estando ele comigo, onde eu estivesse, minha mãe estaria comigo.

Meu pai sempre foi muito presente, mas para isso, estava sempre transitando entre a fazenda localizada em São Francisco de Paula e Porto Alegre, ambas as cidades do Estado do Rio Grande do Sul. Muitas vezes ele me levava para a fazenda para passar as férias e feriados. Nossas viagens eram sempre acompanhadas por histórias, as quais meu pai contava com tanta segurança e paixão, que questionar sobre a autenticidade das mesmas se tornava irrisório. Certa vez, em uma de nossas viagens pela Serra do Pinto, meu pai contava uma de suas histórias gauchescas, onde ele sempre é o herói. Ele estava no auge da história com os olhos lacrimejantes, quando olhou para o lado, sua companheira (eu) dormia profundamente, ou como ele mesmo gosta de falar: “roncava como um trator”². Depois disso, essa história passou a elencar seu repertório, e agora o meu.

Aos quatro anos aprendi a andar a cavalo. Assim, os matos e o campo tornaram-se mais familiares. Buscava o gado, contava as cabeças, apartava os terneiros e imitava as ovelhas para tentar uma comunicação. Meu pai ficava muito orgulhoso, já que sempre quis ter um filho homem, pois pensava que este pudesse se interessar pelos mesmos interesses dele. Infelizmente ele nunca teve um filho homem, mas até os oito anos acho que supri este desejo. Meu pai tratava de fazer o sonho dele tornar-se realidade me vestindo de “homenzinho”. Não bastava eu ter que usar as roupas dele quando eu estava na fazenda; sempre ter que comprar *calças bag*³ dois números maiores, quando era ele quem pagava e; passar minha infância usando calças de guri e camisa xadrez quando saía com ele. Além de tudo isso, eu ainda tive que usar sunga até “ter peito”! Isso porque ele sempre dizia que essas roupas eram mais

² Durante o texto, coloco entre aspas (“”) as expressões e palavras utilizadas de forma coloquial, entendendo a importância da utilização coloquial das referidas expressões para a história que é contada. Como esta pesquisa trabalha com narrativas orais, estas acabaram contaminando o texto, estabelecendo nele uma dinâmica imprevisível inicialmente.

³ A calça bag foi um modelo de calça muito usado nos anos 80. Possuía este nome por ser bastante larga e parecer com um saco, palavra essa que traduz literalmente a palavra Bag, no inglês.

confortáveis, arejavam mais. Eu acho isso o maior barato e até hoje quando eu vou para a fazenda ele me empresta suas calças e botas durante a estadia.

Mas meu pai não se interessava apenas em me deixar em roupas confortáveis, ele também me levava no cinema e fazia com que eu forçosamente ouvisse óperas até que elas se tornassem gostos adquiridos. Lembrando agora, até hoje, só vi meu pai chorando em duas situações: ouvindo ópera e assistindo ao filme *Dança com Lobos*. Acho que eu adquiri essa característica do meu pai, só que muito mais potente, pois choro até em comerciais...

Durante a infância, dividia meu tempo de lazer entre algumas ótimas atividades. Assim, ora ficava com meu pai na fazenda, ora passeava com minha mãe ou com minha madrinha e “tias emprestadas” (as amigas de minha mãe). Sempre gostei muito de ficar com minha madrinha, assim como ela comigo. Íamos para praia, para o sítio... Ela jogava carta comigo e sempre assistia atenta às minhas apresentações caseiras de dança, nas quais eu sempre interpretava a música *Como uma Deusa* da cantora Rosana. Lembro que os presentes que mais ganhava dela eram livros, os quais já vinham com a condição de serem lidos para então serem discutidos com ela. Minha madrinha também estava muito atenta ao meu vocabulário e pronúncia, e até hoje se lembra de todas as palavras que eu pronunciava errado. Tilojo = tijolo, mánica = máquina, Firida = Frieda (nome da minha avó), Pábalo = Pablo, são algumas das palavras escolhidas para ilustrar o embaralho que eu fazia com as sílabas. Minha Madrinha é outra contadora de histórias e sem a contribuição dela, eu deixaria de construir muitas de minhas lembranças.

Na minha pré-adolescência, minhas principais atividades eram estudar, fazer canoagem, inglês e teatro, que de todas as atividades, esta última era a que me dava mais prazer. Comecei a fazer teatro com oito anos por incentivo de minha mãe, que não agüentava mais ser a única platéia para minhas cenas dramáticas. Havia dias em que eu ficava acordada até tarde preparando uma cena de impacto para quando minha mãe chegasse em casa. A cena sempre se repetia: eu, estendida no chão da cozinha, meio corpo para dentro cozinha, meio corpo em frente à porta de entrada, com *catchup* na boca e uma carta de despedida sobre o peito. Minha mãe entrava em casa, passava por cima de mim e quase sem me olhar mandava eu ir deitar na cama. Foi por causa de cenas como esta que iniciei minha carreira teatral, a qual encerrou quando entrei para faculdade.

Durante a adolescência, minha certeza é que eu queria seguir a carreira de atriz. Na época do vestibular eu já estava decidida, já que fazia oito anos que eu estava no teatro e nada me interessava mais do que atuar. Bom, mas as coisas não foram bem assim. Quando contei para o meu pai o que eu queria ser, ele quase “teve um troço”. Disse-me que teatro não era

profissão, era *hobby*. Disse que eu deveria escolher outra coisa pois fazer teatro era burrice. Eu que sempre respeitei as opiniões do meu pai e sempre quis agradá-lo e dar orgulho a ele, eu, com 17 anos, me desfiz da idéia de ser atriz e passei a pensar em outra profissão. No entanto, eu só tinha uma semana para decidir. Então escolhi ser bióloga, baseada no fato de que eu sempre tirava nota dez na disciplina de Biologia no colégio e gostava de natureza. Além de não conhecer melhor nenhuma outra profissão. Meu pai gostou da idéia, pois achou que através dessa profissão poderia me interessar mais pelas suas terras, fazendas, matas.... Mal sabia ele que me encantaria pelo mar...

Foi então que fiz vestibular. Apesar de na época eu ter dezessete anos e pouco saber do que se tratava a profissão que eu optara (bióloga), eu me sentia impelida a fazer faculdade. Para minha surpresa eu passei no vestibular... Eu nem queria... Mas passei... Estava com medo do futuro, mas com a sensação do dever cumprido pois havia passado. Eu fiz vestibular para cumprir um dever. Mas onde eu estava nessa história? Naquela época eu nem me fazia esse tipo de pergunta. Na verdade, naquela época, eu ainda não me procurava. Assim, comecei a cursar Licenciatura Plena em Ciências Biológicas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS em 1999.

* **

A partir daqui irei refazer minha trajetória acadêmica, percorrendo os caminhos os quais, acredito, me fizeram chegar à EA. Opto por isso porque vejo que, de todos os momentos que vivi na faculdade, os que mais me inquietaram foram os que, hoje vejo, como decisivos para meus Rmpimentos rumo à EA. Quando falo de ruptura, falo dos momentos que me fizeram parar e olhar com mais atenção e que despertaram em mim um sentimento que não tinha mais volta, o sentimento de desconstrução. Onde havia em mim a certeza que minha forma de agir e pensar sobre um determinado assunto tinha a urgência de ser reformulado. Momentos que lembro foram marcantes pelo espanto, sofrimento ou negação, nos quais tive que me olhar de fora, ver onde estava inserida e porque o que antes eu pensava não se harmonizava mais com o que eu estava sendo. Depois da passagem pela ruptura, eu não era mais a mesma Alice no presente, no passado e no futuro. Digo isso com a certeza que minha visão sobre meu passado mudou, assim como sobre meu presente e futuro. Pois se hoje eu não fosse uma educadora ambiental, fosse uma laboratorista, contaria a vocês sobre como cheguei a ser uma laboratorista de uma maneira muito diferente, emergiriam outras vivências, outros sentimentos, sonhos, outro enredo e assim, outra narrativa.

No fim do primeiro ano da faculdade cursei a disciplina de Evolução Humana. Nela, a Professora Clarice Alho sugeriu a leitura do livro *Ismael, Um romance sobre a condição*

humana (Quinn, D., 1998). O livro mostra a visão de um gorila sobre a evolução do mundo e dos seres que nele habitam. Ao lê-lo, percebi que os seres humanos não eram o ápice da evolução e que eram altamente dependentes do meio ambiente. Antes de ler este livro esta idéia não era tão clara. Para mim, os Humanos eram os seres mais evoluídos do planeta e a palavra evolução ainda era sinônimo de superioridade. Acreditava com isso, que os recursos do planeta estavam disponíveis para que os utilizássemos como quiséssemos, já que tudo que existia no mundo, existia exclusivamente para dar condições aos seres humanos de viverem no planeta. Descobrir que meu pensamento estava errado, que nós não éramos seres superiores e que vivíamos numa teia onde todos os elementos eram importantes para a manutenção da vida no planeta, fez com que eu me inquietasse com as posturas científicas da Biologia. Mas principalmente, fez eu me inquietar com o interesse da academia em compartimentalizar os saberes para “melhor entendê-los”. Pois, se a Terra era um sistema vivo, seus elementos eram estudados tão separadamente que a dinâmica que os unia e os movia era esquecida. Entendi que não era a natureza que se encontrava em desarmonia, mas sim a própria humanidade. No entanto, em meio ao mundo científico da Biologia, o social era excluído. Éramos habilitados (*sic*) a desvendar os mistérios da vida para que então instrumentalizados (*sic*), tentássemos “salvar a natureza dos homens inconscientes”. Como se a espécie *Homo sapiens* possuísse o poder de destruir a Terra, sem antes destruir a si mesma. A partir daí, surgiu em mim o interesse pela complexidade humana e suas relações com o mundo, mesmo sem conhecer na época, a obra de Edgar Morin.

Aproveitei a época da faculdade para fazer muitas coisas, como por exemplo, viajar, estagiar e me envolver nos projetos que surgiam. Estava sempre atenta às oportunidades. Foi assim que encontrei o Programa Universidade Solidária, um projeto do governo federal que trazia a proposta de integrar estudantes das universidades brasileiras à populações pobres do Brasil inseridas em áreas com potencial econômico.

Meu envolvimento inicial não foi levado por nenhum motivo nobre. Para falar a verdade, eu queria mesmo era passar na seleção concorridíssima e ganhar a viagem, com tudo pago, a Sergipe. Não me lembro bem, mas acho que eu pensava em, quem sabe, depois de tudo, ainda ajudar as pessoas. A seleção era acirrada, 200 candidatos para oito vagas. Havia entrevistas, atividades em grupo com psicólogas analisando cada movimento e até análise de letra. De modo que, quando eu passei na seleção, me senti muito superior a todos os outros concorrentes. Lembro agora de uma passagem do filme *Tropa de Elite*, onde o personagem Capitão Rodrigo repetia aos seus recrutas: “- *Pede pra sair zero dois!*” E eu? Eu fiquei! Era uma das pessoas da tropa de elite do Programa Universidade Solidária.

Em junho de 2002, viajei para o sertão sergipano. Éramos dez estudantes de diversas áreas, instruídos a elaborar e executar planos de ação baseados nas necessidades da comunidade, segundo a visão da Prefeitura da cidade visitada, que no caso era Porto da Folha, Estado de Sergipe.

Ao chegarmos a Porto da Folha, toda a população nos esperava cheia de expectativas, principalmente as crianças. Elas estavam sempre na escola onde nos hospedamos. Sempre nos espiando e querendo atenção. Assim, rapidamente me envolvi muito com as crianças, que acabaram me levando para visitar suas casas, seus pais. Em poucos dias, eu já conhecia muitas pessoas da comunidade, suas vidas e costumes. Devido a esta aproximação, surpreendi-me com o modo de vida que encontrei. Muitas adolescentes de treze e quatorze anos já tinham filhos ou planejavam ter. Não pensavam em estudar, melhorar de vida, ter uma casa, um bom emprego. Esta realidade me chocou e eu me perguntei instantaneamente: - *Como não? Como é que tudo que era exposto pela “minha” sociedade como o “caminho da realização e felicidade” não valia naquela comunidade?* Entretanto, percebi que as pessoas daquela comunidade, mesmo possuindo valores tão diferentes dos que eu considerava ideais, não pareciam insatisfeitas com a vida. Não passavam o tempo todo se lamuriando ou se queixando de seus problemas, como eu imaginava que fariam. Ao menos nunca os ouvi se queixando. Comecei a reparar que eram muito unidos e solidários. Repartiam todo o pouco que tinham e isso fazia com que nunca faltasse comida para ninguém. Não que não houvesse violência, inimizades, brigas, mas de uma maneira geral, as pessoas viviam suas vidas solidariamente como forma de sobrevivência.

Um dia, quase no fim da minha estada lá, enquanto passeava com as crianças pela cidade, uma delas, Zé Marcinho, convidou-me para ir a sua casa. Já estava anoitecendo, mas resolvi não fazer desfeita. A casa não possuía luz, era muito pequena, com apenas três peças onde moravam cinco pessoas. Sua mãe cozinhava um pouco de feijão num fogão de tijolos e me convidou para jantar com eles. Meio sem jeito e sensibilizada, sentei-me à mesa. Neste momento, Zé Marcinho levantou-se em uma grande euforia e ansioso pegou de seu esconderijo uma latinha de *Nescau* e me ofereceu com o olhar cheio de alegria. Aquele gesto me comoveu. Pois eu sabia que aquele *Nescau* representava o mais valioso ouro para ele, o qual me oferecia com total desprendimento, mesmo sabendo que eu não passava necessidade. Naquela hora me contive para não chorar, agradei ao Zé Marcinho e disse à família que precisava voltar às pressas, pois haviam me “passado na hora”. Ao sair, deixei Zé Marcinho comendo farinha de mandioca com caldo de feijão e café preto.

Esta cena nunca mais me deixou. Não foi a pobreza que mais me chocou, e sim a riqueza de solidariedade daquela família. A felicidade que emanavam em estarem juntos e poderem compartilhar a comida e, ao contrário do que eu esperava, não estavam chorando pelos cantos por não terem o que comer. Foi aí que todo o “quebra-cabeça se uniu na minha mente”: aquela comunidade não precisava de carros, casas milionárias, de faculdade! De imediato, precisavam de comida, de dignidade! Isto me faz lembrar Demo (1998, p. 5) que diz que “*o maior problema das populações pobres não é propriamente a fome, mas a falta de cidadania que os impede de se tornarem sujeitos de história própria, inclusive de ver que a fome é imposta*”. Ainda hoje percebo o quanto intelectuais, iguais a mim na época, possuem a postura de ir às comunidades e achar que podem resolver seus problemas, dizendo e definindo quais são. Chegam nas comunidades com uma postura arrogante, com discursos democráticos e ações autoritárias, desconsiderando os verdadeiro anseios, desejos, necessidades e sonhos das pessoas que ali vivem, simplesmente porque não possuem a humildade de perguntar.

E eu recebia a resposta sem sequer perguntar, pois recebi um banho de solidariedade, uma lição de vida de um menino de sete anos. Eu, que havia passado na seleção diante de duzentos candidatos, que havia conseguido passagens de avião de ida e volta, que podia comer comida boa todos os dias, dormir numa cama sozinha e usufruir de todos os benefícios do Programa Universidade Solidária. Naquele momento me senti como no *Poema em Linha Reta* de Fernando Pessoa (2007, p.85-87):

(...) E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
 Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
 Indesculpavelmente sujo,
 Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
 Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
 Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
 Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
 Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
 Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
 Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
 Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
 Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
 Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
 Para fora da possibilidade do soco;
 Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
 Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.
 Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
 Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida...(..)

A partir da indignação comigo mesma e do meu profundo espanto com aquele mundo, passei a me questionar: O que é que eu realmente estava fazendo ali? A necessidade de quem eu estava reconhecendo? O que precisavam realmente aquelas pessoas? O que precisavam de

mim? Do programa? Da minha cultura acadêmica? Que Universidade Solidária era essa? Qual conceito de solidariedade nos movia? Nós, os solidários e autoritários!

A “duras penas” eu fui forçada a descobrir o quanto o mundo deles era diferente do meu. Na realidade, eu não pensava que seria tão sério lidar com a vida das pessoas. Eu achava que o trabalho seria: chegar na comunidade, fazer o trabalho árduo com muita técnica e ir embora com a sensação do dever cumprido. Eu queria sentir somente a mesma sensação que eu senti quando eu passei no vestibular e agradei meu pai.

Percebi que até então eu acreditava que os valores desta sociedade capitalista eram ideais para mim e para aquela ou qualquer outra comunidade, sem avaliar que comunidade era, que cultura, costumes e organização social possuíam. Diante desse fato me senti impelida a tomar uma decisão. Eu, como futura educadora, não poderia agir assim, impondo meus valores, senão estaria trabalhando a favor da perpetuação desta sociedade desigual, a qual estava começando a questionar.

A partir de meus choques e espantos, passei a refletir sobre a pertinência dos projetos que trazíamos com o intuito de ajudar a comunidade e constatei que pouco trariam de significativa para ela. Pois quando fôssemos embora, após os 23 dias de trabalho, possivelmente tudo voltaria a ser como antes. Além disso, eram projetos assistencialistas, descontextualizados e alienados, voltados à limpeza da cidade, a formação de professores de biologia, a higiene no trabalho das merendeiras, etc. Não que estes assuntos não fossem importantes, mas não atingiam o cerne de seus problemas sociais e, além disso, nós não havíamos sido preparados para tratar estes temas de forma complexa e contextualizada, promovendo reflexões na comunidade. Noto agora que o Programa Universidade Solidária, desde a nossa seleção e preparação, não teve a preocupação com a nossa preparação psicológica e técnica. Havia tantas psicólogas e pedagogas envolvidas para nos selecionar que o foco das ações se perdeu. Processos deste tipo ainda fazem com que muitos jovens, após participarem de ações assistencialistas, acabem por acharem-se incapazes e frustrados, tanto quanto eu me senti naquele momento, se percebendo como únicos responsáveis por suas ações.

Sobre as atividades que realizávamos, para dar um exemplo entre tantos: uma de minhas atividades era a de organizar e ministrar um curso para os professores de biologia, no qual, eu deveria, entre outras coisas, ensiná-los a confeccionar alguns materiais pedagógicos que os ajudassem em suas aulas. Na primeira aula iniciei ensinando como fazer uma maquete de uma célula animal e outra de uma célula vegetal, considerando o tema o mais elementar no mundo da biologia. Mas para a minha surpresa alienada, os professores não sabiam a

diferença entre estas duas células. Eles se maravilharam com as maquetes e disseram:- *Agora, olhando, dá pra entender as figuras que vemos nos livros.* Foi então que eu perguntei: - *Mas como? Vocês não dão essa matéria?* E uma professora respondeu: - *Sim, mas no livro não dava para entender direito.*

É triste observar o quanto este tem sido a função do livro didático. Qual seja? Servir de aula para professores que não foram instruídos nem para ler as figuras. Então eu tinha passado uma aula inteira falando algo que eles nem sequer entendiam. Ali, o problema não era só deles, era meu também, na medida em que eu cheguei impondo o que eu considerava pertinente sem sequer perguntar a eles o que achavam. Afinal, para quem eu estava falando? Esse era o meu modelo de aula: Falar para mim mesma. E isso para mim era educação. E que horrível que era!

Diante do meu fracasso didático e pedagógico como educadora e sem saber como explicar a origem do mesmo, só conseguia pensar: Como pessoas que pouco comem, vão se preocupar com o desastre estético do lixo nas ruas? Como os professores de biologia utilizariam os materiais didáticos que eu queria ensinar, se lhes faltava preparo teórico?

Sem nenhum acompanhamento psicológico ou de qualquer outro tipo, após o duro despertar da minha consciência, vivenciei o sentimento de fracasso por ter percebido tarde demais que eu não havia ajudado ninguém na comunidade a não ser eu mesma. Vejo que seria bem mais fácil para mim, naquele momento, desistir de tudo, deixar de me preocupar com os outros e só me preocupar comigo mesma. Com essa mesma postura, ainda hoje, é possível encontrar muitos educadores. Isso porque, depois de vivenciarem tantas realidades duras na vida de seus alunos, não ganham apoio psicológico e nem a ajuda dos colegas de trabalho e diretoria das escolas para realizar ações buscando mudanças positivas na realidade escolar. Assim, para conseguirem sobreviver em um mundo tão duro, acabam por agregar muitas funções, como a de psicólogas, assistentes sociais e de pais e mães. Muitos educadores perdem seus sonhos e utopias em meio às cargas excessivas de trabalho, que podem chegar a 60 horas semanais, e ainda buscam conciliar seu trabalho com suas vidas familiares. E para acharem algum sentido em seus trabalhos, acabam centrando suas ações na recompensa de seus mínguaos salários. Muitos, não achando outro sentido, fazem um tipo de pacto com o sofrimento. Como bem nos lembra Freire (1992, p.11) que,

... sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desdereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero.

Muitos educadores, sem esperanças, continuam trabalhando sem sonhos e motivações, com alunos desinteressados, ganhando pouco e ainda assim sem se imaginar fazendo outra coisa. Além de carregarem consigo o sentimento constante de impotência que acomete as pessoas que lutam sozinhas. Assim, fecham seus olhos e ouvidos e perdem seus sonhos, e não raro ouvimos um educador dizer: - *Eu não ganho para isso!* E eu acredito que realmente não ganham, por tudo o que já mencionei acima. Assim como nos diz Freire & Shor (1987, p.48), “se o professor não pensar em termos de graduabilidade, pode cair na cilada imobilizadora de dizer que ou tudo é mudado de uma só vez, ou não vale a pena tentar mudar nada”. E, portanto, acabam por alienarem-se de suas próprias imobilidades.

A partida de Porto da Folha foi muito traumática para mim. No dia de ir embora, as pessoas com as quais mais convivíamos foram se despedir e choraram muito. A impressão que dava é que nos viam como a esperança que estava pronta para abandoná-los. E foi assim que eu me senti: abandonando aquela comunidade. Pois depois de tudo que vi, dos choques que tive, não pude fazer nada para melhorar aquelas vidas. Entre outras coisas, Zé Marcinho continuaria comento farinha com café preto, sem luz, nem água potável. Os professores continuariam não entendendo os livros didáticos e mesmo assim, os utilizando para dar aulas de ciências. Por fim, a prefeitura continuaria definindo as prioridades da comunidade para as próximas equipes do Programa que viessem se “solidarizar” com eles.

Aquela imagem e essa culpa nunca me deixaram, mas hoje em dia vejo que aquela experiência não foi em vão, ela serviu para me despertar para as questões sociais e para a complexidade do mundo. Não pude ajudá-los como gostaria, mas os agradeço por terem me despertado da alienação, ou ao menos parte dela.

Ao voltar para Porto Alegre, não pude ignorar e esquecer toda aquela experiência e isso me gerou muito sofrimento. Percebi enfim que não era superior, como cheguei a pensar quando passei na seleção, mesmo que este pensamento não fosse consciente em mim. Sofri pela sensação de impotência, pelo meu despreparo que me impediu de tê-los ajudado como eu gostaria. Sofri por ter descoberto um Brasil tão diferente do qual eu vivia. Sofri pela miséria do mundo, pela minha omissão ao mundo que eu até então desconhecia. Durante meses questioneei severamente minha vida, meus valores, minha profissão. No entanto, ao entender que não poderia mudar o mundo de uma vez só, comecei por mim mesma, para então poder fazer alguma coisa pelos outros. Concomitantemente, passei a reparar mais nas pessoas, na minha família, meus amigos, suas relações e pensamentos sobre o mundo. Comecei a prestar atenção nos valores das pessoas mais próximas, e percebi como estes determinavam a maneira como lidavam com os outros e com o meio.

No fim de 2002, fui convidada para retornar com o Programa Universidade Solidária para Porto da Folha. Entretanto não aceitei, pois aquele convite trouxe à tona muitas questões e sentimentos que nem terminara de compreender e muito menos aceitar. Não poderia voltar, estava com medo. Aquela não era mais uma viagem a passeio, para ir com tudo pago a Sergipe como muitos pensavam e eu anteriormente também. Ao contrário, para mim seria muito duro voltar, rever aquelas pessoas nas mesmas necessidades e mais uma vez retornar sem ter realmente as ajudado. Mesmo com todo o sofrimento procurei manter os vínculos através do contato com algumas pessoas de Porto da Folha. Esse contato, além de me alegrar muito, me trás sempre novas descobertas e possibilidades de ajuda mútua. De alguma forma, sinto que consegui ajudar ao menos duas pessoas, a Suzi e o Andinho, os quais eu procurei incentivar a buscarem seus sonhos, os quais eram o de sair de Porto da Folha e de cursar uma faculdade.

Muitas mudanças ocorreram na minha vida após a experiência de Sergipe. Naquela época eu fazia um estágio de iniciação científica há dois anos no Laboratório de Histofisiologia Comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Neste estágio, eu estudava isquemia cerebral em ratos e minha principal tarefa era anestésiar ratos e depois abri-los enfiando uma cânula em seu coração para que o líquido que eu injetava pudesse fixar o tecido cerebral. Feito isso, eu cortava suas cabeças, pegava seus cérebros e fatiava. O pior vinha depois, quando era a hora de ver os resultados e ler milhares de artigos sobre algo que eu nem enxergava direito. Eu não agüentava mais aquela rotina e achava que a falta de interesse que eu tinha sobre o assunto era burrice e preguiça da minha parte. Uma das mudanças foi ter percebido, sem ter mais como fechar os olhos, que eu e aquele estágio não tínhamos nada em comum e que a única coisa que me segurava era a bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS. Permaneci por dois anos achando que eu não era competente o bastante para trabalhar com fisiologia. Até que a volta de Porto da Folha me fez rever minha vida e meus caminhos. Naquele mesmo mês saí do laboratório.

Fiquei quase um ano sem estágio e naquele período só me preocupava com o que eu faria depois que me formasse. Uma vez que eu havia saído do estágio, não possuía mais perspectiva de mestrado e nem de coisa alguma. Assim, à medida que se aproximava a minha formatura, comecei a ficar desesperada quanto ao meu futuro profissional. Queria fazer mestrado, mas não sabia em que área. Comecei a me informar sobre diversas áreas e visitar alguns laboratórios pois, naquele momento, já não sabia mais o que queria fazer.

Formei-me em junho de 2003 e ainda não tinha nenhuma perspectiva, nenhum plano profissional. A pressão em casa foi aumentando. Minha mãe me perguntando a todo o momento o que eu iria fazer da minha vida, dizendo que em casa eu não poderia ficar. Já estava aceitando qualquer proposta e “atirando para onde o destino me apontasse”. Foi aí que, através do intermédio de uma amiga que trabalhava no Laboratório de Fitossanidade da UFRGS, que comecei a freqüentá-lo. Neste laboratório trabalhavam com pesquisas sobre transgênicos, e logo me envolvi com uma pesquisa sobre arroz. Comecei a acompanhar algumas disciplinas do mestrado de agronomia, como a de fitopatologia molecular. Quase não compreendia nada do que era ensinado e não me imaginava no futuro trabalhando com aquilo. Diferentemente do orgulho dos meus pais, não me sentia feliz com o trabalho.

Em menos de dois meses de atividade, o orientador do laboratório me convidou para fazer mestrado com ele, me disse que já tinha um projeto muito bom para mim e com bolsa. Para a minha família, aquela proposta era tudo o que esperavam de mim: projeto sobre transgênicos (assunto muito em voga atualmente), bolsa de mestrado e, na UFRGS! Assim, a princípio aceitei. Naquela época nem passava pela minha cabeça o quanto eu deixava que as pessoas sonhassem por mim.

Com o passar dos meses o sentimento de estar sempre deixando a vida me levar começou a me inquietar. Meus caminhos até aqui foram sempre fáceis, nunca precisei lutar realmente por algo que eu queria porque eu sempre optava pelo que se apresentava, o caminho mais fácil. No entanto uma “pulga se instalou atrás de minha orelha” durante um encontro com um amigo, no qual o mesmo mencionou sobre o mestrado em Educação Ambiental na FURG e sobre um novo projeto de conservação das Tartarugas Marinhas que iria iniciar em uma instituição chamada NEMA⁴, a qual eu até então não conhecia. Na hora pensei que aquele mestrado poderia ser uma saída alternativa para mim, o desvio de minha rota segura, monótona e cheia de angústias. Lembrei-me o quanto havia gostado de trabalhar com educação ambiental durante meus estágios no Projeto TAMAR. Trabalhava diretamente com pescadores e estudantes de comunidades pesqueiras, pessoas com as quais eu me identificava e me interessavam, tanto por sua cultura quanto pela forma como se relacionavam

⁴ O Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA é uma Organização Não-Governamental, sediada no Balneário Cassino em Rio Grande. Foi fundado em 1985 e desde então desenvolve projetos continuados, principalmente na região costeira do Rio Grande do Sul. Suas ações estão voltadas para as áreas de educação, monitoramento, pesquisa e conservação ambiental com vistas à gestão.

com a natureza e com as pessoas da comunidade. Pessoas simples, francas, resistentes e abertas para o diálogo. Na verdade, a EA que conheci nestes projetos era bem diferente do que considero EA hoje em dia. Ao menos no que diz respeito à motivação da ação educativa, a qual se limitava apenas a conservação das tartarugas marinhas, sem contextualizar este objetivo com a realidade das pessoas que participavam do processo, sem ouvi-las. De qualquer forma, foi através daquelas experiências que tive meu primeiro contato com a EA, a qual para mim resumia-se a palestras informativas sobre a conservação dos animais. Não que eu não acredite que esta seja uma forma de fazer EA, mas limitar-se a ela é o que hoje me dia me incomoda, mas antes não.

Foi então que decidi largar tudo e tentar o mestrado de EA na FURG. Claro que esta decisão não foi fácil. Tive que enfrentar a resistência de meus pais, mas principalmente a minha resistência ao novo e incerto. Desisti da bolsa na UFRGS e vim para Rio Grande fazer a prova do mestrado. Nem sei bem se naquele momento eu tinha tanta certeza assim do que eu queria, sei que a certeza que eu tinha era do que eu não queria.

Com minha vinda a Rio Grande, também aproveitei para conhecer o NEMA e me informar sobre o projeto de conservação das tartarugas marinhas que iniciaria. Conversei com o Renato Carvalho, que na época era o diretor do NEMA e expus o meu interesse em, se eu passasse no mestrado, trabalhar no Projeto Tartarugas Marinhas. Afinal, meu pré-projeto para seleção no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental - PPGEA seria para pesquisar se as tartarugas marinhas eram um signo para os pescadores da região sul do Rio Grande do Sul e de que forma elas eram significadas por estas comunidades.

Assim, em Rio Grande, durante dois meses me dediquei à leitura da bibliografia sugerida e outras mais. Foi a partir desse estudo que minha visão da EA se ampliou. Foi impressionante como os livros fizeram com que eu me apaixonasse pelo tema. Lembro que a cada leitura sentia como se raios de luzes fizessem conexões heurísticas em minha mente. Passei a acreditar que era na EA que eu queria me construir e constituir.

Mas infelizmente, não foi naquele ano que passei na seleção do mestrado. Por esse motivo, voltei pra casa, voltei para Porto Alegre... Sem mestrado, sem bolsa e sem emprego... Foi péssimo. Mas não demorou muito para o pessoal do NEMA me ligar me convidando para integrar o Projeto Tartarugas Marinhas do Litoral do Rio Grande do Sul. Aceitei na hora, apesar de ter um pouco de receio, afinal, eu seria contratada para cuidar de todas as ações de EA do projeto. Seria meu primeiro emprego e em algo que eu quase não tinha experiência, apenas muita vontade de aprender. Acho que eles já sabiam disso, mas resolveram apostar em mim. Sorte a minha!

1.2 Um pouco de mim no NEMA

Cheguei ao NEMA em março de 2004, sem idéia do que esperavam de mim e com um leve pré-conceito sobre ONGs. Digo leve, porque este não me impediu de aceitar a proposta, pois creio que tinha mais necessidade do que preconceito. Durante a faculdade eu nunca estive em contato com uma ONG e o que ouvia falar sobre elas sempre me remetia à idéia de trabalho informal, de um bando de “bichos-grilo” trabalhando em situações precárias, sem organização. E agora pensando, quão sérias são as imagens formadas no preconceito. Pois ao chegar ao NEMA nenhuma delas permaneceu a me rondar. Lembro-me de ficar espantada que no NEMA existiam computadores e pessoas trabalhando neles. Que existiam profissionais formados de diversas áreas, mestres e doutorandos trabalhando em projetos diversos e comprometidos com o bem estar social e ambiental. Em pouco tempo de convivência pude perceber o quanto tinham de responsabilidade e sonhos. E eu, chegando sem nenhuma experiência, só queria “sugar” tudo o que pudesse, me informar sobre tudo e aprender tudo muito rápido. Eu também tinha sonhos e logo queria ter responsabilidades.

Lembro-me da primeira pessoa que me recebeu no NEMA, o Renato. Certa vez, ele me deu uma carona na qual conversamos sobre trabalho, mas não lembro bem o quê, mas lembro até hoje de algo que eu disse: - *Eu gostaria de fazer algo que fizesse a diferença no mundo, algo realmente bom!* Lembro também de ter me sentido meio desconfortável com o que havia dito, me senti como alguém inexperiente sendo deflagradamente utópica, ainda mais por estar falando isso para alguém com muita experiência profissional. O imaginei pensando: - *Pobre, nem sabe o que é trabalhar ainda e já quer mudar o mundo!* Não que eu acredite que ele tenha pensado isso, e sim que foi um pensamento reverso meu, de recriminação ao meu próprio desejo. E era exatamente aquilo que eu queria: fazer algo que fizesse a diferença. Não sabia como, onde, nem quando, mas queria já. Para mim isso era um sonho possível, mesmo que sua realização fosse impossível de imaginar naquele momento.

Mesmo eu já fazendo parte do Projeto Tartarugas Marinhas, minha função no NEMA inicialmente foi a de reconhecer o ambiente, participar das atividades dos outros projetos para conhecer o trabalho e a filosofia da instituição. Então nos dois primeiros meses fiz saídas de campo, assisti palestras, auxiliei em algumas atividades de EA e li alguns livros de EA, inclusive o livro publicado pelo NEMA chamado *Ondas que te quero Mar: educação*

ambiental para comunidades costeiras, o qual apresenta uma proposta interdisciplinar de Educação Ambiental envolvendo ciências do ambiente, arte e educação psicofísica⁵.

Logo a falta de ação começou a me incomodar, não queria mais ficar olhando em volta, queria colocar a mão na massa! Até porque, quando iniciei meus trabalhos fui alertada que seria cobrada como uma profissional. Este alerta me rendeu muita ansiedade e uma leve pressão. Não imaginava o que era ser profissional, não imaginava que tipo de cobrança viria e tinha muito medo em não corresponder as expectativas. Assim, logo o NEMA se tornou minha segunda casa, passava a maior parte do tempo do meu dia trabalhando, tentando “virar” uma profissional. E ser profissional até então para mim, estava relacionado apenas a horas de trabalho e dedicação.

Realmente tinha muito que aprender, pois ainda não me sentia segura para encarar o desafio que estava por vir. O desafio era o de planejar e realizar atividades de educação ambiental nas escolas inseridas em comunidades costeiras de Rio Grande, São José do Norte, Tramandaí e Torres/RS. Para elaborar as atividades baseei-me na metodologia do Projeto Ondas Que Te Quero Mar (Crivellaro *et al.*, 2001), do NEMA. Além de poder contar com o auxílio de duas das autoras do livro: Carla Crivellaro e Rita Rache.

Lembro-me que me sentia muito sozinha em minha função, pois no Projeto Tartarugas Marinhas só havia eu para pensar e executar as atividades de EA. Mesmo existindo no NEMA um projeto específico de educação ambiental, o *Ondas que te quero mar*⁶, o qual possuía uma boa equipe pensando e fazendo EA, minha aproximação com esse projeto foi muito lenta, por incrível que pareça. Acho que eu queria provar para mim mesma que eu conseguia pensar a EA sozinha. Afinal, eles haviam me contratado para isso. Acreditava que esse era o meu papel

⁵ Gustav Theodor Fechner, filósofo alemão foi o inventor do termo psicofísica. Para Fechner, o físico e o psíquico não seriam realidades opostas, mas aspectos de uma mesma realidade. A partir disso, muitas ciências passaram a utilizar este conceito, principalmente a psicologia. No caso do termo educação psicofísica, mencionado no texto, este refere-se, segundo Crivellaro et.al. (2001), a uma proposta complementar à educação física, abrindo-se no sentido do ser integral. Aborda a dimensão humana através de práticas que levam a consciência psicofísica, ao estreitamento de laços afetivos, à ampliação da sensibilidade e criatividade e ao afloramento das potencialidades latentes. As técnicas empregadas permitem a associação de valores e conceitos e a conexão com conteúdos pedagógicos de diferentes áreas do conhecimento.

⁶ Projeto Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras é o projeto de educação ambiental do NEMA, iniciado em 1987. Ingressei este projeto após mais de um ano trabalhando no NEMA. A partir disso, tive experiências de EA no campo de formação de professores, EA nas escolas municipais do Rio Grande, assessoria às empresas locais e na formação de um grupo de mulheres do bairro Getúlio Vargas para confecção de papel reciclado.

como profissional: ser auto-suficiente. Demoraria mais ainda para eu ver que era bem ao contrário...

Iniciei as atividades de EA percorrendo algumas escolas das comunidades pesqueiras do Rio Grande e de São José do Norte. As atividades consistiam de exercícios respiratórios, buscando a consciência corporal; palestra sobre as tartarugas marinhas; Hora do Conto, onde eu contava a história da tartaruga Midas, uma história infantil que criei para tratar da importância do cuidado no manuseio com as tartarugas marinhas que se afogam nas redes de pesca; e uma atividade de artes na qual utilizávamos argila, pintura ou desenho para retratar algo que havia chamado a atenção sobre a vida das tartarugas marinhas.

Foram cinquenta atividades em cinco escolas e mais de mil crianças envolvidas. Números ótimos para relatórios, mas eu não estava satisfeita. Achava muito ruim realizar quatro atividades por dia e ficar limitada pelo tempo. Eu achava importantíssimo fazer essas atividades nas comunidades pesqueiras, poder falar sobre a pesca e as tartarugas, ouvir histórias, conhecer a realidade de cada lugar visitado, poder levar atividades diferentes e ver eles se divertirem trabalhando em grupos. O que eu sentia falta de verdade era de continuar o trabalho, de não resumi-lo a um encontro. Infelizmente não tínhamos tempo, nem orçamento para fazer o trabalho como desejávamos, além disso, eu já estava sentindo o cansaço de trabalhar sozinha, as idéias aos poucos foram sumindo e as motivações também. Comecei a questionar se aquelas atividades poderiam ser consideradas de educação ambiental.

Nos livros que eu lia sobre EA, sempre estava ali, dentre outras atribuições: a EA é uma educação política e deve ter caráter continuado. Política, eu até diria que a atividade era, afinal, tinha um intencionalidade, que no caso, era a de fazer os estudantes conhecerem as tartarugas e preservá-las. Por outro lado, de caráter continuado as atividades não tinham nada. A dúvida se eu estava ou não fazendo EA com aquelas atividades me rondou por muito tempo. Pensava também que, se meu trabalho realmente era de educação ambiental, será que eu não estava realizando uma educação alienada que se preocupava apenas com a sobrevivência do meio natural? E sei que só consegui me perguntar isso justamente pela experiência que tive em Porto da Folha.

Bom, essa resposta não veio fácil, e nem tenho certeza se eu me satisfaço com ela, mas ela me deu um sentido, me fez dar um sentido para minhas ações de EA, por mais simples ou pontuais que fossem. O que eu me respondi foi que, com aquelas atividades de EA, as crianças puderam conhecer coisas novas, re-conhecer as tartarugas-marinhas em outro contexto. Vivenciaram coisas novas, atividades que mexiam com o corpo, que necessitavam de empenho e concentração e não eram nada parecidas com as que eles faziam nas aulas de

educação física. Eles ouviam histórias e contaram suas histórias a partir da história que eu trazia. Lembro-me agora que um ano depois voltei a duas das escolas que havia feito as atividades e para a minha surpresa muitos alunos me abordaram dizendo: - *É a tia das tartarugas!* Ou: - *Tia, tia! O meu pai pegou uma tartaruga esses dias e soltou!* Ou os mais desafiantes: - *Tia! Sabes que eu comi carne de tartaruga esses dias?* Estas frases mostram que de alguma forma, aquelas duas horas em que passamos juntos os marcou. Isso também não quer dizer que o ato político que intencionávamos se concretizou como nos mostra a última das frases.

Com essa resposta acalmei meu coração, porque eu sabia que nas atividades sempre busquei contextualizar os temas que eu trazia com o meu conhecimento da realidade de comunidades pesqueiras. Além de ter buscado sempre transmitir meu interesse nos estudantes, no que eles tinham a dizer e a pintar. A partir daí, me dei conta que não importava de que animal falaria, (sem negar a força carismática que as tartarugas marinhas possuem) importava sim como eu falaria, que linguagem usaria e se me disporia a ouvir e trocar.

Depois, nos livros, achei diversos conceitos de EA, todos muito elaborados e abrangendo tantas atribuições quanto fossem possíveis de idealizar. Assim, logo compreendi que, se eu colocasse como meta profissional abranger em minha prática todas as atribuições dos diversos conceitos, estaria fadada ao fracasso e a desilusão. Percebi isso, depois de muito relutar comigo mesma, de me frustrar ao comparar a teoria à minha prática. Compreendi que o fazer educação ambiental se reinventa a todo o momento, a cada situação e contexto, e o que importa realmente para mim é o sentido que eu emprego, é que minha ação tenha a intenção de mudança, rumo a uma comunidade justa e solidária. Importa também que eu esteja disposta a aprender e ensinar, disposta a construir junto, respeitar o outro e transmitir amor. E quando falo em comunidade solidária, remeto minha memória ao Programa Universidade Solidária, o qual utilizava a solidariedade como *slogan* de suas ações. Este fato me fez pensar e refletir que conceito eles tinham de solidariedade e por qual conceito eu estava querendo me guiar? Entendi que o conceito de solidariedade por si só não significa que as ações dele decorrentes sejam solidárias, assim como ocorre com tantos outros conceitos empregados sem reflexão, quando só se pensa no seu impacto ideológico. Assim, pra mim, solidariedade não é sinônimo de assistencialismo, nem do jogo de poder entre os que ajudam e os que são ajudados. Mas sim, é sinônimo de respeito, de compreensão, de ajuda mútua, de cumplicidade, do esforço de atentar ao outro e de estar sempre disposto a aprender com, falar com e ouvir o outro. Vi que existe um grande espaço para a solidariedade na EA, uma vez que

a EA não deve subjugar, mas chamar para a luta a partir do aprendizado construído coletivamente e para isso, não impor problemas nem soluções.

Aprendi isso durante minhas vivências dentro e fora do NEMA. Pois foi o trabalho no NEMA que me proporcionou vivências tão distintas quanto desafiantes. Durante os quatro anos que me envolvi não somente com o Projeto Tartarugas Marinhas, mas também com o Projeto Ondas que te quero mar, Projeto Costa Sul⁷ e Projeto Taim⁸, pude conhecer diversas comunidades e culturas, seus conflitos e embates. Pude também contar com a experiência dos meus colegas de trabalho. Fui aprendendo a contar com o outro, a perceber que se faz mais e melhor com a ajuda do outro. Aprendi que não gosto de hierarquia, esse jogo de poder no qual as pessoas ou podem mais, ou podem menos. Aprendi que trabalho melhor com pessoas que valorizam minha opinião e fazem do grupo de trabalho realmente um grupo, valorizando cada um e buscando o crescimento conjunto. Aprendi que ser profissional é sim ter responsabilidades e buscar cumpri-las, é ter sonhos e comprometimento, é ter respeito pelas pessoas que estão a tua volta e valorizá-las, mas principalmente é ter humildade ao lembrar sempre que há muitas coisas para aprender com a vida, com o outro e com os erros.

1.3 Minha história no GAB

Era uma vez..... Outra vez....

Aqui começo a narrar a minha história dentro do Grupo de Artesãs da Barra. Na verdade, toda essa dissertação conta essa história, senão de forma direta, conta como fui e estou sendo na história deste grupo e como este grupo foi e está sendo na minha história. Esta é uma história de transformações e sonhos. Transformações através da educação em um espaço onde todas nós aprendemos e ensinamos, onde cultivamos e exercitamos o amor, o respeito, a união e o acolhimento.

Durante o curso do mestrado muitas vezes contei esta experiência em palestras, reportagens de jornal e congressos. Uma das vezes foi no Fórum Paulo Freire realizado na

⁷ Projeto iniciado em 2005, em uma parceria entre o NEMA, a FURG, FAURG e BID. Minha participação no projeto se concentrou na área de ecoturismo e artesanato, onde pude trabalhar com envolvimento comunitário e fomentar ações de ecoturismo e artesanato em comunidades como a Ilha dos Marinheiros e a 4ª Seção da Barra, ambas em Rio Grande. A partir disso, pude vivenciar e aprender com grupos bem distintos, um era a Associação dos Vagoneteiros do molhe oeste e o outro, a comunidade da Ilha dos Marinheiros.

⁸ No projeto Taim: Banhado de vida, participei das atividades de desenvolvimento do artesanato local envolvendo as mulheres das comunidades do entorno da Estação Ecológica do Taim. Neste trabalho o objetivo foi, através da valorização da biodiversidade e das belas paisagens locais, buscar desenvolver com as mulheres da comunidade, um artesanato que representasse estas belezas, fazendo parte da identidade local e se tornando uma fonte de renda.

FURG em 2007, no qual a proposta era contar esta experiência na perspectiva do pensamento de Paulo Freire. Devo admitir que o convite para o fórum foi-me carinhosamente imposto pela minha professora Maria do Carmo, ao nos cruzarmos nos corredores da universidade. Este convite gerou-me certo desconforto por dois motivos: um, por eu só ter tido contado superficial com o autor, durante a faculdade e; dois, devido ao fato de eu não conhecer a obra do autor, nem imaginava por onde começar a contar essa história. No entanto, aceitei o desafio e resolvi me aprofundar na leitura do livro *Pedagogia da Autonomia*, para contar nossa experiência. Nas apresentações dos trabalhos, feitos oralmente em salas pequenas e com um professor facilitador, resolvi chamar algumas mulheres do grupo para apresentá-lo comigo. A apresentação foi fantástica. As pessoas da sala se mostraram receptivas e interessadas em perguntar. Por outro lado, as mulheres mostraram-se à vontade dialogando com “pesquisadores”, e por nenhum momento se intimidaram desvalorizando suas vivências. Achei a postura das mulheres muito interessante, pois denotava que estavam com a auto-estima elevada e reconheciam a importância de suas histórias. No decorrer do texto vocês perceberão que esta postura nem sempre foi assim...

A partir deste Fórum e das considerações dos colegas sobre a experiência com o GAB, percebi que nossa vivência de educação e transformação muito tinha a ver com o pensamento de Paulo Freire. Por isso, trago novamente ao texto, o pensamento utópico e o sentimento de esperança da obra de Paulo Freire, para que me ajude a recontar esta história. Não pretendo com isso, validar a experiência, ou classificá-la como “freiriana”, pretendo apenas nortear o meu pensar baseando-me na educação transformadora. Para isso, ninguém melhor que Paulo Freire para me fazer refletir o que é educação para mim e o que é educação dentro do GAB.

Em 2003, nasce no NEMA, em parceria com o Projeto TAMAR⁹, o Projeto Tartarugas Marinhas no Litoral do Rio Grande do Sul. Era a primeira vez que o NEMA propunha trabalhar com um projeto de conservação das tartarugas marinhas. Neste momento, a experiência de 23 anos do Projeto TAMAR, foi muito importante para que se estruturasse o

⁹ O nome TAMAR foi criado a partir da contração das palavras “tartaruga marinha”. Este projeto surgiu na década de 80, desde então, o Projeto TAMAR passou a designar o Programa Brasileiro de Conservação das Tartarugas Marinhas, que é executado pelo IBAMA, através do Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisa das Tartarugas Marinhas (Centro TAMAR-IBAMA), órgão governamental; e pela Fundação Centro Brasileiro de Proteção e Pesquisas das Tartarugas Marinhas (Fundação Pró-TAMAR), instituição não governamental, de utilidade pública federal.

projeto. Assim, as ações de educação ambiental com comunidade foram pensadas utilizando como base os trabalhos desenvolvidos pelo TAMAR. Uma das principais ações do Projeto TAMAR nas comunidades está relacionada à geração de renda, como alternativa às famílias de pescadores. Este objetivo surge pelo fato de muitos pescadores ganharem dinheiro com a venda do casco e da carne das tartarugas marinhas. Portanto, capacitar as mulheres da comunidade em atividades artesanais, proporciona o surgimento de uma fonte alternativa de renda para as famílias, que substitui a renda obtida com a matança de tartarugas. Com a mesma idéia, foi proposto pelo Projeto Tartarugas Marinhas – NEMA, que fossem realizados cursos de capacitação em artesanato para as mulheres das comunidades pesqueiras do Rio Grande. O que nós não sabíamos era que o sucesso que o TAMAR obtém nas suas atividades com capacitação artesanal provém também do fato de que o mesmo compra grande parte da produção dos grupos comunitários atendidos pelo projeto. Nós, do NEMA, não poderíamos fazer o mesmo. Então, a pergunta era: Como motivaríamos aquelas mulheres?

Como mencionei anteriormente, em outubro de 2004, o Projeto Tartarugas Marinhas, chega à 4ª Secção da Barra do Rio Grande, com intuito de convidar as mulheres da comunidade para participarem de cursos de artesanato. Assim, espalhei cartazes pela comunidade, visitei as escolas e falei com os alunos sobre o primeiro curso que seria realizado, o de Educação ambiental, o qual visava promover a integração das mulheres e informá-las sobre a biologia e ecologia das tartarugas marinhas. Os outros três cursos seriam de artesanato: modelagem de tartarugas marinhas em biscuit, pintura em tecido e corte e costura. O objetivo inicial desses cursos era capacitar as mulheres na geração de uma fonte alternativa de renda para suas famílias, utilizando o tema tartarugas marinhas como fonte de inspiração. Mas ao longo do tempo este objetivo foi mudando e se ampliando, agregando valores impossíveis de se imaginar no início.

Minha principal tarefa, inicialmente, era instrumental. Divulgava os cursos, comprava os materiais, fazia contato com os ministrantes e orientava-os sobre o trabalho. Até então não via em minhas ações nenhuma intenção educativa. Assim, como parte da minha formação, assisti junto com mais 36 mulheres da comunidade, ao curso de educação ambiental, ministrado por outros técnicos do NEMA. Durante o curso foram realizadas muitas atividades psicofísicas, de integração, atividades de arte para desbloqueio da criatividade e uma palestra sobre as tartarugas marinhas.

Lembro-me das mulheres se divertindo muito com as atividades psicofísicas e até hoje elas comentam sobre o quanto gostaram. Baseando-me nos comentários das mulheres, percebo que utilizar estas atividades no início dos trabalhos foi muito importante. Permitiu

que elas “quebrassem o gelo” e se identificassem umas com as outras, de alguma forma, ao cooperarem, ao se tocarem, se abraçarem e rirem juntas.

Após o curso de EA, em novembro e dezembro, foi ministrado o curso de modelagem em biscuit com 26 mulheres. Neste curso, elas aprenderam a produzir e manusear a massa de biscuit além de modelar as três espécies de tartarugas marinhas mais comuns na região. Este curso foi ministrado por uma artesã local, chamada Mary Betty. Minha tarefa foi a de instruir as mulheres quanto aos detalhes morfológicos de cada uma das tartarugas. No entanto eu tinha plena consciência que não sabia modelar nada e tinha a maior curiosidade em aprender. Assim, também virei aluna da Mary Betty. Como sempre tive muita habilidade manual, aprendi rápido e pude com isso, ajudar as mulheres, explicando na prática como eram as placas sobrepostas da tartaruga de pente, por exemplo. A partir daí, acredito que minha relação com elas foi se estreitando. Errávamos e acertávamos juntas, aprendíamos juntas. Assim o distanciamento que havia, entre a bióloga e as mulheres da comunidade da Barra, foi se tornando menor...

Ainda em dezembro de 2004, seguindo o cronograma do Projeto Tartarugas Marinhas, realizamos o curso de corte e costura com nove mulheres. Durante este curso aprendemos a fazer almofadas e bolsas com moldes de tartarugas marinhas. Notei neste curso, uma grande redução no número de mulheres comparado ao curso de biscuit. Preocupe-me com o motivo desta baixa, e perguntei para as mulheres presentes se elas sabiam o que poderia ter acontecido. Elas disseram que muitas já sabiam costurar e outras não se interessavam em aprender, por isso não haviam ido ao curso. Bom, mas seguimos aprendendo juntas. Eu, desta vez, enfrentei a minha falta de habilidade com a máquina de costura. Para terminar minha almofada contei com o auxílio da Susana, uma das participantes que já tinham prática de costura. Lembro que foi a partir deste curso que comecei a lembrar de cor os nomes das mulheres. Por isso, é que só a partir deste momento do texto é que comecei a nomeá-las.

Nossos encontros semanais mostraram não serem apenas momentos de aprendizado de técnicas artesanais. Eram também espaços onde contávamos as histórias de nossas vidas e aos poucos nos revelávamos. Foi assim que acredito que essa pesquisa iniciou-se, no momento em que eu me coloquei atenta as falas das mulheres. Suas falas não apenas revelavam o que queriam e o que sabiam, mas também como viviam. Este espaço também proporcionou que as mulheres se conhecessem. Porque do contrário do que eu esperava em uma comunidade pequena, elas não se conheciam, a não ser de vista. Viam-se ao levarem e buscarem os filhos na escola. Na realidade, cada uma vivia em micro-mundos com suas famílias, muito ocupadas com o cuidado da casa e de seus maridos. Após perceber esta característica nas mulheres,

encontrei uma descrição da comunidade da Barra na dissertação de mestrado de Barcellos (2003), na qual ele a descrevia:

Nesta comunidade a economia gira em torno da pesca artesanal e industrial, sendo em sua totalidade regida pelos homens que exercem a profissão de pescadores. Às suas mulheres, cabe o serviço doméstico e o cuidado com os filhos, impossibilitando estas de exercerem um trabalho fora de suas casas.

Foi a partir destas primeiras percepções, que comecei a me interessar em conhecer como era aquela comunidade, como eram estabelecidas as relações sociais, econômicas e culturais. E era através daquelas mulheres que conheceria a comunidade da Barra, através de seus mundos e de seus sonhos.

Em janeiro de 2005, realizamos o curso de pintura em tecido com 15 mulheres. Neste curso, aprendemos a desenhar e pintar as tartarugas marinhas em diferentes tecidos. Logo descobrimos grandes talentos para pintura como a Adriana, a Diana e a Renata. Utilizávamos revistas, artigos e fotos das tartarugas para nos basear e assim, eu sempre procurava falar sobre as características de vida de cada espécie de tartaruga marinhas. Elas sempre se mostravam interessadas em saber mais e sempre tinham muitas perguntas e dúvidas. Afinal, as tartarugas marinhas não eram nenhum animal estranho para elas. No entanto, elas nunca haviam olhado atentamente para estes animais, a não ser para colocá-los na panela. Sim, muitas delas comiam carne de tartaruga marinha. Isso era tão comum como comer carne porco. Elas não sabiam que as tartarugas marinhas estavam em extinção e desconheciam o papel ecológico que desempenhavam. Assim, a partir desse conhecimento, passaram a agregar novos sentidos de preservação e respeito para com as tartarugas marinhas. Vendo isso, logo seus maridos, pescadores, se interessaram em ajudá-las trazendo pra terra, ainda vivas, as tartarugas que capturavam. Faziam isso porque tentavam corrigir os artesanatos de suas esposas, explicando detalhadamente como era uma tartaruga marinha. Para isso, nada melhor do que olhá-las de perto. Depois do estudo, os animais voltavam para o mar. Ao menos, era o que me diziam.

Foi durante o curso de pintura em tecido que nove das mulheres participantes começaram a expressar a vontade de formar um grupo de artesãs. Assim, em janeiro de 2005 formou-se o Grupo de Artesãs da Barra (GAB). A partir disso, outro mundo abriu-se para mim. Motivei-me com o sonho destas mulheres e passei a sonhar junto com elas. Adotei outra postura frente ao grupo, deixei de ser apenas instrumental e passei a ser atuante e reflexiva. Assim, busquei tentar ajudar a concretizar este sonho coletivo. Passamos a nos encontrar duas vezes por semana. Nestes encontros, além de fazermos artesanatos, conversávamos sobre seus

sonhos, problemas, caminhos, dúvidas e aos poucos fomos instituindo uma esfera de muito respeito, amor, compreensão e amizade.

Segundo Paulo Freire (1996, p. 135) “Ensinar exige disponibilidade para o diálogo”, e acredito que foi no exercício deste que encurtamos a distância que tínhamos umas das outras e entre nossos modos de vida. Assim, ao conhecermos um pouco mais de cada ponto de vista e postura, também nos deparamos com a emergência de questões referentes a problemas de convívio dentro do grupo, comprometimento, empecilhos impostos pelos maridos, entre outros. Percebi, desde cedo, que elas tinham a necessidade de falar de si e de seus problemas. Nunca busquei interrompê-las. Mas meu papel sempre foi orientar as discussões, mesmo que fosse sobre a vida pessoal delas. Foi a partir disso que decidimos que tudo seria dito e discutido dentro do grupo. Várias vezes ficamos o encontro todo sem fazer artesanato, só conversando. Foi assim que percebi que o grande trabalho que estávamos desenvolvendo estava no campo das relações.

Com o passar do tempo, alguns conflitos de relacionamento começaram a surgir, entre eles, brigas e discussões. Assim, a partir de nossa decisão de discutir e resolver tudo dentro do grupo, nossas reuniões semanais se tornaram os melhores momentos para conversar, chorar, expor opiniões, ouvir e ser entendida. Não queríamos que existissem queixas, lamúrias, fofocas e intrigas, pois sabíamos que isso poderia dar fim à importante experiência que estávamos vivendo. Queríamos que nossas diferenças não fossem empecilhos para nossos sonhos! E para que a dinâmica organizacional do grupo fosse clara e sem margens para conflitos, decidimos que todas as decisões seriam consensualmente tomadas. Com isso exercitamos nossa auto-gestão e segundo Gadotti e Gutiérrez (2001, p. 27) “a participação educa, porquanto propicia níveis cada vez mais elevados de consciência e organicidade”. Esta nossa postura, fez com que, ao longo desta convivência, aprendêssemos a respeitar, a lidar com as diferenças, a admirar e a confiar uma nas outras. O que não impediu que muitos conflitos surgissem, mas ao menos já sabíamos que postura seria usada para resolvê-los.

Com o início do grupo, a idéia era que elas expusessem seus artigos em feiras, para que então, pudessem vendê-los e com a renda, comprar mais matéria-prima. Então, em conjunto com outros projetos do NEMA, organizamos em janeiro daquele ano, no Cassino, uma exposição que chamamos de *Artesanato da Conservação*. Assim, logo vieram outras feiras, comerciais, como a Feira de Artesanato do Rio Grande - FEARG e a Festa do Mar e outras em festejos culturais como Festa de Nossa Senhora Aparecida e Festa de São Pedro. Houve também, em abril de 2005, uma feira organizada na comunidade da Barra pelas próprias mulheres. Lembro-me que, na época, elas comentaram que sabiam que não

venderiam muito, mas que o foco seria divulgar seus artesanatos na comunidade e mostrar para os maridos o que elas faziam durante nossos encontros.

Vocês podem pensar, e até tentar imaginar, de onde vinha tanta motivação para essas mulheres? O que as motivavam a sair de suas casas para lidar com um grupo com pessoas tão diferentes, as quais nem sempre era fácil de lidar? E por sair de casa para ir aos encontros, ainda arranjar briga com os maridos? Eu mesma passei muito tempo tentando entender. Eu percebia que elas eram tão esforçadas, mostravam tanta garra e tanta motivação, que nada que surgisse era encarado como empecilho. De onde tiravam tanta vontade? Nós do NEMA, não havíamos prometido a elas recompensas, não havíamos prometido nem dinheiro, nem reconhecimento. Não havíamos prometido nada em troca, e mesmo sem recompensas elas faziam acontecer.

Num primeiro momento, para quem lê, parece óbvio que nós estaríamos equivocados se prometêssemos algo. PAUSA PARA REFLEXÃO! (Não se engane, nem sempre o óbvio é superficial. Por exemplo, quem lê Paulo Freire desatentamente, pode achar que tudo que ele escreve é óbvio. Mas sejamos francos, suas reflexões só se tornam óbvias para nós, depois que as lemos!)

Se pensarmos melhor, na nossa educação... Eu mesma tenho raras lembranças, durante minha vida escolar, em que não estivesse fazendo algo sem pensar na recompensa. Minha vida de estudante sempre foi um “toma lá, dá cá”. Se eu estudasse, tirava boa nota e não ficaria de castigo. Se eu copiasse no caderno tudo que estava no quadro, sem rasurar, eu ganhava uma estrelinha e um parabéns. Se eu me mantivesse comportada durante as aulas, eu não precisaria assinar o caderno de ocorrência. E por aí vai... Como bem nos diz Freire & Shor (1987, p. 15) “O currículo padrão lida com a motivação como se esta fosse externa ao ato de estudar”.

No trabalho com as mulheres do GAB percebi que eu, durante minha vida escolar e acadêmica, vinha sendo condicionada, e não motivada. Como menciona Paulo Freire (p. 53) “Educar exige reconhecimento de ser condicionado”. Eu já sabia da possibilidade do condicionamento, mas eu não estava em uma sala de aula. Se eu fosse por esse caminho, que acredito ser alienante, o trabalho acabaria. Mas a pergunta ainda existia. O que as motivava? E o que me motivava a continuar trabalhando com elas, mesmo depois que parei de receber um salário por isso? Uma pista me deu Freire & Shor (1987, p. 15) ao dizer que “a motivação faz parte da própria ação. Isto é, você se motiva à medida que está atuando, e não antes de atuar”. Depois, descobri que de nossos sonhos brotam ações e de nossa ação brotaram sonhos, e eram esses os nossos grandes motivadores.

A partir das participações nas feiras, quando o GAB começou a ganhar algum dinheiro com a venda de artesanatos, me preocupei em saber como lidaríamos com o dinheiro e como seria feita a divisão dos lucros. Eu, impregnada pelo capitalismo, imaginava que cada uma deveria receber pelo o que trabalhou, pelo que produziu, e pelas participações nas vendas. No entanto, elas nem cogitaram minhas hipóteses e decidiram que o dinheiro seria dividido igualmente entre todas. Não importando o quanto foi trabalhado e produzido por cada uma delas, visto que entendiam que, todas elas, estavam sujeitas a eventuais problemas que as impedissem de trabalhar como gostariam.

Depois da realização de algumas feiras, nas quais as mulheres tinham que sair de suas casas para expor os artigos do grupo, elas começaram a ter alguns atritos com os maridos. Assim, muitas delas quiseram desistir do grupo. Isto muito me espantava, pois a princípio, eu não entendia como elas poderiam abrir mão de um sonho, por algo que eu considerava na época um “capricho” dos maridos. Claro que não era tão fácil para eu entender, pois eu não era casada e sou filha de pais separados. Na minha família, minha mãe sempre trabalhou fora e sempre fez muitas atividades de lazer. Na minha comunidade esta situação é considerada normal e necessária. Mas entendia que se eu não mantivesse meus pré-conceitos longe de nossos encontros, logo eu não teria mais espaço neles.

Por outro lado, eu queria realmente que aquele grupo desse certo e cada vez que alguma delas dizia que queria sair, eu tentava conhecer o problema para assim ajudá-las a continuarem no grupo. Muitas vezes esta minha postura deu certo, mas para isso enfrentei muitos embates e choques internos. Muitas vezes tinha vontade de gritar e falar: - Você vai desistir de um sonho para ficar submissa ao marido? Mas sempre me contive e deixava meus desabafos para o travesseiro. Em conseqüência, tentava, conversando, achar uma saída para que elas pudessem conciliar suas vidas particulares com as atividades do grupo.

Aos poucos, fui entendendo que as minhas concepções e valores não eram, nem melhores, nem piores, mas diferentes aos daquela comunidade. Assim, reaprendi a lição já esquecida que a experiência de Porto da Folha me deu. Para Freire (1996, p. 68), “Educar exige apreensão da realidade” para, através de nossa capacidade de aprender possamos além de nos adaptar, poder transformar a realidade e nela intervir, recriando-a.

Assim, passei a entender a postura destas mulheres e não julgá-las. Então, começamos a adequar tarefas de acordo com a disponibilidade de cada uma. A mulher que o marido não gostava que fosse às feiras, não ia. Ficava encarregada de separar o material para as outras levarem, e assim por diante. Esta atitude fez com que aos poucos fôssemos conquistando os

maridos, os quais, atualmente não só admiram o trabalho de suas esposas como participam. Vão às feiras, trazem do mar animais para elas reproduzirem, levam-nas e buscam-nas de reuniões e as incentivam e ajudam com dicas das características dos animais que elas reproduzem.

Compreendi que as mulheres que compõe o GAB, dentro dos limites impostos pela sua sociedade, buscam a realização pessoal e aos poucos trazem suas famílias para participar destas realizações. Acredito que esta força advém da identificação com a coletividade, pois como afirma Mance (1994, p. 07)

Quando diversas pessoas têm objetivos comuns a serem alcançados e passam a desenvolver ações conjuntas para realizá-los, tais grupos podem se transformar em movimentos sociais que emergem buscando modificar a realidade, pelo menos em alguma questão específica.

Não estou aqui afirmando que estas mulheres uniram-se para fugir da opressão e submissão ante os seus maridos Mas sim acredito que a partir do momento que se perceberam sonhando e assim desejando uma nova vida, elas encontraram um novo sentido para suas vidas, um reconhecimento social. Pois percebo que o sonho não é somente uma forma de fuga da realidade, mas sim uma forma de encantamento da nossa realidade.

Estes embates me auxiliaram a desconstruir meus pré-conceitos e desenvolver muitos valores que existiam em mim, mas que eu não havia trabalhado ainda. Fizeram também com que eu constantemente refletisse sobre minhas ações no grupo e assim, construísse minha visão de EA em uma constante práxis¹⁰, ou seja, refletisse sobre minhas ações educativas. Assim me identifico com Freire quando ele menciona que “Educar exige reflexão crítica sobre a prática” (1996, p. 38). Entendi que não poderia impor meu modelo social para aquela comunidade, assim como inconscientemente tentei fazer em Porto da Folha. Já tinha visto que aquele era um modelo autoritário, que só desmotivava as pessoas. Exemplifico utilizando minha experiência em Porto da Folha, na qual, mesmo sem intenção, o curso que ministrei aos professores, gerou neles um sentimento de descrédito do que sabiam. Pois eles viram, através dos assuntos que abordei e mostrei ter domínio, que estavam despreparados. Como também, quando trabalhei com as adolescentes; se eu tivesse imposto a elas o modelo social burguês que eu considerava ideal para a realização pessoal e a felicidade, as teria feito acreditar que estavam destoando da normalidade, deslocadas. Fatos como este acontecem a todo instante. A televisão, por exemplo, está sempre vendendo imagens de famílias perfeitas, de sonhos

¹⁰ Práxis, em grego, significa literalmente ação. Segundo Paulo Freire (1987, p. 58), práxis é "a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo".

consumistas, que nas propagandas aparecem como responsáveis pela felicidade das pessoas. E nesse mundo desigual, quem poderá ter uma casa própria? Um carro do ano? Ganhar 10 salários mínimos? Fazer uma faculdade? Assim, sem conseguir ter nada disso, muitas pessoas ficam comparando suas vidas e acreditando que são infelizes por não terem condições de comprar sua felicidade.

Há algum tempo eu já vinha refletindo sobre esse assunto, portanto, não poderia deixar com que meus ideais de felicidade fossem projetados às mulheres do GAB. Nossas culturas eram diferentes, nossas responsabilidades sociais também. Desta vez, e pra felicidade do GAB, eu já tinha aprendido que não existe um modelo de felicidade. Meu papel não era fazer elas se sentirem infelizes, mas sim, instigá-las a buscar o que as fizesse feliz, um lugar dentro delas mesmas onde pudessem conhecer seus verdadeiros sonhos. Portanto, minha abertura para o novo, minha disponibilidade para conhecer aquele mundo e minha constante autocrítica foi fundamental para que eu seguisse com elas. O mesmo digo em relação ao que fiz com que elas seguissem comigo.

Agora, lembrei-me de um momento muito lindo que vivi com elas e que demonstra que elas também se abriram para o meu mundo. Foi no meu aniversário de 25 anos. Elas prepararam uma surpresa para mim no Centro de Protagonismo Juvenil - CPJ¹¹. Ligaram para minha casa pedindo que eu fosse urgentemente para a comunidade da Barra para ajudá-las, pois um ônibus proveniente de Tramandaí chegaria e elas não estavam se sentindo preparadas para recebê-los. Chegando lá, o ônibus já tinha partido. O despreparo delas era invenção. O que elas queriam, era me fazer uma surpresa. Entrei no CPJ e lá estavam elas, todas juntas, usando a camiseta do grupo, com um presente e com uma carta na mão. Ao ler a carta, elas contaram um pouco da minha história no grupo. Não lembro em detalhes, mas lembro de uma última frase, a qual me fez “desmoronar” em choro. Elas disseram: - Porque o que tu não pôde fazer pelo menino da lata de Nescau, tu pôde e fez por nós! Muito obrigada!

No fundo eu sentia o mesmo...

Vejo minhas constantes experiências de reflexão e desconstrução como uma importante etapa da minha construção como educadora e, como o Freire (1996, p.35) afirma “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”.

¹¹Desde o início dos trabalhos com o GAB, nossos encontros foram realizados na sede do CPJ. Este espaço foi doado à comunidade da Barra pelas empresas CBPO/Pedrasul/Carioca/Ivaí, responsáveis pela ampliação dos molhes do Rio Grande. O mesmo destina-se ao uso da comunidade, tanto para reuniões dos grupos organizados, quanto como espaço para cursos e palestras.

Assim, estes choques fizeram com que eu parasse e observasse mais detalhadamente a vida daquelas pessoas e quais os valores que regiam sua comunidade.

Desde a origem do GAB, senti que meu papel no grupo era bem definido. Eu representava uma facilitadora. Informava-me sobre feiras, sobre os animais que elas queriam reproduzir, cursos e oportunidades. Orientava nas reuniões e suscitava a discussão de assuntos que as auxiliassem na auto-gestão¹². Aos poucos fui aprendendo sobre o mundo do artesanato e da economia solidária¹³. Entre outras coisas, passei a produzir materiais informativos e ilustrativos sobre os animais que elas queriam reproduzir, para que elas conhecessem a vida dos animais existentes na região, pois muitas delas não conheciam. A partir daí, elas interessaram-se por conhecer melhor o local onde viviam.

De acordo com Paulo Freire (1996, p. 89) a curiosidade nos move, inquieta e sem ela, não aprendemos, nem ensinamos. Assim, procurei orientá-las em suas buscas, sempre que para isso me solicitavam, bem como, instigá-las a saber mais. Partindo deste princípio, fizemos algumas saídas de campo: pela comunidade, ao Refúgio da Vida Silvestre - REVIS do Molhe Leste para observar os leões marinhos e ao Museu Oceanográfico da FURG.

A saída ao REVIS foi uma experiência muito marcante, pois esta saída proporcionou experiências novas para todas, como: andar de barco (nenhuma delas havia andado antes), ver de perto animais como leões-marinhos, golfinhos, pomba-antártica e tartaruga marinha. Além do reconhecimento das belezas do lugar onde vivem. Essa saída foi de extrema importância em diversos aspectos, tanto nos que se referem à valorização das belezas locais, quanto ao estímulo e sensibilização oportunizados pela observação dos animais. Desde então, o grupo resolveu diversificar seus artigos, preservando o caráter de um artesanato voltado para a conservação da vida marinha.

Em março de 2005, decidimos oficializar a profissão de artesãs das mulheres. Assim, as integrantes do GAB fizeram um teste para a obtenção da carteira de artesã. Um mês depois foi entregue a cada artesã sua carteira. A satisfação de todas foi imensa, tanto que surgiram

¹²Segundo o Atlas de Economia Solidária (SENAES, 2006, p. 12) Autogestão é o “exercício de práticas participativas de autogestão nos processos de trabalho, nas definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, na direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses”.

¹³Segundo o Atlas de Economia Solidária (SENAES, 2006, p. 11), a economia solidária “é compreendida como o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária”.

comentários do tipo: - *Agora meu marido já pode ir embora, pois eu tenho uma profissão!*
 Ou: - *Agora minha profissão não é mais dona-de-casa, agora eu sou uma artesã!* Considero que a obtenção destas carteiras além de ser um passo importante para o grupo, representou um estímulo pessoal e a elevação da auto-estima de cada uma delas.

Ao perceber que a auto-estima delas estava se alterando, sentiam-se valorizadas enquanto pessoas, me transformei. Isto é, percebi que através do meu sonho, que era de valorizar aquelas mulheres e o local onde vivem, acabei por disseminar outros sonhos que aos poucos se realizam. Os sonhos que as movem fazem com que elas permaneçam unidas, fabriquem artesanatos que valorizam o lugar onde vivem, interfiram em sua comunidade com sua arte, suas exposições, envolvam suas famílias, tenham prazer em conviver de forma solidária e compartilhem vitórias e derrotas.

Como forma de presenteá-las pela obtenção da carteira de artesãs, resolvi fazer uma etiqueta personalizada para cada artesã, para que identificassem suas peças. Quando cheguei a ao nosso encontro semanal, em abril de 2005, estava super ansiosa para ver o que achariam do presente. Para minha surpresa, quando entreguei, todas elas rejeitaram carinhosamente dizendo que elas formavam um grupo, portanto, suas peças deveriam ter o nome do grupo não da artesã que a produzia. Alegaram que aprendiam e confeccionavam cada peça juntas, portanto, cada peça representava um pouco de cada uma. Aquela foi uma grande lição que me ensinaram. A partir daquele momento, percebi que o que mais importava para elas era o fato de estarem juntas e sentirem-se acolhidas por um sonho compartilhado. Quando despertei para a relevância disso, meu objetivo passou a ser buscar formas de propiciar que nem o sentimento de pertencimento, engajamento e coletividade, nem os sonhos das mulheres do GAB, desaparecessem.

Nestes movimentos de descobertas, encantamentos, preocupações, reflexões, alegrias e tensões é que o trabalho com o GAB é construído. Depois de três anos de encontros semanais onde conversamos, aprendemos, transformamos, sonhamos, rimos, choramos, elas aprimoram seus artesanatos e realizam-se, e eu, construo minha visão e minha ação em EA. A partir disso pensei: é sobre isso que quero pesquisar! Sobre as **transformações ocorridas em mim e nas mulheres do GAB, viabilizadas por sonhos individuais e coletivos, despertados e constituídos através da educação ambiental.**

Percebi que, assim como quando eu comecei a trabalhar com elas nunca havia imaginado que tamanhas mudanças pudessem ocorrer decorrentes do trabalho, para elas isso também era inimaginável. Assim, se estivéssemos atuando na esfera do possível, dos fatos, do “real”, elas

estariam em casa, desistiriam ao primeiro não dos maridos, ao descrédito de algumas colegas que saíram, a falta de retorno financeiro, a falta de incentivo da família, a baixa auto-estima, ao descrédito da comunidade; E eu, acreditaria que não havia nascido para EA, já que não havia passado em duas seleções do mestrado. Mas não! Não paralisamos diante dos fatos. Sonhamos, acreditamos, transpomos os obstáculos.

Pois sonhar é transformar o mundo em nós, o mundo para nós. Sonhar é intervir na realidade, é criar possibilidades diante do aparentemente impossível. E educar, assim como viver sem sonhos, é como sucumbir à realidade, é não acreditar na mudança, é paralisar diante da dureza dos fatos. Como bem diz Freire (1996, p. 76), “educar exige a convicção de que a mudança é possível”. Sobre esta afirmação enfatizo que sem esta convicção não conseguiria acordar nenhum dia sequer, muito menos motivar-me nos momentos difíceis que passei no Grupo de Artesãs da Barra. Assim como não poderia acreditar na mudança, sem ter esperança. E concordo com Freire (1992, p. 10) quando diz que

(...) sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho.

E graças a esta convicção, agreguei sentidos para o meu trabalho como educadora ambiental. Percebi que, se a educação ambiental busca a transformação desta sociedade, esta transformação deve realizar-se antes, em cada indivíduo. Pois assim como eu me transformei, as mulheres também se transformaram, e a partir daí, transformamos nossas vidas e passamos a interferir em nossas comunidades.

Ao abrir os horizontes de meus pensamentos, luto para não virar uma pessoa pessimista. Luto por mim, pelas pessoas com as quais convivi e que conheci que me fizeram crer que sim, é possível mudar, talvez não o mundo, mas a si mesmo.

Quanto às artesãs da Barra, minhas queridas educadoras, elas também transformaram seus sonhos, e assim suas vidas. Desenvolveram não só habilidades com o artesanato, mas também como educadoras. Muitas delas atualmente ministram cursos de artesanato em outras comunidades e engajam-se em causas que visam a melhoria da qualidade de vida de sua comunidade. Assim, continuam buscando, sonhando, acreditando e recriando a esperança coletivamente. Juntas, entendemos vivencialmente o que Freire (1992, p. 91-2) escreveu sobre o ato de sonhar:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança...

A compreensão histórica como possibilidade e não determinismo... Seria ininteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso, o nega.

Paulo Freire disse que todos nós somos educadores em potencial. Assim, percebo que nesta experiência, mesmo que eu primeiramente tenha exercido o papel de educadora, fui também um aprendiz, tanto quanto as mulheres foram aprendizes e minhas educadoras. Pois não há docência sem discência (Freire, 1996, p. 21). Aprendemos umas com as outras e, apesar de vivermos em realidades e culturas diferentes, isso não nos impediu de dialogar, construir, amar e sonhar.

Capítulo 2

SONHOS. QUEM SÃO ESSES ESTRANHOS ÍNTIMOS?



Fotos: Grupo de Artesãs da Barra, Arquivo Nema, Alice Monteiro

“Meu discurso em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de ser gente, que o fatalismo deteriora”.

Paulo Freire

2 SONHOS. QUEM SÃO ESSES ESTRANHOS ÍNTIMOS?

Neste capítulo, falaremos¹⁴ sobre sonhos. Início com minha narrativa, na qual conto como descobri os meus sonhos e, quando e como me senti conscientemente sonhando. Exatamente por isso é que intitulamos o capítulo 2 de “Sonhos. Quem são esses estranhos íntimos?”. Ou seja, porque apesar de não existirmos sem sonhos, dos sonhos serem algo inerente ao ser humano assim como respirar e pulsar, mesmo assim, os relegamos. Esses habitantes, que nos conhecem tão bem e que transformam nossas vidas, acabam, com o tempo, virando estranhos íntimos. Sabemos que eles existem dentro de nós, mas vivemos como se não existissem. Mesmo assim, segundo Freire (2001, p. 85) “faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se, que homens e mulheres não prescindam, em condições normais, do sonho e da utopia”.

No entanto, quem já se perguntou: Quais são meus sonhos? Quais sonhos me movem? Esses sonhos que sonho, são sonhos impostos socialmente? Faço dos sonhos alheios os meus sonhos? Meus sonhos me trazem felicidade ou angústia? Essas e outras perguntas norteiam meu pensar constantemente. Antes me incomodavam mais. Agora, descobri que dar ouvidos, olhos e coração aos nossos sonhos, é exercer plenamente nossa condição de sermos humanos.

Quando falo sobre a importância do sonho, não estou “inventando a roda” ou escrevendo sobre algo novo. O sonho é inerente a qualquer ser humano, e existe desde que o mundo é mundo. A questão reside no valor que cada ser humano atribui aos seus sonhos. Pois, ao acreditarmos em nossos sonhos, estamos dando um passo rumo à nossa libertação de determinações sócio-históricas e culturais, que muitas vezes nos tolhem e nos manipulam. Ao acreditarmos nos nossos sonhos, nossos desejos, nossos quereres, podemos enfim acreditar na possibilidade de uma nova forma de ser e estar no mundo, nossos mundos.

Até três anos atrás eu não pensava em sonhos, não percebia o poder deles. Apenas vivia buscando algo que me fizesse querer. Eu sonhava sim! Claro que sonhava! Mas sufocava meus sonhos. Afinal, não tinha tempo para isso. Eram sempre muitas coisas a fazer,

¹⁴ Utilizo a palavra falar no plural, levando em conta a contribuição do meu orientador, o Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues, para a construção deste capítulo. Visto que se trata de um conhecimento que construí, em grande parte, a partir das nossas conversas de orientação. Em nossos diálogos, ao longo dos anos, compartilhamos nossas histórias de vida, principalmente nossas vivências em ambiente escolar e de que modo poderíamos pensar nas contribuições que o ensino informal pode dar ao ensino formal, através do mundo dos sonhos vividos cotidianamente.

muito no que pensar e produzir. Sonhos, para mim, só serviam para distração. No entanto, depois de 2004, meu pensamento sobre os sonhos mudou.

Sendo assim, abro o Capítulo 2 narrando a minha experiência na disciplina de Ecologia Onírica¹⁵, ministrada pelo Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues. Cursei esta disciplina como aluna especial no PPGEA-FURG, no primeiro semestre de 2004. Durante a disciplina, tive muitos embates internos e externos (com o professor). O conhecimento filosófico ainda era um estranho para mim e conhecê-lo através dos devaneios despertados de Gaston Bachelard¹⁶, não me ajudou muito. Assim, para ilustrar minha caminhada, na qual começo como uma bióloga racional e termino como uma pessoa que se questiona sobre o que é sonhar e escreve poesias sobre a condição humana, trago o texto que escrevi como trabalho final da disciplina, na íntegra.

2.1 Minha descoberta onírica

Abaixo, entre aspas e em itálico, está transcrito o trabalho final que fiz para disciplina de Ecologia Onírica, entregue em agosto de 2004. Considero pertinente trazê-lo na íntegra, sem correções ou interferências literárias, para que o leitor perceba o meu despertar para o sonho, no momento exato que isto aconteceu. Podendo assim, traçar um paralelo entre como eu me via antes de descobrir que sonhava e como eu passei a me perceber.

“Ainda racionalizada pelo mundo biológico-científico, encontro-me em animus¹⁷ com as idéias de Gaston Bachelard. Assim era eu, nas primeiras e dolorosas leituras do livro A Poética do Devaneio. Não vejo como desenvolver este trabalho senão em forma de relato de experiência, já que a disciplina propunha e era exatamente isso: uma experiência. Durante o texto, insiro pensamentos que tive no momento de cada experiência, os quais acredito serem relevantes para a compreensão do processo pelo qual passei.

Quando me inscrevi na disciplina de Ecologia Onírica imaginava que estudaríamos os mistérios da natureza, suas singularidades, sua complexidade. Pensava em animais,

¹⁵ A palavra “onírico” é uma palavra de origem grega e significa sonho.

¹⁶ Gaston Bachelard (1884-1962), filósofo e poeta francês, “percorreu um longo caminho até chegar à filosofia. Pedagogo, inicialmente ligado aos problemas epistemológicos, faz a passagem para o poético e do poético para o epistemológico, tentando complementá-los” (RODRIGUES, 2005a, p. 86).

¹⁷ Animus e anima são dois termos utilizados pelo autor Gaston Bachelard, os quais representam duas potências de nossa alma, ou seja, o *animus* que é a nossa potência masculina, e a *anima* que é nossa potência feminina. O importante é termos equilíbrio entre estas duas potencialidades, pois se por um lado é “ao *animus* que pertencem os projetos e as preocupações, duas maneiras de não estar presente em si mesmo, à *anima* pertence o devaneio que vive o presente das imagens felizes” (BACHELARD, 1988, p.60-61).

plantas, ecossistemas... Era o pensamento esperado de uma “bióloga racional”. Não estava preparada para o que encontrei: o desvendar da complexidade e subjetividade humana, a partir de outra perspectiva e visão de mundo, sob uma ótica completamente contrária da qual concebia possível tal desvendamento. Foi uma experiência que me possibilitou (re)significar minhas concepções, percepções e conhecimentos. Além de ter sido um exercício de auto-desconstrução e auto-reflexão. Um processo inquietante.

Incontáveis vezes me deparei tentando em vão, racionalizar o texto introdutório do livro A Poética do Devaneio. E a cada novo encontro com a turma da disciplina, eu demonstrava minha revolta e descrédito a tudo que o professor tentava elucidar sobre o livro. A inquietação era tanta, que me via como “a única aluna burra que não entendia o maluco do Bachelard!”

O capítulo I, Devaneios sobre o devaneio – o sonhador de palavras, não foi diferente. Entendimento em animus, zero! Neste capítulo, meu esforço para a compreensão já foi menor. Tentei lê-lo umas duas vezes e como não entendi nada, desisti. Assim, esperava ansiosa pelas aulas para ver se alguma luz se acenderia em minha mente e... Plim!! Desvendaria o Mr. Gaston! Espera em vão. O professor paciente – digo isso porque reconheço que quando teimo com algo fico insuportável - me dizia que eu deveria ler o livro em anima, sem tentar entendê-lo, que então eu o compreenderia. O quê? Desde quando eu me proponho a ler um texto para não entendê-lo? E esse tal de anima, que pra mim só existe para o Bachelard e para o Victor Hugo?

O “diabinho da racionalização” rondava a minha cabeça a cada tentativa de fluir dentro do texto de Bachelard. No capítulo II, Devaneios sobre o devaneio – anima e animus, o “diabinho se distraiu” me possibilitando perceber alguns elementos. Ao menos entendi o que era o animus, até porque, me reconheci neste estado. O que percebi é que animus era o nome dado a um estado que eu bem conhecia, o qual eu poderia dar diversos nomes: estresse, atividade produtiva, auto-cobrança... Até aí, nenhuma novidade. Essa descoberta não se configurou como um estímulo para eu continuar nessa dolorosa busca pelo entendimento.

Por conta disso, na aula do dia 23 de abril, a qual seria sobre o capítulo II, encontrei mais disposição em escrever uma carta criativíssima para minha irmã, do que participar da discussão da aula. Fato este percebido pelo professor. Depois que terminei a carta, passei a tentar desvendar até que ponto a explanação do professor sobre sua casa onírica e de seus interesses extracurriculares, elucidaria as questões complexas de Gaston Bachelard. Onde o professor está querendo chegar com essa história de curso de cabeleireiro? Não via mais o porquê de estar ali. Não estava compreendendo nada, não aceitava o que estava sendo

debatido, não me sentia à vontade de entrar no debate e estava deixando de produzir para ficar sentada na grama!

No último fio da minha força de vontade, decidi encarar o capítulo III, Os devaneios voltados para infância. E... Sim! Bingo! Compreendi o que Bachelard escrevera. Na verdade, Bachelard me desvendou. Via-me em suas linhas. O anima enfim ganha um sentido possível. Era uma experiência simples e possível. Mas recebia isso com certo estranhamento e receio da minha interpretação.

Queria chegar à aula e debater o texto como previsto. É importante deixar claro que ainda não estava à vontade com a idéia de debater sobre o texto. Esta posição se evidenciou na aula seguinte, no dia 07 de maio. Durante a aula, a demanda de assuntos dos colegas levou o devaneio para longe da minha compreensão do texto. Portanto, não participei e me calei. Não me achava capaz de opinar sobre os assuntos, pois eu só achava que poderia falar sobre o capítulo III! No fim da aula minha indignação foi explicitada. Reclamei que não tínhamos discutido o texto, justamente quando eu o tinha entendido. Alguns colegas estavam por perto e intervieram dizendo que estavam sim falando sobre o texto, e o que discutiram durante toda a aula dizia respeito ao texto. Então concluí indignada: - Bom, se estavam discutindo sobre o texto e eu não percebi, é porque eu realmente não entendi nada sobre ele! Saí da aula em lágrimas decidida a largar a disciplina, com raiva e me sentindo ridícula por expor minha “ínfima abrangência mental” sobre o assunto. Porém, após uma longa conversa com o professor, me acalmei. Percebi que havia entendido alguma coisa sobre o texto sim. Assim, resolvi ir até o fim e ver aonde aquilo ia me levar. Das duas, uma: ou essa disciplina era realmente uma “viagem” e não “prestaria para nada” ou eu mudaria radicalmente de opinião e aprenderia algo, que até então não sabia dizer o quê.

Nos encontros que se sucederam, “as luzes foram se acendendo em minha mente”. As discussões sobre razão e fé, Deus, cultura da dor, Descartes, Freud, Bachelard, foram riquíssimas. E a cada aula que se passava eu sempre voltava para casa com uma inquietação. Mas a inquietação já não era mais por não estar entendendo, pelo contrário, era o início do processo contínuo de reconstrução. Uma das discussões, que a princípio não aceitei, mas depois me fez refletir bastante, foi sobre a cultura da dor. Passei horas tentando descobrir um episódio em minha vida que fosse contrário a teoria da cultura da dor, a fim de acabar de vez com essa idéia. Mas não foi possível. Então, vi que Bachelard propunha e afirmava possível um desvio para essa dor: o devaneio desperto. Ah, então para isso que serve o anima! Quero viver em anima! No entanto, desde que iniciara a disciplina não havia experimentado tal sensação. Talvez agora, que já tinha aceitado a existência do anima, seria

mais fácil entrar em devaneio desperto! O que eu não tinha percebido até então, era que já tinha experimentado o anima durante o período da disciplina, mas não tinha tomado consciência do que era.

A consciência veio em um dia após a aula, na qual havíamos refletido como somos, e o que faz a gente ser a gente mesmo. Voltava para casa num ônibus lotado. Um banco vazio apareceu em minha frente como um presente de Deus. Sentei-me feliz da vida. Logo percebi o porquê, naquele ônibus cheio, existir um banco especialmente vazio, no qual ninguém havia sentado antes de mim. O homem sentado ao lado estava com um cheiro horrível, realmente nauseante. Percebi logo que sentei. Mas não poderia me levantar. Que desculpa daria? Resolvi agüentar. Minha cabeça estava a mil, muitas reflexões. Fazia milhões de conexões neuronais por segundo e montava vários quebra-cabeças mentais. Em um momento, peguei um caderno, uma caneta e comecei a escrever poemas. Reconheço que se eu estivesse em animus, com aquele cheiro ao lado, não conseguiria nem responder quanto é dois mais dois. O fato é que eu sentia o cheiro, o aperto do ônibus, a sufocação, e mesmo nesta atmosfera caótica, consegui produzir arte. Não sou poetisa, não tenho esta vocação. Nem acho que o poema ficou bom, mas o importante é que para mim ele diz muita coisa, entre elas, a materialização do anima.

*Mesmo que em todos os meus dias eu pudesse
Ser o que não sou
Falar o que não penso
Sentir o que não sinto
Ouvir o que não quero
Rir do que não acho graça
Mesmo assim,
Ainda seria Eus*

Neste poema transmito a consciência adquirida sobre minhas múltiplas possibilidades de ser. Isso pode parecer óbvio... Como não pensei nisso antes? Na verdade eu já havia pensado, mas não em tão profunda reflexão sobre o que representa para, e em mim, estes “eus”. Esse questionamento me levou a escrever outro poema logo na seqüência, o qual terminei ao descer do ônibus:

*O que é esse passado e este presente que me remonta dia a dia?
Um passado em que não me reconheço
E um presente em que ainda não me vejo
Viro uma mistura de mistério real
E afinal, o que faz de mim eu mesma?
Vou perguntar aos outros!
Eles sim parecem saber quem sou!*

Com este poema transmito a minha indignação com as pessoas que insistem em achar que sabem mais sobre quem é o outro do que ele próprio. Que adoram tecer comentários sobre a personalidade, postura e uso das palavras de determinada pessoa. Não gosto disso e reconheço que nem eu mesma sei quem sou direito. Eu, que convivo comigo 24 horas por dia! Como pode alguém saber mais do que eu sobre como me sinto, como reajo em determinadas situações, o que falo com o olhar e o que me incomoda? Assim como todos os seres humanos eu me transformo, me remonto, reinvento. Sou um ser mutante, mas não em condição passiva. Eu busco isso!

No penúltimo encontro da disciplina, pude experimentar junto aos meus colegas a tranqüilizadora atividade de dobrar papel (origami). Nesta aula, a pedido do professor, orientei os colegas a construírem seus próprios origamis.

Descobri os benefícios desta arte no ano de 2003, durante meus pesados estudos para a prova de seleção do mestrado de educação ambiental. Estudava o dia inteiro e quando não estava mais raciocinando direito, recorria às dobraduras como forma de esvaziar a mente. O professor Victor Hugo me atentou para o fato de que isso era o anima. O fazer origami era uma forma de entrar em anima. Ao descobrir isso, me senti no meu clímax na disciplina. O “monstro” da filosofia Bachelardiana, o mistério do anima e do animus estava desvendado, claro que não por completo, porém considero que satisfatoriamente.

O processo foi longo, revoltante e doloroso, mas creio que valeu a pena, sinceramente. O mundo filosófico, em especial o Bachelardiano, considerado distante da minha formação profissional, me abriu muitas portas para o autoconhecimento e para questionamentos sociais que considero muito importantes. A possibilidade concreta de ver a vida com outros olhos, olhos de alegria e não de dor, é fantástica, mas é claro que requer muita persistência e paciência. Não digo que depois da disciplina minha vida é outra, que agora a cultura da dor não me atinge mais. Tenho a certeza que este não era o objetivo da disciplina e que nem o próprio Bachelard conseguiu chegar a este patamar. Entretanto, estes encontros e reflexões possibilitaram a quebra de muitas das minhas barreiras, tanto a barreira intelectual quanto as pré-conceituais. Por tudo isso, avalio como muito rica esta experiência. É sempre bom saber que tenho um lugar seguro e tranqüilo dentro de mim. Que posso encontrá-lo e que o mundo, e as situações do cotidiano, podem ser reinventadas a favor da minha tranqüilidade mental.”

A partir deste relato sobre a minha experiência na disciplina de Ecologia Onírica, pode-se perceber que comecei a conceber a possibilidade do sonho. Passei a me questionar e

tentar descobrir quais eram meus sonhos. Quais eram os sonhos que projetavam para mim, e quais deles eu acabei tomando como meus? Como eu descobriria quais eram meus verdadeiros sonhos? Sonhos sem interferências externas, quer dizer, sonhos só meus? Todos estes meus questionamentos foram em grande parte, suscitados pelas conversas e orientações com o professor Victor Hugo. Ele, que é especialista em Bachelard, mesmo depois do final da disciplina de Ecologia Onírica, continuou a ajudar-me a ler e entender o autor, assim como, a identificar meus próprios sonhos. Assim, tenho plena ciência de que sem nossas intensas conversas e embates, eu não poderia estar, em tão pouco tempo, falando de um assunto tão complexo como os sonhos despertos. Portanto, o referencial teórico que utilizo para este capítulo é principalmente baseado na interlocução entre a minha leitura de alguns livros de Gaston Bachelard, o conhecimento do meu orientador Victor Hugo e as minhas constantes reflexões acerca dos sonhos, os quais se inserem nas minhas práticas pedagógicas e nas minhas vivências.

Atento então para o fato de que, nesta dissertação, quando falo de sonhos, estou me referindo ao devaneio desperto, ao sonho acordado, ao sonho do imaginário. Falo das imagens que criamos quando desejamos, queremos, devaneamos. O sonhar aqui se apresenta como uma forma de se transformar, de reinventar-se, pois quando sonhamos acordados, ato este denominado por Gaston Bachelard como devaneio, podemos ser nós mesmos, resgatarmos-nos da infância esquecida e, na união de todos os nossos seres e desejos, projetarmos-nos para o futuro. Assim, no exercício constante de sonhar, vamos educando nossa imaginação. E quando, “já educada a imaginação, basta querer, que ela se encarregará de construir os sonhos por si” (PESSOA, 2006, p.456). Longe de querer explicar a poesia de Pessoa, eu apenas busco revelar o que, para mim, ele diz com a expressão *já educada a imaginação*, ou seja, com a *educação da imaginação*. Para isso, recorro ao Bachelard, que fala de duas imaginações, a imaginação reprodutora e a imaginação criadora. A imaginação reprodutora é aquela que se limita apenas a reproduzir imagens, é fiel à imagem visual, é fiel à morfologia das coisas. Este tipo de imaginação não permite grandes devaneios e nem mesmo a criação de novas imagens. Assim, acredito que a educação da imaginação refira-se a mudança da imaginação reprodutora para a imaginação criadora. Esta última refere-se à imaginação que nos permite sonhar, produzir imagens nossas, imagens cheias de significados subjetivos, que misturam cheiros, palavras, gostos, sentimentos. Segundo Rodrigues (1999, p. 238) “a imaginação criadora, por sua vontade de produzir, antecipa a vontade de reproduzir” O autor afirma que Bachelard, ao elaborar a sua concepção da imaginação, inova ao explicitar uma imaginação “que rompe com as determinações da vida e da cultura, porque a imaginação é um além” (Idem, 1999, p. 241).

Com a imaginação criadora sonhamos, criamos o nosso mundo, criamos as lentes para ver a realidade e assim, criamos a realidade. Segundo Bachelard (2001, p. 8) “um mundo se forma de nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é nosso”. Assim, a importância de exercitarmos nossa capacidade criativa está estritamente vinculada à nossa capacidade de criar um mundo novo, mais justo, mais feliz, mais solidário e saudável. Como nos afirma Guattari (1990, p.56) “A reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos”. As quais, segundo o autor, podem provocar “uma catálise de retomada de confiança da humanidade em si mesma” (idem). Porque ao imaginar outro mundo possível, adquirimos confiança de que existe uma saída possível. Explicito o que afirmo ao referir-me a experiência que vivi no GAB. Entendi através da pesquisa, que se as mulheres não tivessem acreditado que a vida delas poderia mudar, e não tivessem imaginado o que queriam mudar em suas vidas, nenhuma mudança ocorreria. Se continuassem acreditando que estavam fadadas a cuidar da casa, dos filhos e dos maridos, nunca conseguiriam criar novas possibilidades para suas vidas, e assim concretizá-las.

Assim, se interpretamos o mundo através da nossa imaginação, do nosso olhar, temos que atentar para o fato de que nossa visão sobre as coisas é em grande parte influenciada pelo meio em que vivemos e os modelos sociais e econômicos que regem nossa comunidade. Portanto, devemos cuidar para que nosso olhar sobre nossa realidade não tenda sempre ao pessimismo. Pessimismo por não termos alcançado o *status* social determinado como ideal, por não termos tudo que queremos, por não termos o melhor emprego, ou por não termos reconhecimento desejado. Esta visão nos pressiona de tal forma que estamos sempre buscando mais e mais e cada vez acreditando mais e mais que nós não podemos, não somos capazes de sermos felizes. Travamos uma luta árdua entre nossa vontade e nosso dever. Entre o que nos faz feliz e o que esperam de nós. Aos poucos vamos aprendendo a viver como se existisse um modelo único de felicidade, um modelo que deve ser alcançado custe o que custar, pois se não for alcançado, corre-se o risco de viver na infelicidade. Falo isso por experiência própria, porque eu me considerava alienada da minha condição, me sentia passiva em minha vida e não conseguia ver outra forma de ter uma vida de sucesso que não fosse pela forma do *ter* da cultura de consumo. Acredito que o contrário também acontece, no caso das pessoas que acabam vivendo apenas para sobreviver. Trabalham para ganhar dinheiro para comprar comida e ter um teto para se abrigar. Já não querem desejar o que o modelo capitalista lhes oferece porque já desistiram deste modelo de “felicidade”. Assim, nem questionam suas

vidas, acham que vivem um carma¹⁸ e que na próxima encarnação virão mais evoluídos para então, sofrerem menos.

Assim, o indivíduo, assoberbado pelas tarefas do dia-a-dia, dificilmente conseguirá mobilizar as energias necessárias para questionar a fundo o sentido de sua própria existência e os rumos que ela toma. Ocorre um excesso de fatores que tendem a constrangê-lo no sentido do que temos chamados de “automatismo” da vida. Tende a perceber-se como engrenagem de uma imensa máquina na qual, embora o envolva por todos os lados, não se pode conhecer nem o início nem o fim, como o Charles Chaplin, no filme *Tempos modernos*. (SOUZA, 2004, p. 51)

Mas para nos fazer sonhar com outro mundo possível, trago Fernando Pessoa, um poeta que produz na escrita um mundo de imagens e encantos, que nos fala de fatos cotidianos e das nuances profundamente escondidas em meio às racionalizações humanas. Com seu semi-heterônimo Bernardo Soares, Pessoa (2006, p. 176) nos liberta da condição de seres determinados ao dizer que “tudo para nós está no nosso conceito de mundo; modificar o nosso conceito do mundo é modificar o mundo para nós, isto é, é modificar o mundo, pois ele nunca será para nós senão o que é para nós”. Nesse jogo de realidade e irreabilidade, podemos nos questionar: O que é real? Mas se a realidade é uma atribuição dada à imaginação, não poderíamos transformar nossas “realidades” apenas através da forma como olhamos para elas?

Se eu quiser, posso tentar separar a razão da imaginação e acreditar que a realidade só é apreendida através da racionalização. Posso buscar racionalizar meu olhar e assim, ver tudo o que se passa em minha vida com os olhos da razão. Posso lidar com probabilidades e assim limitar meu futuro, e quase não vislumbrar a realização dos meus sonhos. Mas eu também posso aceitar que sonho e assim, sonhar tudo o que vejo, ver tudo conscientemente com os olhos da imaginação e da razão, juntas. E assim, posso tudo que imagino. São duas possibilidades de ver as coisas, mas não só. Posso reduzir meu olhar buscando racionalizar o que vejo ou posso com a imaginação criadora criar, ampliando meu olhar. A escolha é minha, mas é uma escolha consciente. Como bem nos diz Pessoa (2006, p. 119-120)

Sendo a vida essencialmente um estado mental, e tudo, quanto fizemos e pensamos, válido, depende de nós a valorização. O sonhador é um emissor de notas, e as notas que emite correm na cidade do seu próprio espírito do mesmo modo que as da realidade. Que me importa que o papel-moeda da minha alma nunca seja convertido em ouro, se não há ouro nunca na alquimia factícia da vida?(...) Melhores, e mais felizes, os que, reconhecendo

¹⁸ Carma ou Karma é um termo de uso religioso utilizado dentro de doutrinas como o Budismo, Hinduísmo, Espiritismo, entre outras. Este termo se refere ao conjunto de ações do ser humano e suas conseqüências. De uma forma geral, o carma é entendido como uma lei de causa e efeito. Assim, se a pessoa praticou o mal, o receberá de volta com a mesma intensidade equivalente ao mal causado. O mesmo acontece se a pessoa pratica o bem.

a ficção de tudo, fazem o romance antes que lhes seja feito e, como Maquiavel, vestem os trajes da corte para escrever bem em segredo.

Não podemos nos esquecer que, além do nosso telencéfalo altamente desenvolvido e dos nossos polegares opositores, diferimos dos outros mamíferos porque temos a capacidade de criar, de imaginar. Pino (2006, p.49) confirma isso ao dizer que “criar é uma característica distintiva da espécie humana que lhe permite produzir suas condições de existência”.

No entanto, só pude enxergar isso quando percebi que o sonho pode nos libertar de toda esta determinação sociocultural. Mesmo assim, não basta sonhar, é preciso aprender a sonhar, e aprender a querer sonhar (RODRIGUES, 2005a, p. 67). Assim, Bachelard (1990, p. 112) nos ensina que “sabe querer quem sabe imaginar. À imaginação que ilumina a vontade se une a uma vontade de imaginar, de viver o que se imagina”, e também coisas que só vão se tornar imagináveis à medida que vivemos nossos sonhos.

Assim como eu, que entendi através da observação do meu orientador, que o sonho me fez ter coragem para largar minha vida certa em Porto Alegre e vir tentar uma vida incerta em Rio Grande. O sonho me fez acreditar que eu era capaz, que eu podia tentar uma nova vida. E, após cada tentativa frustrada de passar no mestrado, ainda assim, continuar tentando. Por isso não paralisei frente aos obstáculos. O sonho me deu a certeza de que conseguiria, era só uma questão de tempo. Assim, não me deixei contaminar por sentimentos como a angústia e o fracasso, o que me permitiu continuar na luta. E cá estou agora, finalizando este mestrado. Reconhecer que eu sonhava acordada e valorizar meus sonhos fez com que eu começasse a encantar minha vida, fez com que eu me (re)significasse para mim.

Antes de vir para Rio Grande, eu me considerava uma pessoa sem garra, uma pobrezinha que não tinha seguido a carreira de atriz e estava fadada a viver apenas tocando em frente. Não via mais possibilidades e acreditava que tudo que eu fazia sempre era “mais ou menos”. Sentia-me cansada e sem vontade para muitas coisas. Só que chegou um momento em minha vida que eu senti que: ou eu tomava as rédeas do meu destino, ou passaria o resto da minha vida sendo presa ao buçal¹⁹. Questionar sobre os meus sonhos, o que eu desejava, quais eram as minhas imagens de felicidade, fez com que eu me conhecesse melhor e assim, me aceitasse e buscasse o que realmente me faz feliz. Depois, descobri o que Pessoa (2006, p. 188) já havia escrito,

¹⁹ O buçal é uma peça complexa que é encaixada na cabeça e no pescoço do cavalo. Além da cabeçada, há nele a pescocera e a focinheira, ligadas por duas argolas. À argola inferior prende-se o cabresto. No freio, prendem-se às rédeas, para governar o cavalo.

O sonho é a pior das cocaínas, porque é a mais natural de todas. Assim se insinua nos hábitos com a facilidade que uma das outras não tem, se prova sem querer como um veneno dado. Não dói, não descora, não abate – mas a alma que dele usa fica incurável, porque não há maneira de se separar do seu veneno, que é ela mesma. Como um espetáculo na bruma. Aprendi nos sonhos a coroar de imagens as fronteiras do quotidiano, a dizer o comum com estranheza, o simples com derivação, a dourar, com um sol de artifício, os recantos e os móveis mortos e [a] dar música, como para me embalar, quando as escrevo, às frases fluidas da minha fixação.

Pensar é transformar, como falei anteriormente sobre a práxis, assim também é o sonho. Mas até entender isso, muitas inquietações eu tive. Para mim, tudo que eu estou escrevendo agora sobre sonhos, foi muito difícil de assimilar. Uma das idéias que não entravam na minha cabeça, era a de que só o ato de sonhar já era capaz de transformar. Eu não entendia isso, queria racionalizar o sonho. Assim, volta e meia questionava meu orientador: - *Mas vem cá hein, o sonho não tem obrigação de se realizar? Então a pessoa só fica sonhando, sonhando e sonhando por sonhar? E o que sonha nunca vai se realizar? E ela ainda fica feliz com isso?* Foi então que, pela “milésima” vez, meu orientador falou: - *O ato de sonhar já é em si a própria realização do sonho. Para os sonhadores nada é impossível, nós não sonhamos com o factual, com as possibilidades.* Não sei ao certo o porquê, mas apenas a partir daquele momento eu entendi. Entendi que o que eu sonhava, eu sentia. Eu sentia, eu vivia meus sonhos e através das imagens que eu criava, podia sentir dor ou bem-estar.

Então compreendi que sonhamos para alimentar nossas almas e nossas vidas, com tantas imagens quanto possíveis e desejáveis. Não existem limites nem regras para os nossos sonhos. Não existe compromisso com nada a não ser com a formação de imagens e com a realização do impossível. Por isso é que Bachelard gosta tanto de poetas, porque os poetas, através das palavras, enchem nossos sonhos com imagens. Na verdade, seus poemas nos fazem sonhar. Segundo Rodrigues (1999, p. 162), Bachelard “toma os poetas como mestres que nos ensinam a sonhar”. Para mim, a poesia tem a mesma função, a de me fazer sonhar, embalar meus pensamentos. Lembro agora, que apesar de eu nunca ter trabalhado poesias com as mulheres do GAB, elas volta e meia traziam textos com mensagens bonitas para nossos encontros. Assim, uma delas lia a mensagem, direcionando-a para o grupo ou para uma pessoa específica. Estas mensagens, que considero poemas, sempre tratavam de temas que para elas são importantes, como a união, a harmonia do grupo, a perseverança, entre outros. Sei que através daquelas mensagens elas sonhavam, sonhavam que o grupo

continuasse com união, com força e com garra. Sonhavam continuar juntas. E assim continuam.

As palavras narram nossos sonhos, mas um cheiro, um gosto, um objeto, um gesto, uma brisa, uma frase, uma imagem, pode nos conduzir ao despertar de imagens criadoras. No entanto, “devemos reconhecer que a imagem não tem nem seu princípio nem sua força no elemento visual” (BACHELARD, 1997, p. 125). Até porque, se o sonho fosse apenas uma imagem, poderíamos descrevê-lo e detalhá-lo. Mas o sonho não se explica completamente em palavras, sonho não se justifica. Tentar contar nossos sonhos acordados como contamos nossos sonhos noturnos, é reduzi-lo. É tentar racionalizar o que não pode ser racionalizado.

Assim, buscando a gênese de meus sonhos, descobri que os sonhos se multiplicam quando são sonhados coletivamente. Sonhos individuais se fundem sem perder suas peculiaridades, porém se tornando maiores e mais consolidáveis. O sonho desperta esperanças, motiva mudanças, nos dá sentido para continuar a caminhada. Coletivamente sonhos formam movimentos, sonhos aglutinam, e não precisam ser comunicados e nem justificados para isso. A partir desse entendimento, descobri a resposta que procurava sobre o porquê do GAB ter sido uma experiência de sucesso. Descobri que as mulheres do GAB, ao entrarem no movimento, nos encontros, e ao descobrirem suas habilidades, voltaram a ter esperança, aceitaram que podiam sim sonhar. Enfim, descobri o que as motivava a continuar juntas e enfrentar as adversidades. Seus sonhos!

2.2. Sonho porque estou acordada

Se penso é porque divago; se sonho, é porque estou desperto. Tudo em mim se embrulha comigo e não tem forma de saber de ser.

Fernando Pessoa

Fui dormir com a cabeça cheia de preocupações, medos e angústias. Será que essa dissertação sairia? Será que conseguiria escrevê-la no prazo? O que a banca acharia? Será que eu passaria vergonha? Decepcionaria as gurias do GAB? Naquela noite sonhei com perseguições. Eu estava sendo perseguida por bandidos bem no dia que eu tinha que entregar a versão final. Eu corria em ruas escuras e pensava: *não vai dar tempo, não vai dar tempo... Ainda falta imprimir, e eu não vou pegar a secretaria da Pós-Graduação aberta*. Acordei na manhã seguinte me sentindo pesada, com sono, ainda angustiada. Sabia que não tinha dormido uma boa noite, e meus sonhos noturnos foram, na verdade, grandes pesadelos. Durante o dia tentei me concentrar na escrita, me contaminar com a beleza da história do GAB. Tudo em vão. Como último recurso, decidi rever um vídeo que as gurias haviam feito

para me homenagear. Naquele vídeo elas falavam de mim, o que eu representava pra elas. Aquele vídeo me fez viajar, voar sobre, entre, sob todos os momentos que havíamos passado juntas. Aquele vídeo me fez sonhar, sonhar acordada. Aquele vídeo me inspirou, me fez querer contar, me emocionou, me fez querer emocionar.

Agora, acordada, e por isso sonhando, posso continuar a escrever.

Aí reside a diferença entre o sonho noturno e o diurno. Enquanto o noturno me paralisou, não me deu sentidos para continuar escrevendo, o sonho que tive acordada me fez querer, me inspirou, me motivou. Para Bachelard (1988, p. 139)

O sonho da noite não nos pertence. Não é um bem nosso. É, em relação a nós, um raptor, o mais desconcertante dos raptos: rapta o nosso ser. As noites, as noites não têm história. Não se ligam uma à outra.

Ainda para Bachelard (1988), quando estamos sonhando um sonho noturno, estamos nos ausentando de nós mesmos, estamos nos perdendo. Não podemos vivenciar nossos sonhos noturnos, não temos controle sobre o que sonhamos. Já no sonho acordado, no devaneio, temos consciência do que estamos sonhando, podemos direcionar nossos sonhos, e,

(...) mesmo quando o devaneio dá a impressão de uma fuga para fora do real, para fora do tempo e do lugar, o sonhador do devaneio sabe que é ele que se ausenta – é ele em carne e osso, que se torna um “espírito” do passado ou da viagem.(BACHELARD, 1988, p. 144)

O que não quer dizer que apenas dormindo possamos ter pesadelos, ao contrário, acordados também temos pesadelos, também vivenciamos estes sonhos pesados, estes pensamentos negativos. Bachelard (1997, p. 05) falando dos sonhos despertados nos diz que “sofremos pelos sonhos e curamo-nos pelos sonhos”. Assim, ele nos mostra a possibilidade de termos pesadelos acordados, e por isso nos sentirmos pesados e tristes. Porque se enchermos nosso cotidiano com reclamações, impossibilidades, fatalismos... O que poderemos esperar da nossa realidade? Exatamente o que pensamos: pesadelos. Por outro lado, e ainda bem, existe uma propriedade ambígua do sonho, seu poder curativo, de nos trazer bem-estar e felicidade. No entanto, diferente do pesadelo noturno, no pesadelo diurno, por eu ter a consciência de que sou sonhador do meu sonho, sou o sujeito de meu sonho, eu posso tentar controlá-lo. Posso tentar subverter a ordem, tornando um pesadelo, em um sonho leve. O importante é contrastarmos os sonhos pesados com os sonhos leves. Se não fazemos este contraste, podemos viver apenas o pesadelo, ou apenas o devaneio. O equilíbrio entre estes dois tipos de sonho é importante, principalmente para valorizarmos nossos sonhos leves, quando o temos.

Sonhamos conscientemente porque estamos acordados e acordados construímos nossa vida social e nossa história. Assim acredito que, mesmo sendo seres que se constituem social

e historicamente, também nos constituímos de sonhos e é através deles que podemos transformar a nós mesmos e ao mundo que nos cerca. Esse mundo que sonhamos nos enche de possibilidades de efetivação real da imaginação e materialização da mesma. Para Rodrigues (2005a, p. 67) “o sonho desperto prepara o homem para um viver saudável consigo mesmo e com seu mundo, tornando concretas as experiências de liberdade, felicidade e bem estar”. Assim podemos, através do constante exercício de sonhar acordados, interferir na realidade da nossa vida cotidiana. A imaginação criadora, utilizada como condição para o sonho, possibilita a auto-motivação para vivermos com encantamento e buscarmos o que nos faz feliz, sem culpas, prisões e angústias.

2.3 Educar é alimentar sonhos

A partir do momento que comecei a dar importância e ouvidos aos meus sonhos, passei também a me interessar pelos sonhos das outras pessoas. Assim, era só eu ouvir a palavra “sonho” ser proferida pela boca de alguém, que minha atenção se voltava para a pessoa. Queria descobrir o que a pessoa considerava sonho, e com o que ela dizia que sonhava. Comecei a reparar que a palavra sonho está mais do que presente no nosso cotidiano... Em letras de música, em encartes de revistas, em propagandas de TV, em tabelas de padarias, nas novelas... A mesma palavra, imersa em tantos significados diferentes. Estes significados são dados por cada boca que pronuncia a palavra sonho. Reparei também, que o sonho é uma palavra corriqueira, mas que na maioria das vezes, quem a profere, não reflete sobre o que a palavra sonho significa para si mesmo. Assim, entendi que o sonho, no dito popular, geralmente está ligado a questões materiais, ou a metas que se pensam inatingíveis. No dito popular, o sonho é visto de forma pejorativa, geralmente a palavra “sonhador” é utilizada para desqualificar pessoas. Pois, entende-se que se a pessoa não for sonhar para materializar o sonho, ou seja, comprar, adquirir e investir, de nada adianta sonhar. Da mesma forma, o sonhador pode ser considerado um vagabundo, que vive com as “pernas para o ar”. Alguém que não realiza nem nunca realizará seus sonhos. Estas desqualificações levam as pessoas a não quererem sonhar e a manterem distância dos sonhadores.

Na educação formal, nas escolas, essa desqualificação do sonho não é diferente. Quem nunca viu um(a) professor(a) chamar a atenção de um aluno, que num determinado momento não está prestando atenção na aula, com uma repreensão do tipo: - *Acorda fulano! Tu já estás sonhando de novo?* Não me lembro de falar de sonhos na escola, me lembro sim de me perguntarem o que eu seria quando crescesse, mas não o que eu sonhava. Lembro que eu

sonhava sim... Sonhava em terminar os estudos, sonhava com o toque da sineta para o recreio, sonhava dar um purgante para a diretora. Sonhava mais que isso, mas não lembro. Só me lembro dos sonhos que mencionei porque eram sonhos coletivos, os quais, eu compartilhava com meus coleguinhas. Dos outros sonhos não lembro, talvez porque nunca o ambiente escolar me proporcionou uma reflexão sobre os meus sonhos. Hoje vejo que mesmo dentro do ensino formal, a percepção do sonho ainda está presa e restrita aos ditos populares. Segundo Rodrigues (1999, p. 146) a linguagem da escola

“opera um esquecimento do caráter imaginário da linguagem, na medida em que não busca perceber o conteúdo (de como a história imaginária brota), mas a forma (gramatical) (...) A linguagem escolarizada tende a matar o talento que a criança tem de produzir imagens e sufoca suas tentativas de criação de uma linguagem própria e onírica, tornando essa situação um hábito”.

Assim, em alguns casos, a escola acaba por tolher as possibilidades de criação de imagens dos pequenos sonhadores. Isso ocorre pelo simples fato dos professores também não se sentirem mais sonhando e, por esse motivo, não estarem atentos em perceber e estimular os sonhos dos seus alunos. Os estudantes chegam à escola cheios de imagens, e aos poucos vão perdendo suas criações, pois suas imagens, muitas vezes, não têm espaço no conteúdo programático, nem na lógica fragmentada das disciplinas. Os alunos esperam encontrar aulas criativas mas no modelo de educação bancária comum em muitas escolas do país, os alunos acabam por habituarem-se a este tipo de ensino que os condiciona a pensar que só neste modelo que se aprende.

Para Bachelard (1990, p. 19) “o hábito é a verdadeira antítese da imaginação criadora. A imagem habitual detém as forças imaginantes. A imagem apreendida nos livros, vigiada e criticada pelos professores bloqueia a imaginação”. Assim, muitos estudantes adormecem seus sonhos até a universidade, até o mestrado, ou quem sabe nunca recuperem a consciência e a prática de sonhar. Somente muitos anos depois de sair da escola, é que pude perceber que a falta de sonhos não era só um mal para mim, a estudante, mas para os professores também.

No fim de 2007, durante um curso de formação de professores, ministrei uma oficina para professores de uma escola municipal do Rio Grande. Na oficina intitulada *Desbloqueio da criatividade*, utilizávamos como veículo condutor a argila e a música. Assim, primeiramente, as participantes, de olhos fechados e escutando a música, puderam, ao massagear a argila, passar seus sentimentos para ela. Depois de algum tempo, elas abriram os olhos e eu pedi que elas, utilizando aquela argila “energizada”, representassem em escultura o(s) sonho(s) que tinham como educadoras. Elas demoraram um pouco e se mostraram

surpresas com a tarefa. Aos poucos começaram a modelar, com certa dúvida e desconfiança do que faziam. Pronta a escultura, pedi que elas trocassem suas obras com a colega que estava ao lado. A pessoa que recebia deveria interpretar a escultura recebida, dizendo o que achava que era o sonho da colega. Até então a atividade fluiu leve, até então elas não haviam se revelado explicitamente. Depois, pedi que a escultura retornasse para quem a havia feito e que a autora desse a sua explicação da obra. Para minha surpresa algumas professoras começaram a chorar e se emocionaram muito ao falar de seus sonhos. Uma delas relatou que chorava porque acabara de descobrir que há muito não sonhava, que não conseguiu representar nada porque não tinha mais sonhos, e como aquilo era triste. Outra chorando disse que a realidade escolar era tão dura que a impedia de sonhar.

Eu, que há algum tempo já pensava nos sonhos, nos meus sonhos, e não conseguia mais dissociá-los da minha vida nem do meu trabalho, me comovi com o relato das professoras. Comecei a falar da importância do sonho e sobre qual era o papel do sonho em nossas vidas. Elas me olhavam com muita atenção. De repente, a sala estava muda e eu só conseguia ouvir minha própria voz. Depois de muito falar, perguntei se alguém gostaria de acrescentar algo. Ninguém quis. Aos poucos as professoras foram saindo da sala levando seus sonhos nas mãos, suas esculturas. Vi que estavam muito pensativas, inclusive uma professora que até aquela atividade, só dizia estar perdendo seu tempo ali. Fiquei meio apreensiva, pois elas não pareciam tristes, mas ao mesmo tempo não estavam felizes. Depois da oficina me senti bem. Pela primeira vez havia falado sobre os sonhos e vi que tinha conseguido tocar as pessoas. E agora, enquanto escrevo, fui remetida novamente à minha experiência com os professores de Porto da Folha. Pois em Porto da Folha minhas aulas foram um “falar sobre”, eu não possuía o interesse de perguntar. Por isso, consegui ficar uma aula inteira falando só para mim. Já na experiência com as professoras do Rio Grande minha postura foi outra, eu primeiro quis saber, quis suscitar a curiosidade delas sobre o que elas sabiam e só depois, com base no que elas me mostraram, busquei contrastar o saber delas com o meu saber.

Duas semanas após a oficina de *Desbloqueio da criatividade*, retornei à escola. Para minha surpresa uma professora veio falar comigo sobre a oficina. Disse-me que, desde então, tinha ficado pensando nos seus sonhos e que realmente não dava pra viver sem sonhos. Olhei ao meu redor e vi a dura realidade daquela escola, instalada no interior de uma comunidade pobre, e me lembrei das cenas que já havia presenciado ali. Eram pais pegando seus filhos a tapas no meio da aula, colegas se batendo, se xingando, desafiando a professora, pais bêbados indo falar com a diretora... Fora as histórias que as professoras me contavam. Lembrando daquelas condições de educar e do meu trabalho no GAB, ali eu percebi, que era impossível

educar sem sonhos. Que para enfrentar aquela dura realidade precisamos estar alimentados de sonhos, para poder alimentar as pessoas que acreditam que não podem sonhar, que não tem esse direito, assim como não tem direito a condições decentes de vida.

Pois na atual sociedade capitalista tão desigual, na qual nos inserimos, o progresso é associado à industrialização e a produtividade é a palavra de ordem. No mundo da produção, os seres humanos são vistos apenas como mão-de-obra e educados para suprir o mercado. Já a natureza, é considerada uma fonte de recursos infindáveis. Todas essas potencialidades são suprimidas pelo desejo maior da industrialização: produzir para o mercado. Sendo assim, a degradação ambiental e a manipulação da subjetivação humana tornam-se a tônica de nossa organização social, “(...) na qual não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases e os gestos de solidariedade humana” (Guattari, 1990, p. 27). Nossa subjetividade, segundo Mance (1994, p. 01) “é uma espécie de argila que vai sendo modelada sob a cultura dominante em cada sociedade e engloba todas as peculiaridades imanentes à condição de ser sujeito, envolvendo as suas capacidades sensoriais, afetivas, imaginativas e racionais”. Para Guattari (1992, p. 35) a subjetividade atua como “(...) instância fundadora da intencionalidade”. Portanto, muitas de nossas ações ou submissões acabam por perpetuar o modelo social no qual nos inserimos.

Como educar em meio a essa lógica de mercado? Como não sucumbir às pressões sócio-econômicas do capitalismo? Como subverter esta ordem injusta das coisas? Como sair desta alienação, se nosso entorno conspira para que continuemos alienados?

Eu acredito na educação, acredito na educação ambiental, acredito no sonho. Por isso, atualmente, não dissocio o sonhar do ato de educar.

Mas precisamos nos educar para sonhar, para então, educar nossos sonhos. Para isso é necessário sonhar acordado, deixemos de lado o pré-conceito ao sonho, pois o sonho é o que nos move, o sonho fabrica desejos, aspirações e realizações. O sonho nos permite trocarmos nossas lentes para renovar nossa visão do mundo, fazendo novas leituras do mundo e de nós mesmos. Assim como o mundo, podemos sempre mudar, adquirir novos valores, atitudes e nos livrar de pensamentos que não condizem mais com nosso novo ser. Até porque, como nos diz Freire (2001, p. 85) “Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização”.

E educamos para quê, senão para transformar nossa realidade? Para fazermos as pessoas acreditarem que podem sim mudar o mundo? Para construirmos um mundo melhor, onde as pessoas se emancipem, lutem por melhores condições de vida, por justiça social, por

um ambiente saudável, por uma nova ordem nas relações humanas que seja balizadas pela solidariedade, o amor e o respeito. E é exatamente por querermos outra sociedade, tão diferente da que temos agora, é que precisamos sonhá-la, imaginá-la. Como nos fala Rodrigues (1999, p. 118) que “o sonho antecipa e prepara a cultura, de modo que aquilo que hoje é cultura um dia foi sonho, isto é, pura possibilidade virtual”.

Sabemos que outro mundo é possível, mas antes que este novo mundo aconteça, ele deve ser sonhado, imaginado, desejado. Porque senão, qual será nosso ponto de partida? O que nos motivará? Não há modelos para esse novo que queremos, mas há sonhos, há utopias! E como afirma Loureiro (2004, p. 58) a educação não deve ser encarada “como o único meio para a transformação, mas como um dos meios sem o qual não há mudança”.

Na busca de transformar o mundo, temos uma importante aliada: a Educação Ambiental. Que nas suas esferas, formal, não-formal e informal, pode e deve propiciar espaços de reflexão, discussão, vivências e sonhos que possibilitem ampliarmos nossa visão e construirmos esse novo mundo em nós. Para Sato (2002, p. 17), “a EA deve gerar, com urgência, mudanças na qualidade de vida e maior consciência de conduta pessoal, assim como harmonia entre seres humanos e destes com outras formas de vida”. E aqui acrescento que as transformações no mundo em que vivemos, devem partir de transformações em nós mesmos. Pois somente acreditando em um novo mundo em nós, podemos transformar o que está em nossa volta.

No que tange a educação ambiental formal, realizada no ambiente escolar, com estudantes e professores, para buscarmos estas mudanças, a criação de novos sonhos, “devemos buscar ampliar a função da escola, de simples transmissão de conhecimento para o estabelecimento de uma comunicação crítica, criadora de um sistema imaginativo e transformador da cultura e do ser humano” (TRISTÃO, 2002, p. 173).

O mesmo vale para a EA não-formal, na qual esta pesquisa se insere. A EA não-formal possui as mesmas motivações da EA formal, no entanto atua em outro espaço, principalmente em comunidades, estando liberta das pressões curriculares. No caso desta pesquisa, a EA foi realizada com um grupo de mulheres de uma comunidade pesqueira. Esta experiência começou através de cursos de artesanato que pretendiam valorizar os ecossistemas e a fauna associada que se relacionava diretamente com a comunidade. No entanto, tanto o objetivo dos cursos, quanto a visão de EA se ampliou, proporcionando muitas mudanças na vida das mulheres envolvidas. Fazendo com que elas se reconhecessem pelo papel que exerciam na comunidade, dentro de suas casas e para si mesmas. A partir disso, se descobriram artesãs, educadoras, e exemplos de vida.

As mulheres do GAB começaram sonhando através das mãos, através das imagens da natureza. Mexendo na massa do biscuit, modelaram formas que não acreditavam possíveis fazê-las. Encantaram-se com o que poderiam fazer, acreditaram que podiam fazer mais. Depois, aos poucos, foram sonhando com aquele espaço de criação, com aquela sala, aqueles encontros, os quais as permitiam primeiramente, sair fisicamente de suas realidades. E com o passar do tempo, com as conversas, da aproximação com as colegas, descobriram que podiam trazer suas realidades para o grupo, podiam discuti-las e aprender com as experiências umas das outras. Assim, os sonhos, que inicialmente eram individuais e que as levaram a querer montar um grupo de artesãs, tornaram-se coletivos. Rapidamente ficou nítido para mim que cada uma das mulheres agregava seu sonho individual à coletividade, fazendo com que seu sonho fosse compartilhado por todas.

Pela história do GAB, pelas vivências que tivemos dentro do grupo e fora dele, é que acredito que pequenos eventos que vivenciamos e significamos, contribuem para a construção de nossa subjetividade, visto que podem despertar compreensões de mundo a partir de todos os nossos sentidos, e a partir de reflexões sobre estas experiências, transformar nossas atitudes com nós mesmos, com os outros e com o meio ambiente. E foi isso que aconteceu. Não que elas e eu tenhamos nos tornado pessoas perfeitas, mas aprendemos a nos conhecer, a conhecer nossos sonhos e assim, acreditarmos num outro mundo possível.

Foi por essa minha observação, sobre como o GAB se desenvolveu, é que me interessei em pesquisar o que para mim, foram os responsáveis por esse trabalho tão bonito: os sonhos individuais e coletivos das mulheres do GAB, nas quais me incluo. Mas a grande questão residia: como vou conhecer esses sonhos das mulheres do GAB? Como poderei pedir que elas me expliquem em palavras o que não se explica? Foi a partir destes e de outros questionamentos que iniciei minha caminhada metodológica e percebi que minha intenção não era conhecer todas as imagens, palavras, cheiros e gostos que estavam presentes nos sonhos de cada uma das mulheres. Minha intenção era que elas reconhecessem o tema, ou a imagem, ou a palavra, ou o sentimento, ou o valor que conduzia seus sonhos. Para que através deste autoconhecimento, o ato de sonhar se tornasse mais consciente para elas e assim, a verbalização de parte seus sonhos, mais fácil. Para então, compreender o que as motivava a sonhar uma nova vida e assim, transformá-la.

Capítulo 3

O CAMINHO QUE FIZ AO CAMINHAR



Fotos: Grupo de Artesãs da Barra, Arquivo Nema, Alice Monteiro

O homem de ciência reconhece que a única realidade para si é ele próprio, e o único mundo real o mundo como a sua sensação lho dá. Por isso, em lugar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as suas sensações às dos outros, fazendo ciência objetiva, procura, antes, conhecer perfeitamente o seu mundo, e a sua personalidade. Nada mais objetivo do que os seus sonhos. Nada mais seu do que a sua consciência de si. Sobre essas duas realidades requinta ele a sua ciência. É muito diferente já da ciência dos antigos científicos, que, longe de buscarem as leis da sua própria personalidade e a organização dos seus sonhos, procuravam as leis do "exterior" e a organização daquilo a que chamavam "Natureza".

Fernando Pessoa

3 O CAMINHO QUE FIZ AO CAMINHAR

Neste capítulo contarei como esta pesquisa se construiu. Falarei sobre minhas dificuldades, desafios e como busquei ver, através das lentes que usei. Assim, como nos capítulos que antecederam este, buscarei elucidar o caminho que fiz ao caminhar nesta pesquisa, fazendo sempre um contraponto autobiográfico. Pois acredito, como afirma Santos (2002, p.50), que “todo o conhecimento é autoconhecimento”. Para isso, relato os caminhos percorridos e descobertas vivenciadas para chegar à metodologia escolhida e assim utilizá-la. Revelo então um pouco dos meus embates com a ciência tradicional, minhas dúvidas, adequações, reflexões e ações. Portanto, ao destacar minha experiência nesta pesquisa, trago à luz a importância deste processo, tanto na minha formação como pesquisadora quanto educadora ambiental. Já que compreendi, ao longo do mestrado, e a partir das significações de minhas experiências como educadora, a não dissociar a pesquisa do ensino.

3.1 A pesquisa(dora) em construção

Estive contando minhas histórias até aqui, e como disse anteriormente, neste capítulo, não me absterei em contar mais uma: a história de como fui resistindo e me descobrindo como pesquisadora.

Quando iniciei o mestrado de EA em março de 2006, apesar de já estar um pouco familiarizada com a prática em EA, minha formação na pesquisa ainda estava muito presa à pesquisa tradicional da área biológica. Isto porque, durante minha graduação foi o único momento em que estive em contato com a pesquisa. Como bolsista de iniciação científica do Laboratório de Histofisiologia Comparada da UFRGS, auxiliava uma mestranda em seus trabalhos práticos, os quais eram principalmente utilizar animais e reagentes para quantificar dados. Como mencionei anteriormente, pesquisávamos os efeitos da isquemia cerebral em ratos. Para isso, utilizávamos ratos que tiveram isquemia induzida e após tempos determinados, matávamos estes ratos, fatiávamos seus cérebros e analisávamos em microscópios para ver os danos isquêmicos. Todo este procedimento feito em laboratório e seguindo um protocolo rígido.

Os resultados destas pesquisas, apesar de interessantes, não me encantavam. Não me agradavam os procedimentos de coleta, análise e escrita, na qual o pesquisador nunca aparecia. Bem como seus erros durante o processo, ou seja, como se constituiu na pesquisa e a própria construção da pesquisa. Hoje vejo que a falta de encantamento que tinha, fazia com que eu não visse sentido na pesquisa, que me sentisse apenas um robô assassino. Foi

justamente por isso que ao terminar a vigência da minha bolsa de iniciação científica, saí do laboratório.

O interessante é que mesmo não gostando daquela forma de pesquisa, meu referencial durante muito tempo foi justamente a pesquisa tradicional, positivista, quantitativa. Esse referencial fazia-me crer que aquele modo de pesquisa era o único modo legítimo de pesquisar. Mesmo que essa idéia não me agradasse nenhum pouco. Não que eu não considere importante pesquisas na área da biologia, medicina... Claro que acho necessário. Mas aquele tipo de pesquisa não me instigava, não me fazia sonhar. Depois de ter ido à Porto da Folha percebi que eu esperava mais da pesquisa e também mais de mim. Acredito que o pesquisador, em sua pesquisa, deve questionar-se: Para que pesquiso? Para quem pesquiso? Qual o retorno social de minha pesquisa? E no caso da pesquisa que eu realizava, eu não conseguia responder essas perguntas satisfatoriamente.

Logo entendi que, para mim, a pesquisa deveria ter o compromisso de ajudar as pessoas a melhorar de vida, e não utilizá-las como objetos de auxílio de meu interesse egoísta. Comecei a questionar a forma como o mundo científico pesquisa, ao despertar para o fato de que, quem paga a maioria das pesquisas é o povo, é a família do Zé Marcinho, é o cortador de cana, o operário que trabalha muito e ganha pouco. Enfim, minha consciência não me deixava, não permitia que eu utilizasse tranqüilamente o dinheiro do povo, com pesquisas que eu não pudesse diretamente ressarcir-los. Pois acredito que o pesquisador em sua pesquisa, deve aliar-se aos saberes populares e atuar como mediador de reflexões e construções coletivas como forma de ressarcir efetivamente a comunidade ou as pessoas participantes. Caso o contrário, corre-se o risco, como afirma Demo (1995, p. 233), “de colocar, todo conhecimento elaborado à custa e nas costas dos pesquisados, a serviço do sistema dominante que o usa para refinar as estratégias de controle social”.

No entanto, ainda não sabia como a pesquisa poderia transformar a vida dos pesquisados e por isso, ao vir para Rio Grande, me dediquei mais em me constituir como educadora ambiental do que como pesquisadora.

Em 2004, impulsionada pela seleção do MEA, passei a ler alguns livros sobre metodologia de pesquisa na área das ciências sociais, nos quais descobri outras formas de pesquisa. No entanto, apesar de me agradarem mais, aquelas metodologias eram muito complicadas para mim. Assim, constantemente me questionava sobre a validade dos métodos empregados na pesquisa qualitativa.

No mesmo ano, participei do curso de metodologia qualitativa oferecido pelo MEA. A partir daí, percebi que assim como a pesquisa quantitativa, os métodos de análise da pesquisa

qualitativa eram complexos e rigorosos. Neste curso, passei a entender que a dicotomia qualitativo-quantitativo era algo que deveria ser superada, pois são dois aspectos complementares em qualquer pesquisa. Mesmo assim, ainda não me sentia nem me imaginava como pesquisadora. O leitor deve estar pensando: Como é que a Alice queria fazer mestrado em Educação Ambiental, se ela não se via como pesquisadora? O que ela buscava com o mestrado? Respondo essa pergunta com a maior sinceridade, mas com certo desconcerto. Até a seleção de 2005 queria entrar no MEA para conhecer mais do campo da educação ambiental, mas também queria melhorar meu currículo, porque acreditava que este tipo de qualificação poderia me abrir algumas portas profissionais. Muitas coisas mudaram de lá pra cá, e espero que possa esclarecer estas mudanças tão fundamentais no decorrer desta história.

Os anos de 2004 e 2005 me proporcionaram grande crescimento profissional dentro dos projetos de educação ambiental que realizei pelo NEMA. No entanto, na área da pesquisa em educação não tive muita evolução. Foi apenas a partir do trabalho realizado com o GAB é que, no fim de 2005, surgiu em mim a vontade real de querer pesquisar. Todas as transformações ocorridas em mim e nas mulheres do GAB me motivaram a querer desvelar o porquê de tudo aquilo. Mesmo eu ainda não tendo clareza do enfoque que daria na pesquisa.

Em março de 2006, ingressei no mestrado de EA. Continuei trabalhando em quatro projetos diferentes no NEMA e fazendo as disciplinas do mestrado. Realmente pouco tempo sobrava para empenhar-me na minha construção como pesquisadora e assim, na minha pesquisa. Esta falta de tempo me angustiava muito, pois não tinha idéia qual caminho trilharia para a elaboração desta pesquisa.

Na disciplina de Metodologia de Pesquisa em Educação, que cursei no primeiro semestre de 2006, tive a oportunidade, através da metodologia pedagógica da professora Maria do Carmo, de exercitar minha escrita, minha leitura crítica e pensar um pouco no meu projeto de pesquisa. Neste período, apesar de já ter a idéia do que gostaria de pesquisar, ainda não sabia como o faria. No entanto, ao corrigir meu pré-projeto, a professora sugeriu-me a pesquisa narrativa como metodologia de pesquisa. A partir disso, comecei, timidamente, a ler a respeito desta metodologia, mas pouco me aprofundei. Aprofundei-me realmente na poesia, lendo muito Fernando Pessoa, o qual ajudou-me a refletir sobre os meus próprios sonhos. Comecei a tornar-me conscientemente sonhadora e (re)descobrir meu mundo de sonhos com a ajuda dos poetas e como bem diz Bachelard (1988, p. 16) “a poesia constitui ao mesmo tempo o sonhador e seu mundo”. No fundo, eu sabia que para realizar essa pesquisa, meu maior desafio seria conhecer melhor a dinâmica dos sonhos, e assim, comecei pelos meus. Vejo agora, que esta atitude, também fez parte da minha metodologia de pesquisa.

A partir do despertar para a poesia, passei a buscar encontrar meus sonhos, a sonhar em ser pesquisadora, e assim pude compreender o que Pessoa (2006, p. 502) poetizava:

O homem de ciência reconhece que a única realidade para si é ele próprio, e o único mundo real o mundo como a sua sensação lho dá. Por isso, em lugar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as sensações às dos outros, fazendo ciência objectiva, procura, antes, conhecer perfeitamente seu mundo, e a sua personalidade. Nada mais objectivo do que seus sonhos. Nada mais seu do que a consciência de si. Sobre essas duas realidades requinta ele a sua ciência. É muito diferente já da ciência dos antigos científicos, que, longe de buscarem as leis de sua própria personalidade e a organização dos seus sonhos, procurava as leis do “exterior” e a organização daquilo a que chamavam “Natureza”.

Recordo-me como se fosse ontem, o dia em que li este poema. A partir dele senti-me mais segura, parecia que tinha encontrado respaldo para pesquisar os meus sonhos e das mulheres do GAB. A partir disso, as perguntas que meu orientador Victor Hugo sempre fazia para mim, como: “*Alice, quais são teus sonhos? Por que estás aqui?*”, passaram a nortear meu pensamento. Foi aí que descobri que os sonhos sempre estiveram presentes em mim, são eles que me impulsionam, que me fazem buscar, arriscar. Eu, como muitas pessoas que conheço, chamava os sonhos com outros nomes: metas, projetos, desejos, vontades. Porque, a princípio, a palavra sonho me remetia a coisas impossíveis de serem realizadas, que ficariam sempre no plano das idéias. Nunca seria uma experiência concreta. Depois, ao reconhecer o papel dos meus sonhos na minha história, na minha vida, percebi o poder potencializador do sonho, que faz com que não existam limites para o sonhador.

A partir do meu despertar para o sonho, me questioneei: *Quais são os sonhos da Alice pesquisadora?* Descobri que para mim, o ato de pesquisar deve ter o compromisso com a mudança. A mudança de quem pesquisa e a melhoria em algum aspecto da vida dos participantes da pesquisa. Deve conceber a participação das pessoas como sujeitos do processo e assim, construir conhecimentos ao envolver o outro e não o utilizando como objeto.

3.2 A descoberta da metodologia de pesquisa

Nesta minha busca por uma metodologia que permitisse ao contar as experiências vividas no GAB, construir conhecimentos, transformar a minha vida e das pessoas que participam da pesquisa, encontrei a pesquisa narrativa. Neste tipo de pesquisa, segundo Galiazzi e Mello (2005, p. 02) “o objeto de estudo é a experiência, estudada de forma narrativa, porque o pensamento narrativo é uma forma fundamental de experiência e também

de escrever e refletir sobre ela”. Para Larrosa (2001, p. 02), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. O mesmo autor nos alerta que experiência não é o que se passa ou o que acontece, “pois a cada dia muitas coisas acontecem, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (idem). Assim, a experiência é o que apreendemos, o que significamos do que nos passa, do que nos acontece. Dentro da pesquisa narrativa, esta significação da experiência vivida por cada pessoa, ou um grupo de pessoas, tem a chance de ser revivida e (re)significada ao ser (re)colocada em palavras.

Ao conhecer um pouco mais sobre a pesquisa narrativa, entendi que esta metodologia me dava a liberdade que precisava para buscar conhecer os sonhos das mulheres à medida que elas próprias os reconheciam. De ouvir e contar histórias a partir delas. De possibilitar uma releitura das experiências e assim, mudanças em quem as narra. De transformar essas histórias em ciência e assim poder levá-las a muitos lugares e pessoas. Pois como infere Hart (2005, p. 20), “a narrativa é tanto uma via para nosso próprio conhecimento como um caminho para organizar e comunicar as experiências de outros”. Assim, busquei construir conhecimentos através das histórias das mulheres e, como expõe Hart (2005, p. 45), “(...) extrair significado da experiência mais do que descrever a experiência como foi vivida”, trazendo as experiências à consciência e utilizá-las como parte do processo desta pesquisa.

Em outubro de 2006 cursei pelo MEA, o tópico especial sobre Pesquisa Narrativa, ministrado pela Prof^a Dr^a Maria do Carmo Galiuzzi. Apesar de já estar pensando nesta metodologia, ainda não possuía um esclarecimento maior sobre suas possibilidades. Assim, esta disciplina possibilitou-me esclarecer algumas dúvidas e abriu-me muitas possibilidades, tanto de coleta dos dados, quanto de análise. A pesquisa narrativa me encantou, pois trás a possibilidade da intervenção, da transformação de mim mesma e dos sujeitos da pesquisa. Assim é muito bom pesquisar! Juntando o útil ao agradável: produção de conhecimento e intervenção transformadora no mundo.

3.3 A pesquisa narrativa

Nossa vida é repleta de experiências, que efetivamente começam a fazer parte de nós quando damos sentidos a elas. Este sentido é construído através da linguagem, a partir do momento em que, mentalmente reconstruirmos a experiência em palavras, para então, oralmente, verbalizá-la. Cada vez que recontamos nossas histórias, agregamos novos sentidos, fazendo com que nossa história nunca seja a mesma, ao passo que, quem narra também já não é a mesma pessoa de quando viveu a experiência. Na interpretação de nossas experiências, a linguagem é primordial e como nos diz Larrosa (1996, p. 463, tradução minha) “o ser é

impensável fora da interpretação e, visto que toda a interpretação é lingüística, é impensável fora da linguagem”. Para Bachelard (1990, p. 03) “o pensamento, exprimindo-se numa nova imagem, se enriquece ao mesmo passo que enriquece a língua. O ser torna-se palavra”. Ao interpretar nossas histórias, (re)significamos nossas vivências, construindo assim, nossa identidade.

Os processos de contar e recontar histórias são inerentes aos seres humanos. É um processo fundamental de compreensão de si e dos outros. Este ato remete-nos as civilizações mais antigas. Mesmo nossos primos, *Homo erectus*, já contavam suas histórias, e não era a falta de verbalização que os impedia. Narravam suas vidas e seu cotidiano através de desenhos. Em uma civilização não muito distante, os egípcios também nos contaram suas vidas através de desenhos, onde utilizavam muito simbolismo. Através deles, pudemos conhecer um pouco de suas crenças, organização social e modos de vida. Seus desenhos foram eternizados porque entendidos e recontados de outras tantas formas, como a forma a escrita, por exemplo.

Muito tempo se passou e hoje em dia, continuamos com a mesma ânsia de contar nossas histórias. E por essa ânsia, conseguimos diversificar as formas de inscrevermos nossas histórias no mundo. Além da fala, utilizamos também filmes, livros, esculturas, desenhos. Em um mundo tão globalizado como o nosso, as histórias chegam muito rápido de um ponto a outro do mundo. Para isso, a língua deixou de ser obstáculo, pois as histórias já chegam com legenda ou tradução. Todos querem saber, contar e aprender, mesmo que inconscientemente.

Mas devemos admitir que, cada um de nós, desenvolve a sua maneira de relatar seus pensamentos e experiências ao mundo. Alguns preferem a linguagem da escrita, da fala, do desenho, pintura, dança ou gestos. De qualquer maneira e de alguma forma, passamos nossos recados ao mundo. Devemos lembrar-nos também que uma mesma situação vivida no mesmo instante por muitas pessoas será contada de diversas formas diferentes, mesmo que todas escolham a oralidade como forma de expressão. Isso ocorre, porque cada um de nós significa a situação baseando-se em suas vivências, experiências, subjetividade e sentimentos.

De acordo com Hart (2005, p. 42) “nós somos contadores de história procurando sentidos que possam nos auxiliar a lidar com nossas circunstâncias”. Para remontar narrativamente nossas histórias, utilizamos o recurso da memória e do sonho, os quais nos permitem uma movimentação constante entre o passado, o futuro, o presente, entre o que está dentro (pessoal) e fora (social) de nós. Cada um de nós interpreta suas experiências de modo muito próprio, damos sentidos aos fatos “por meio de nosso universo de crenças, elaborado a

partir das vivências, valores e papéis culturais inerentes ao grupo social que pertencemos” (GALVÃO, 2005, p. 328).

O processo de reconstrução de nossas histórias é auxiliado, como disse anteriormente, pela nossa imaginação criadora e também pela nossa memória. Se por um lado, a memória dá o contexto, os fatos, por outro, a imaginação criadora, permite dar novas interpretações e significações, para nossas experiências e assim, para nós mesmos. Pois para nos narrarmos no presente, precisamos ter a consciência do que éramos no passado e do que queremos ser no futuro. Para transitar por essas duas esferas, passado e futuro, nossa memória nos ajuda a recordar. Devemos lembrar também, que nosso passado não é estável, “ele não acode à memória nem com os mesmos traços, nem com a mesma luz” (BACHELARD, 1988, p. 99). Pois, segundo Constantino (2004, p. 55) “o trabalho da memória é sempre construído no tempo presente”, mas com a apreensão do passado e a projeção do futuro. Assim, “a pessoa recorda influenciada pelo fator social, que organiza e formata o pensamento” (idem) e então, conseguimos narrar nossas experiências.

Este transitar, não deixa de ser também uma forma de devaneio desperto, pois sonhamos também com a memória, a razão, a emoção, mas principalmente com a imaginação. E é através da imaginação criadora que remontamos nossas histórias, e é através dela que criamos e recriamos nossas memórias. Para então, recriarmos a nós próprios. Segundo Bachelard (1988, p. 99), “em sua primitividade psíquica, Imaginação e Memória aparecem em um complexo indissolúvel”. Este fato é tão forte, que percebo que muitas memórias de infância que tenho e concebo como verídicas só são lembradas por mim, mesmo contendo nelas outras pessoas como meu pai e minha mãe. Quando conto uma dessas memórias para minha mãe, e incluo sua participação, ela a nega. Diz que eu inventei e que não estava presente naquele momento. Mesmo assim, minha memória não deixa de existir e os significados que dei à história, os quais me constituem, também não desaparecem. No fim, o que importa é que, para mim, aquelas lembranças e, portanto narrativas, são reais. Segundo Dutra (2002, p. 373), “a narrativa, em vez de ser uma lembrança acabada de uma experiência, se reconstrói a medida que é narrada”. Essa reconstrução se dá através da atividade de nossa imaginação criadora, se dá através do ato de sonhar. Pois segundo Bachelard (1988, p. 96), “sonhamos enquanto nos lembramos, lembramo-nos enquanto sonhamos”.

A pesquisa narrativa tem na experiência narrada seu objeto de estudo. De acordo com Galiazzi e Mello (2005, p. 04) “(...) a pesquisa narrativa é um modo de compreender a experiência”. Esta experiência reconstruída narrativamente pelo narrador contém personagens, tempo, contexto e lugar. A temporalidade ocupa um papel central na pesquisa

narrativa, já que toda experiência ocorre em um determinado tempo e lugar, dentro de um contexto maior que é o contínuo da vida. Assim, “o que se pode dizer da experiência de um indivíduo precisa estar relacionado com o contexto mais amplo em que esse indivíduo vive e também considerar que o significado dessa experiência pode mudar com o tempo” (GALIAZZI E MELLO, 2005, p. 02). Este não-acabamento, característico de nossas narrativas, nos dá a liberdade de nos recriarmos, nos reinventarmos. Segundo Dutra (2002, p. 374) “esse não-acabamento expressa o sentido de abertura que constitui o ser na sua existencialidade”.

Portanto, nesta pesquisa, busco, através das narrativas das mulheres do GAB, elucidar as transformações em suas vidas, suscitadas pelas experiências vividas no GAB. Considerando o GAB o contexto, o palco que se apresentaram todas estas mudanças. Busco que através do exercício da narrativa oral, as mulheres descubram a importância de suas experiências e assim, possam valorizá-las. Pois como diz Hart (2005, p. 20) “a narrativa é tanto uma via para nosso próprio conhecimento como um caminho para organizar e comunicar as experiências de outros”.

Ao escolher esta metodologia de pesquisa estava ciente ao fato de que, como afirma Santos (2002, p. 48) “Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua”. No entanto, a identificação do pesquisador com a metodologia de pesquisa é fundamental para o desenvolvimento satisfatório da mesma. E eu identifiquei-me muito com a narrativa, porque ela me possibilitou buscar conhecer os sonhos das mulheres de uma forma muito fluida e co-participante. Além de proporcionar uma experiência de autoconhecimento tanto para mim, quanto aos que participam da pesquisa. E sabendo que, como expõe Galiazzi e Mello (2005, p. 03) “o que nós escrevemos na pesquisa narrativa é sempre uma tentativa, um trabalho em desenvolvimento, sempre aberto a revisões e modificações”. Estes conhecimentos que foram construídos, certamente em outro momento da vida de cada uma de nós, serão reconstruídos e (re)significados. No entanto, é certo também, que as experiências vividas no GAB serão para todas nós sempre entendidas como rupturas transformadoras.

Quanto à teorização a priori, Galiazzi e Mello (2005, p. 06) fazendo um paralelo entre a pesquisa narrativa e a pesquisa tradicional, expõem que “enquanto os pesquisadores formalistas começam a pesquisa pela teoria, os pesquisadores narrativos começam pela experiência”. Assim, mesmo tendo algumas posições teóricas estabelecidas, por estar em processo de construção metodológica, acredito que “permanecer preso às teorias assumidas como ponto de partida de uma pesquisa é estacionar numa compreensão dos fenômenos

pesquisados” (Moraes & Faria, 2002, p. 21). Assim, mesmo já possuindo à priori, uma categoria de análise, que era o sonho, meu aprofundamento teórico se deu ao longo da pesquisa, à medida que fui reconhecendo os meus sonhos e os das mulheres. Pois segundo Galiazzi e Mello (2005, p. 16),

É importante traçar relações entre o estudo realizado e questões sociais significantes, buscando e construindo teorias, de forma que o estudo tenha um significado na sociedade e que possa contribuir efetivamente para discussão, entendimento e busca de caminhos para as questões sociais relevantes.

É importante salientar que busquei não analisar estas narrativas com métodos que propiciam a fragmentação do sujeito, dividindo seus pensamentos em categorias. Ao meu modo de ver, este tipo de método, descontextualiza o sujeito, mostrando-se incoerente com a proposta da pesquisa narrativa.

3.4 A busca pela apreensão do sonho

Desde que comecei a pensar e conhecer meus sonhos, entendi que sonhos não se explicam. Não tenho como expressar em palavras toda a dimensão e diversidade de meus sonhos. Do máximo que posso racionalizar sobre meu sonho, posso extrair-lhe o tema, imagem, vontade, sentimento que o desperta, mas nunca seu todo. Sabendo disso, minha primeira dúvida era: Mas como eu proponho conhecer os sonhos das mulheres se nunca os conhecerei por completo? Logo percebi que conhecer por completo os sonhos das mulheres do GAB não era o objetivo desta pesquisa, mas sim identificar algumas imagens que despertavam seus sonhos. Então, me desfiz da angústia de querer o impossível. A partir disso, passei a buscar reconhecer em cada uma das mulheres o que embalava seus sonhos, o que despertava seus sonhos.

Assim, comecei a reunir todo o material que havia sido produzido pelas mulheres, ou seja, cartas, mensagens, reportagens de jornal e televisão, atas de reuniões e depoimentos. Junto a isso, reuni tudo o que eu havia produzido sobre o trabalho, relatórios, atas de reuniões e reportagens de jornal. Mas eu ainda não possuía duas coisas fundamentais para a pesquisa, as narrativas das mulheres e um diário de pesquisa.

Posso dizer que não ter um diário de pesquisa foi o fato desencadeador da minha primeira grande crise e mais uma ruptura dentro de minha busca em constituir-me como pesquisadora. Explico: Há muito, a Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo e meu orientador Prof. Dr. Victor Hugo já haviam me alertado sobre a importância de escrever e utilizar o diário de

campo como subsídio de pesquisa. No entanto, só acordei para este fato quando me dei por conta de que havia trabalhado dois anos com as mulheres do GAB e nunca havia feito um diário. Portanto, teria que contar a história do GAB baseada na minha memória dos fatos e também em atas de reunião e relatórios técnicos. Desesperei-me, pois pensei que não poderia realizar uma pesquisa narrativa sem um diário. Entretanto, passado algum tempo, percebi o porquê de não ter feito este diário. Percebi que minha resistência não residia no exercício da escrita, a qual me dá muito prazer, nem no fato de confiar muito na minha memória, nem por não ter nada a dizer, e muito menos por eu não considerar importante anotar o que ocorria durante meus encontros com o GAB. Minha resistência era muito mais profunda, e só através da crise desencadeada é que identifiquei o motivo de tal resistência. O que me impedia de escrever um diário de campo era simplesmente o fato de eu não me ver como pesquisadora.

Claro que realizar uma pesquisa narrativa sem a presença de um diário não era o ideal, mas não desanimei. Entendi que os relatórios técnicos semestrais e as atas dos encontros com o GAB, os quais foram produzidos durante dois anos de trabalho com o GAB, também poderiam servir como diário. Assim, passada a crise, em novembro de 2006, adotei o diário de pesquisa. Pois passei a aceitar que escrever sobre minhas percepções e experiências de pesquisa era importantíssimo para a minha formação como pesquisadora, como Hess (2006, p. 89) afirma ao dizer que “(...) escrever um diário é um meio de construir sua identidade de pesquisador”.

Baseada, no corpus documental e em minhas memórias, pude formar a minha narrativa da história do GAB. No entanto, o desafio desta tarefa residia em conhecer os sonhos delas. Para conhecer os meus sonhos, precisei primeiro aceitar que sonhava, depois, tive que querer encontrá-los. Só a partir disso pude parcialmente verbalizá-los. Como vocês puderam ver nos capítulos anteriores, onde os expus, em parte. No entanto, não sabia como faria com que as mulheres falassem dos sonhos delas. Será que elas se viam sonhando? Como eu poderia abordar o assunto? Como seriam realizadas as coletas das narrativas? Eu só poderia responder essas perguntas de uma forma: na prática.

Assim, minha primeira decisão foi a de escolher três mulheres do grupo para participarem da pesquisa. Utilizei como critérios de escolha o tempo que estavam no grupo e o envolvimento que tinham com as atividades do mesmo. A partir disso, surgiram três nomes: Marlene, Patrícia e Suzana. A idéia inicial era que eu fizesse uma entrevista semi-estruturada com cada uma delas. Na verdade, seria uma conversa sobre os sonhos que elas tinham antes e depois de entrarem no grupo. Para o nosso encontro/entrevista eu levaria algumas questões prévias que seriam lançadas no decorrer da conversa. Sobre a entrevista semi-estruturada

Triviños (2001, p. 85) afirma que esta “começa com um número determinados de interrogativas, podendo concluir com trinta, quarenta, sessenta, porque cada pergunta pode originar outras perguntas esclarecedoras do investigador”. Nesta conversa, claro, eu ouviria mais do que falaria. Minhas perguntas deveriam estar intimamente ligadas ao meu tema de pesquisa, os sonhos. Assim, elaborei três perguntas norteadoras, quais sejam: 1. Como era tua vida antes do GAB e como é agora? 2. Como se percebe antes e como se percebe agora? 3. Que sonhos tinhas e que sonhos tem?

Decidido isso, em março de 2007, conversei com as gurias do grupo e expus minha decisão de como seria feita a pesquisa e que tema seria trabalhado. Queria que elas já fossem pensando nos sonhos que tinham, mas apenas mencionei que a pesquisa trataria dos nossos sonhos, meus e delas, despertados através do GAB. Sonhos esses, que nos impulsionaram a tantas mudanças. Naquele mesmo dia, marquei com a Marlene nosso primeiro encontro. Pedi que desde aquele momento, ela fosse pensando no local que gostaria que tivéssemos a nossa conversa. Orientei-a que fosse um lugar calmo e com a mínima interferência.

Então, em um dia ensolarado, em abril de 2007, eu e Marlene nos dirigimos à praia para ter nossa conversa. No caminho conversamos sobre coisas diversas, com o intuito de disfarçar nossa ansiedade. A Marlene é uma das integrantes do GAB que durante os encontros semanais mais fala sobre a importância do GAB para as mudanças na sua vida. Assim, o que eu esperava da narrativa dela, era que ela apenas repetisse o que eu via como sendo já um discurso dela. Mas para minha surpresa as coisas não foram bem assim. Iniciei nossa conversa perguntando quais eram os sonhos de infância dela e quais desses sonhos ela havia concretizado. Já no início da entrevista, notei que ela estava um pouco desconfortável. No entanto, naquele momento, eu não sabia explicar o porquê. Não sei se era o local, se era o gravador, se era por estarmos pela primeira vez conversando sozinhas sobre o assunto. Mas continuei nossa conversa perguntando o que tinha mudado nos sonhos dela depois que havia entrado para o GAB. Marlene não conseguiu responder àquela pergunta. Senti, naquele momento, que ela não conseguia falar sobre seus sonhos, não falava o que costumeiramente dizia sobre sua experiência no grupo. Talvez fosse eu quem estava perguntando errado. Naquele dia escrevi no meu diário:

“Algo que reparei é que, ao mesmo tempo em que ela falava, enquanto fumava, de conscientização, lixo no mar... Jogava bitucas de cigarro ao vento. Muitas vezes notei também que, no momento em que respondia, ela me olhava com um jeito de que estava tentando falar o que achava que eu queria escutar. Assim como, que ela não falava muitas coisas por saber que eu já sabia”.

Foi aí que eu percebi que teria que mudar de tática.

Entendi que tirar a Marlene do seu habitat, deixá-la sozinha comigo e um gravador, sem a presença do grupo, era como se eu tivesse tentando colocá-la numa “cadeira da verdade”. Percebi que tudo que cada uma das mulheres construiu no grupo, o que falou e como se expressou, foi realizado dentro de uma coletividade. Entendi que, o que pensavam e falavam, tinha mais sentido estando elas juntas, falando umas para as outras. Lembrei que nossos encontros sempre foram muito ricos de depoimentos. Neles, muitas declarações afluíam do coração de uma e encantavam as outras mulheres, que se sentiam à vontade para expressarem-se também. A partir daí decidi que as entrevistas seriam realizadas em grupo. Porque tentar inventar o que já estava pronto? Em grupo elas se sentiam seguras, calmas e confortáveis para falar de seus sonhos. Era isso o que eu queria.

Então, conversei com as mulheres e elas concordaram, inclusive achando melhor minha nova tática. Desta forma, as narrativas seriam colhidas coletivamente. Medida esta que ampliaria o número de participantes na pesquisa. A qual não estaria mais reduzida a três pessoas. Desta forma, os dados poderiam ser tratados também com olhos de coletividade. No entanto, desde o início eu sabia que, como não usaria somente as narrativas como corpus documental, pois usaria também depoimentos, cartas e meu próprio conhecimento adquirido como observadora participante de toda a construção do GAB, meu conhecimento maior seria sobre os sonhos das mulheres que estavam desde o início do grupo. Ou seja, sobre os sonhos da Marlene, Patrícia, Susana e Diana.

A partir da decisão das entrevistas coletivas, percebi que eu já possuía uma entrevista coletiva, gravada em novembro de 2006. Gravei um de nossos encontros, no qual avaliaríamos a participação de duas novas integrantes do GAB, Maria e Nely. Elas já estavam no grupo há três meses, mas apresentavam problemas no relacionamento em grupo. As mulheres que há mais tempo estavam no GAB, decidiram que faríamos uma reunião para esclarecer as queixas, assim como a filosofia do grupo, para as novas integrantes. Neste dia, como forma de sensibilizar as novas integrantes, levei a introdução do meu projeto de pesquisa para ler em voz alta. Nele, eu contava de forma mais resumida que no primeiro capítulo desta dissertação, as minhas construções até chegar ao GAB, e como eu via a história do grupo. Assim, ao ler em voz alta a introdução, eu me emocionei muito e as mulheres também. De forma que, ao acabar minha leitura, as mulheres começaram a falar também de suas experiências dentro do grupo e das transformações que ocorreram em suas vidas. Foi um momento muito especial, como tantos outros parecidos com aquele que já havíamos vivenciado em grupo. Momentos em que todas abriam o coração para falar como se viam

antes e depois do grupo, falar de seus sonhos e aspirações. A diferença era que naquela vez eu estava com um gravador. No entanto, a emoção foi tão forte que elas nem o notaram. Dessa vez, ele não foi um objeto constrangedor.

A segunda entrevista coletiva foi realizada em junho de 2007. Para nosso encontro, preparei uma apresentação que contava através de fotos a trajetória do GAB. Falei das primeiras vivências, cursos, saídas de campo, feiras e reportagens de jornal. Procurei não contar a minha versão da história, mas sim, trazer elementos que possibilitassem a emersão de lembranças e sentimentos. Esperando com isso, que elas pudessem me narrar suas versões. Aos poucos, cada uma delas foi remontando sua trajetória dentro do grupo. Nesta atividade, a Patrícia participou mais, narrando sua trajetória no grupo. Maria e Nely pouco falaram. Diana complementava a fala de Patrícia, contando partes da sua experiência no grupo. Marlene ficou quieta e quando questionada sobre o porquê de não estar falando, ela respondeu que já havia dito tudo durante a entrevista que fiz com ela. Mesmo assim, disse que se ela quisesse falar algo seria importante. Assim, ela falou. Acredito que este encontro foi muito proveitoso. A tática da apresentação incitou as mulheres do GAB a lembrarem e assim sonharem, utilizando as fotos do grupo como dispositivo de associação.

Depois destas duas narrativas coletivas, houve alguns momentos, durante nossos encontros semanais, em que narrativas sobre a experiência brotaram espontaneamente de cada uma delas. Assim, anotei as frases que falavam no diário, depois que saía do encontro. Agora me lembro de uma dificuldade grande que tive durante a pesquisa. Pois antes de pesquisadora, eu atuava no grupo como facilitadora, educadora. Então muitas vezes eu estava envolvida com as questões que elas me traziam, que iam desde questões de relacionamento no grupo, quanto de participações em feiras, novos produtos, aperfeiçoamento dos produtos. Assim, muitas vezes me sentia dividida em duas. Ali, eu tinha que decidir o que faria: ou eu coletaria os dados, ou eu facilitaria discussões e decisões. Assim, nesta tarefa o diário me ajudou bastante. Pois apesar de não conseguir anotar simultaneamente, quando eu chegava em casa, eu utilizava minha memória para refazer nosso encontro e as narrativas que emergiram.

Importantes narrativas das mulheres emergiram em outros dois momentos. Um deles foi no IV Fórum Paulo Freire, no qual elas participaram apresentando junto comigo o trabalho desenvolvido no GAB. Suzana, Marlene e Patrícia puderam esclarecer as dúvidas dos outros estudantes e pesquisadores que compunham a nossa sala de apresentações. Enquanto elas falavam, eu anotava alguns fragmentos de suas frases. Apenas fragmentos, pois estava também e junto delas, respondendo às perguntas.

Outro momento muito importante foi durante a 3ª Jornada de Conservação e Investigação de Tartarugas Marinhas no Atlântico Sul Ocidental - ASO, realizada em Piriápolis, no Uruguai. Fomos toda a equipe do Projeto Tartarugas Marinhas/NEMA e a Suzana foi representando o GAB. Neste evento, apresentei oralmente minha pesquisa de mestrado, mesmo que ainda incompleta. Busquei falar da importância dos sonhos para a conservação ambiental, para as pessoas que se envolvem nessa luta. Ao final da minha apresentação, chamei a Suzana para dar o seu depoimento sobre o trabalho. O depoimento dela foi lindo, foi sensibilizante e emocionou a todos. E naquele momento eu dei graças aos céus por estar tudo filmado! Era interessante ver todos aqueles pesquisadores renomados, que estavam sempre sérios, mas ali, visivelmente emocionados. Ao final da apresentação muitas pessoas vieram falar comigo e com a Suzana, nos parabenizando pelo trabalho. Suzana, que andava muito abalada, depois de um assalto que sofrera dentro do campus da FURG, voltou para casa com outro ânimo. Ela ficou feliz por ser ouvida no meio acadêmico, por ter feito as pessoas se emocionarem. Mencionou que antes daquela apresentação, duvidava que conseguisse, pois nunca havia falado pra tanta gente. Mas no fundo ela sabia o que dizer, sabia falar com o coração.

De posse das gravações de todas as entrevistas, relatos e depoimentos, iniciei o processo maçante de transcrição. Transcrevi cada pausa, cada suspiro, cada risada. Depois de cada transcrição, voltava as narrativas para as mulheres do GAB, para que as lessem e autorizassem ou não, o uso das mesmas. Todas autorizaram a utilização das narrativas transcritas. Assim, uni as narrativas a todos os outros materiais que já possuía, ou seja, reportagens, cartas, atas, relatórios, diário e memórias. Todos estes materiais representaram o corpus documental desta pesquisa.

Para a análise do corpus documental, realizei um intenso processo de imersão nos textos. No qual eu li e reli os textos, me impregnei com as palavras. Assim, deste intenso processo de imersão, que entendo que não se deu só na leitura, mas na convivência com as mulheres do GAB, é que emergiram minhas interpretações. Entendo que, como Sato & Passos (2005, p.224) afirmam, “só uma vivência cotidiana, extensa e intensa, permite uma significatividade do que possa vir a ser dito”.

Na análise das narrativas, decidi por inventar minha própria forma de análise, apesar de ter contato, através da leitura de Galvão (2005), com o método de Gee (1985), e com o método de Labov (1972-1982). No entanto, não me identifiquei com aqueles métodos de análise. Entendi que a pesquisa narrativa me dava a possibilidade da criação, onde eu mesma poderia criar uma forma de análise para as narrativas. De acordo com isso, Oliveira et. al.

(2004, p. 170- 171) mencionam que a filosofia bachelardiana mostra que “o cientista após ter participado ativamente do processo de reconstrução oral de forma empática, sentir-se-á convidado a criar técnicas que serão utilizadas na classificação, codificação e interpretação do conteúdo contido no relato oral”.

Entendo que para desempenhar a tarefa de interpretar a fala das mulheres e assim, compreender quais são seus sonhos, precisei buscar “conhecer mais que o significado das palavras, *precisei* ler nas entrelinhas, nos silêncios dos depoentes” (CONSTANTINO, 2004, p. 63). No entanto, minha convivência de três anos e meio com as mulheres me proporcionaram um conhecimento maior delas, dos seus tons de voz, suas pausas, seus olhares. Tenho plena noção de que meu forte envolvimento com elas me auxilia em minhas interpretações. Admito, no entanto, que a mesma aproximação que aumenta meu conhecimento sobre a vida particular e sociocultural das mulheres do GAB, também torna-se uma dificuldade para meu afastamento. Por isso, uma de minhas grandes batalhas dentro da pesquisa foi buscar esse distanciamento de um processo que também foi tão meu.

Capítulo 4

DESPERTANDO SONHOS ATRAVÉS DAS IMAGENS DAS HISTÓRIAS DAS MULHERES DO GAB.



Fotos: Grupo de Artesãs da Barra, Arquivo Nema, Alice Monteiro

Pensar o mundo é criar o mundo
Não há para além
Daquilo que aqui está
Nem quem
De onde não possamos
Tocar, ouvir, cheirar, sonhar!
Tudo se faz na medida
Da determinação (in)voluntária...
Desde membranas citoplasmáticas
Até uma sinfonia em dó maior

Rodrigo Cupelli

4 DESPERTANDO SONHOS ATRAVÉS DAS IMAGENS DAS HISTÓRIAS DAS MULHERES DO GAB

Neste capítulo, convido o leitor para conhecer as histórias que os pescadores não contaram. Dentre muitas histórias que contam, sobre a pesca, peixes, lutas em alto mar, alguns deles se esquecem de contar outras belas histórias. As histórias de suas mulheres. Mulheres guerreiras, que dedicam as suas vidas à formação de um lar, o mesmo que o abriga quando chega do mar. E já dizia a música de Dorival Caymmi: “O pescador tem dois amor/ Um bem na terra, um bem no mar/ O bem de terra é aquela que fica/ Na beira da praia quando a gente sai/ O bem de terra é aquela que chora/ Mas faz que não chora quando a gente sai”. Algumas destas mulheres fazem parte do Grupo de Artesãs da Barra. Assim, as trago ao texto, para que nos contem suas histórias e permitam que sonhemos através delas. Sonharemos através das palavras. Sonharemos através dos sonhos das mulheres do GAB. Digo isso, porque sonhei, à medida que lia os sonhos delas, o que me permitiu revisitar meus próprios sonhos e despertar outros, que sequer eu sabia que existiam em mim.

Portanto, reforço o convite ao leitor, para alçar um vôo imaginário enquanto percorre palavras sonhadas. Sinta o poder da palavra. Buscarei conduzi-lo a uma viagem de espanto imaginário, na qual conheceremos um pouco do contexto sociocultural da comunidade da Barra, lar das mulheres do GAB. Entenderemos que o contexto é inicialmente determinante para os nossos sonhos, a ponto de adormecê-los, até o momento em que começamos a sonhar conscientemente. A partir daí, criamos novos contextos que não mais nos determinam e sim, nos dão liberdade para novos sonhos. Tornamos o até então impossível, em possível, a utopia concretizável. Por isso, afirmo que é possível sim mudar o destino, pois sonhar é transformar, reinventar vidas.

Assim, reconheceremos este processo de transformações nas vidas das mulheres do GAB, nas quais me incluo, a partir do momento em que começaram a imaginar novos destinos e assim, viver novos sonhos.

Como disse anteriormente, vivemos o que imaginamos. Então peço a vocês que se imaginem alados, tranqüilos, voando sobre, entre, através e sob sonhos, que a princípio, não são os de vocês. Para que então, possam sonhar junto conosco os seus sonhos. Sentir os cheiros e viver as brincadeiras da infância, lembrar do casamento, dos filhos crescendo, dos sonhos esquecidos, do gosto da comidinha da avó, do cheiro da mãe. Muitos sonhos

emergirão, “porque à medida que tornamo-nos sensíveis aos sonhos dos outros, mais enriquecido torna-se o nosso sonho” (RODRIGUES, 1999, p. 151).

4.1 Barra: comunidade envolta de águas que sonham

A comunidade da 4ª Secção da Barra está localizada na base do Molhe Oeste da cidade do Rio Grande. Comunidade tradicional pesqueira que abriga cerca de 3.000 pessoas. A localização da comunidade permite que seus habitantes tenham grande proximidade com o estuário da Lagoa dos Patos, com as marismas e com o ambiente marinho. Esta abundância de águas propicia o desenvolvimento da atividade pesqueira, tanto artesanal, como industrial. Sendo a pesca a principal fonte de renda da maioria das famílias da comunidade. Assim, é possível perceber o quanto o desejo de uma boa safra de peixe permeia os sonhos da comunidade. Pois quando a pescaria é boa, a vida também se torna melhor, ao menos no aspecto financeiro. Mais peixe na rede acarreta uma maior renda para os pescadores, e assim, mais lazer, alimento e conforto.

A pesca é desenvolvida em quase toda a sua totalidade pelos homens, os quais podem passar dias e até semanas em alto mar. Assim, por terem que enfrentar grandes perigos no mar para trazer o sustento, os homens da comunidade sempre têm muitas histórias para contar. No enredo, trazem suas experiências em alto mar, na atividade pesqueira, as paisagens vistas, os animais marinhos. As histórias de pescador fazem do pescador um herói, um guerreiro. Se suas histórias são fantasiosas ou não, isso não importa. O que importa é que através delas, os pescadores criam suas narrativas, criam a si mesmos. Mas em meio às fantasias, as grandes guerreiras são suas mulheres que ficam em Terra com a tarefa árdua de gerenciar o lar: cuidar dos filhos, pagar contas, limpar a casa, cozinhar, lavar, e quando seus maridos chegam, dar total atenção a eles.

Através da minha imersão na comunidade, pude participar de festas tradicionais, atividades nas escolas, ir às casas, conversar com pescadores e suas famílias. Nestas minhas andanças, reconheci que no imaginário das crianças e mulheres da comunidade da Barra, os homens são os atores principais, as pessoas que conferem a identidade ao local e o sustento das famílias. Nesta perspectiva, as mulheres desempenhariam um papel coadjuvante, um papel de apoio ao pescador. Mesmo que eu considere um papel estrutural muito importante, percebi muita submissão, muita desilusão por parte das mulheres.

Acredito que um dos motivos é que, devido o asoberbo de trabalho doméstico e as proibições dos maridos, muitas não conseguem trabalhar fora de suas casas e muitas vezes deixam os estudos para se dedicar exclusivamente à família. Em relação a isso, os homens

mostram-se bastante tradicionais e assim, o valor da mulher fica intimamente ligado ao seu desempenho no serviço doméstico e cuidado com os filhos. Aos poucos as mulheres passam a acreditar que não podem ser outra coisa, a não ser donas-de-casa. Como expõe Suzana ao dizer: *Achava que não existia outra coisa que eu pudesse fazer a não ser, uma dona-de-casa. Com isso, meu marido achava que eu deveria viver assim também*²⁰. Aqui noto o quanto a palavra tem poder. Isto é, para a Suzana, a condição de só ser dona-de-casa também era reforçada através das palavras evocadas pelo marido. Entendi, então, o que Larrosa (2004, p.14- Tradução minha) escreveu: “O que somos não é outra coisa que o modo como nos compreendemos; o modo como nos compreendemos é análogo ao modo como construímos textos sobre nós mesmos”. Em relação à Suzana, vejo que seu contexto era determinante naquele momento, tanto pela cultura da comunidade, como pela falta de perspectiva que Suzana tinha.

Acreditando que não podem ser outra coisa, muitas mulheres acabam adormecendo seus sonhos e atrofiando sua imaginação criadora. No entanto, acabam se tornando aquilo que acreditam ser: apenas donas-de-casa. Seus mundos tornam-se seus lares, suas motivações acabam por ser não ouvir reclamações e muitas delas, sucumbem à depressão.

Veremos que a falta de perspectivas e sonhos não se dá depois que casam e constituem família. Ao menos, para as mulheres do GAB, a oportunidade de sonhar sempre foi limitada, desde a infância. Não é que elas não sonhassem, sonhavam sim, mas não conscientemente. Seus sonhos eram dirigidos principalmente para a sobrevivência, em meio a uma vida de sofrimentos. Então, se limitavam a utilizar a imaginação reprodutora e reproduzir os modelos postos, com a certeza de acertar em seus destinos, como se fosse o único caminho viável.

4.2 Infância adulta, sonhos adormecidos

Durante nossa entrevista, perguntei para a Marlene quais eram os sonhos dela de infância. Quando ela me responde: - *Acho que não sonhava quando era criança. Eu sofri muito para sonhar (...) não me lembro nunca de ter sonhado. Na verdade, eu não tive infância.* Marlene criança, teve que enfrentar a separação dos pais, a qual gerou muito sofrimento a ela. Ter que escolher com quem ficar, com o pai ou com a mãe, gerou um

²⁰ As palavras e frases em itálico, neste capítulo, referem-se às falas das mulheres do GAB, exatamente como foram transcritas por mim. Algumas vezes, no meio das frases em itálico, o leitor encontrará palavras sem o itálico. Isso refere-se ao fato de eu ter mudado o tempo verbal de algumas palavras para que se adequassem melhor ao texto.

trauma. Assim, ficando ela com a mãe, e por sua mãe trabalhar fora, aos oito anos Marlene já cuidava de toda a casa. Fazia comida para os irmãos, lavava roupa, entre outras coisas. Em meio aos seus afazeres domésticos, e o vigiar rígido de sua bisavó, Marlene esqueceu como era quando criança: - *Acho que era feliz, pelo o que eu me lembro*, diz.

Enquanto lia sobre a infância de Marlene, comecei a lembrar da minha própria infância. A diferença entre nós é que eu me lembro de muitas coisas da minha infância. Percebi o quanto eu tive a chance de ser criança. Não tinha que cuidar de irmãos, até porque era a caçula. Tinha muitos momentos de lazer, e na minha casa, criança era poupada de todo ou qualquer afazer doméstico. A não ser comprar “pão-de-quarto” na esquina de casa, vigiada pelo olhar atento da Dona Célia. Meus pais também se separaram, mas para mim isso nunca foi razão de sofrimento, até porque, eu nem era nascida na época. De resto, estudava e passava meu tempo livre brincando com as amiguinhas, passeando com meu pai e minha madrinha. Sonhando em ser bailarina, cantora, ser esquecida no supermercado para, quando ele fechasse, eu pudesse comer todas as guloseimas que houvesse dentro dele.

Assim, quando imaginei a infância da Marlene, vi como ela teve que amadurecer rápido e como deveria ser difícil sonhar em meio a tantas responsabilidades. Vi também que o sofrimento que tinha em relação à separação dos pais e suas circunstâncias, fez com que seus sonhos silenciassem a tal ponto dela, hoje em dia, acreditar que não sonhou na infância.

A perda da infância não ocorreu só com a Marlene. A Suzana também revelou não ter tido infância. Era a irmã do meio entre 10 irmãos. Desde cedo, foi responsável pela criação dos quatro irmãos mais novos. Passou trabalho, passou fome, ficou sem pai e sem mãe. E quando se lembra da infância, lembra da luta pela sobrevivência e de toda a carga que carregava. Lembra de não ter brinquedos, na verdade, Suzana tinha uma boneca de trapo sem cabelo e sobre isso diz: - *Meu sonho de infância era ter uma boneca com cabelo*. Demorou muito até ganhar a boneca com cabelo, mas quando ganhou, ficou tão feliz que decidiu levá-la a praia para tomar banho. Ela queria lavar os cabelos da boneca, brincar de cabeleireira, usar e abusar das madeixas da boneca. No entanto, esquecendo que os cabelos da boneca eram colados, ao lavá-lo, viu seu sonho ser levado pela água. Sua boneca ficou careca. Ao lembrar-se dessa história ela dá muita risada. Lembra que depois disso, colou uma meia na cabeça da boneca para parecer cabelo. E assim, sua criatividade não deu espaço para frustração.

Através das experiências de infância da Marlene e Suzana vejo o quanto a infância é marcante para os nossos sonhos da vida adulta. Para Marlene, a infância foi uma época de muito sofrimento, na qual teve que enfrentar a separação dos pais e por isso, deixar de ser criança para cuidar dos irmãos e da casa. Mas essa experiência gerou um sentimento, uma

busca, um sonho tão forte nela, que a partir desta pesquisa reconheci como sendo o sonho da união. Marlene busca união tanto em sua família quanto no GAB. Mostrou essa vontade quando me falou da sua adolescência e revelou sonhar. Tinha sonhos em relação à família: *O que eu sonhava era isso. Ter uma família e lutar que ela fosse unida.* Assim vejo que o sonho de união, despertado na infância, até hoje faz parte dos sonhos da Marlene.

Suzana, apesar de também relatar que sofrera muito na infância, no entanto, revela que se via sonhando. Considera que teve uma infância feliz e ao falar desta fase da vida, fala mais das coisas boas e engraçadas. Durante meus três anos de convivência com a Suzana a tive como um exemplo de perseverança. Suzana é uma dessas pessoas que qualquer problema que surge parece que dá mais força a ela. Está sempre animada e não encara os obstáculos com sofrimento. Os encara como uma prova de força, pelos quais ela passará. Quando falamos isso a ela, ela diz que esse seu jeito foi herdado na infância, pois teve que ter muita garra para transpor as dificuldades, mas sempre acreditou que conseguiria. Como de fato conseguiu.

Até pouco tempo atrás, eu não saberia dizer o que herdei da infância. E por incrível que pareça descobri através de uma conversa entre o Totonho, que é marido da Marlene, e meu pai. Ouvi *an passan* o Totonho falar pro meu pai que ele gostava de mim devido ao meu jeito simples, sem frescuras. Disse que por eu ter estudo esperava que eu fosse metida e fosse ficar falando palavras que ele não entendesse. Mas que a partir do momento que me conheceu melhor, viu que eu era igual a eles (acho que se referiu as pessoas da comunidade da Barra). Disse para o meu pai que se encantou porque, em todas as vezes que eu fui almoçar na casa deles, eu não tinha frescura, comia o que tinha. Disse que eu era muito especial pra eles, uma grande amiga. Meu pai justificou meu comportamento dizendo que nunca me criou com frescuras. Criou-me no meio das vacas, comendo a comida que ele e os peões comiam. E realmente foi assim. Estranhei quando o Totonho falou aquilo, porque pra mim, não existe outra forma de ser. Acho que esse comportamento eu herdei da infância, esse jeito simples, sem frescuras, sem querer demonstrar poder ou superioridade. Tenho a consciência que essa característica facilita meu trabalho com comunidades, facilita minha interlocução e minha imersão. A partir disso, percebi que durante minha adolescência, esqueci minha essência, reneguei meus sonhos, busquei ser outra coisa para ser aceita. Esta nova postura, que tentei me impor, quase me levou para longe de meus sonhos. Quase me levou para longe de mim. Bachelard (1988, p. 105) reconhece esta fase da vida ao dizer que “por vezes, a adolescência confunde tudo. Adolescência, febre do tempo na vida humana! As lembranças são claras demais para que os sonhos sejam grandes. (...) É preciso ir além do tempo das febres para encontrar o tempo da infância feliz em sua própria substância”.

Todos nós sonhamos na infância, e aos poucos, ao crescermos, adormecemos nossos sonhos, para sempre, ou não. No entanto, eles continuam dentro de nós, eles continuam sabendo o que nos faz feliz. Mesmo durante a infância, vamos aprendendo que sonhar é perder tempo, que nossos devaneios não servem para o mundo “real”. Para ingressar na vida adulta em um mundo capitalista, pagamos alto preço, o preço de abdicarmos do ato de sonhar. Assim, passamos a acreditar que o sonho nos faz perder tempo em um mundo tão *fast* e líquido. Por consequência, vamos negando que sonhamos e buscando racionalizar cada pensamento e ação, buscando a felicidade na exterioridade do “ter” e deixando que, se quiser, o “ser” o acompanhe.

Mas se despertamos para a importância dos sonhos e começamos a sonhar conscientemente, podemos identificar nossos sonhos de infância refletidos nos nossos sonhos de adulto. Pois segundo Bachelard (1988, p.95) “uma infância habita em nós. Quando a vamos reencontrar em nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades”. E assim, sonhando, podemos mudar nosso destino, pois o sonho muda a lógica do tempo passado, presente e futuro. Tudo vira presente, o passado e o futuro. Entendemos que vemos o mundo através dos sonhos, mesmo que não aceitemos essa idéia. Mas o que é o mundo senão o que vemos dele? Através do sonhar consciente, utilizamos nossa imaginação criadora, e assim aprendemos a ver aquilo que queremos. Aprendemos a querer, porque já conseguimos imaginar outro mundo possível. E foi exatamente o que aconteceu com as mulheres do GAB. Voltaram a querer porque passaram a imaginar possibilidades. Assim, seus sonhos despertaram e o que antes era considerado impossível, tornou-se realidade.

4.3 Vida adulta, sonhos latentes

Em suas vidas adultas, todas as mulheres do GAB casaram-se e tiveram filhos. Umás mais cedo, como a Marlene que casou aos 15 anos e teve seu primeiro filho na mesma idade; e a Suzana, que teve seu primeiro filho aos 13 anos. Outras mais tarde, como a Patrícia e a Nely, que tiveram seus filhos com 23 e 34 anos, respectivamente. Assim, ao constituírem família, muitas delas desistiram dos estudos e da vontade de trabalhar fora para constituir um lar, através do cuidado com os filhos e marido. Com passar do tempo, a rotina se tornou um hábito, e o hábito virou um destino imutável para elas. E apesar de se mostrarem insatisfeitas, não tinham perspectiva de mudança.

Ao falarem de suas vidas antes de formarem o GAB, algumas delas relataram o desejo que tinham de sair da rotina. Marlene ao ver sua vida antes de entrar no grupo, afirma: *Vivia*

praticamente só a vida do Totonho e dos filhos. Eu não tinha vida pra viver! Eu vivia a vida deles... Me fazia falta. Mas Marlene considerava difícil, quase impossível, sair de sua rotina e buscar viver também uma vida dela, até porque não recebia apoio de seu marido para isso. Marlene acreditava que pela cultura do marido, ele achava difícil *aceitar que a mulher pode fazer alguma coisa, deve fazer alguma coisa.* Marlene justifica o comportamento do marido ao dizer que *ele foi criado assim, o pai dele era bem machista.* Marlene também sentia falta de ser reconhecida pelo marido como “Marlene” e não somente como a esposa, a mãe dos filhos dele. Ao mesmo tempo, a própria Marlene se via como *aquela dona-de-casa quietinha, caladinha, que vivia baixando a cabeça para tudo.* Apesar de Marlene ter o desejo de ser valorizada pelo que era, e não pelas funções que desempenhava, em sua vida, ela só tinha espaço para desenvolver seu lado de mãe, esposa e dona-de-casa. E era disso que ela sentia falta, de um espaço em que ela pudesse resgatar aquela Marlene, pela qual desejava ser reconhecida.

Não muito diferente de Marlene vivia Suzana, que relata que acreditava não existir outro mundo senão o do seu lar. Ao falar de sua vida, Suzana conta, *“vivia com o Gonçalo, na minha casa isolada de tudo. O assunto que eu tinha era só com ele e com meus filhos: bom-dia/bom-dia, boa-tarde/boa tarde”.* Segundo ela, seu marido sempre foi um homem muito controlador, e não a deixava ir à parte alguma, se ele não estivesse junto. Então, sua casa passou a ser seu mundo, e o mar, a paisagem de sua janela. Suzana vivia na beira do mar, como chama o Estuário da Lagoa dos Patos, e segundo ela *“via, mas não enxergava o mar”.* Mal sabia ela que o mar era o lar de um animal que a ajudou com que despertasse para si mesma. Suzana também nos afirma sofrer de um mal que acometia grande parte das mulheres do GAB: a depressão. Dizia-se uma pessoa amargurada, depressiva.

Assim como Suzana, Maria sentia que seu mundo era “oco”, queria sair da rotina. Mesmo assim, nunca se sentiu subordinada ao marido. Segundo ela, nunca deixou de fazer nada pelas vontades dele. Foi assim que ela conseguiu terminar o primeiro grau, apesar das constantes reclamações do marido. No entanto, Maria, que há pouco tempo se mudara para a Barra, se sentia muito sozinha, até porque, seu marido, que é pescador, passa muitas semanas no mar. Maria relata que *vivia em depressão e chorando* e que viver só em função de casa, filhos e marido a estava consumindo.

Além de se sentirem presas à rotina e não terem perspectiva de sair dela, muitas delas traziam a mágoa de ter abdicado de muitos de seus sonhos pela família. Este sentimento fica evidente na fala de Patrícia:

Eu não era ninguém. Assim, a minha vida era aquilo que era e deu pra bola. Não tinha... Eu parei de estudar, de fazer outras coisas, cursos, que eu gostaria de ter feito e não fiz. Porque ele (marido) disse que não era pra fazer e eu não fiz. Sabe, tava acomodada.

Essa baixa autoestima, demonstrada pela Patrícia, era partilhada pela maioria das outras mulheres do GAB. No entanto, relatadas de formas diferentes. Diana, diz que não se sentia capaz de dar sua opinião, sentia que “não tinha boca pra nada”, pois tinha medo de criar conflito. Pelo mesmo motivo, Marlene também não sentia que tinha voz em casa e por isso, não se sentia respeitada. No entanto, essa situação mudou à medida que elas perceberam que não eram ouvidas porque acreditavam que o que elas tinham para dizer tinha valor. Assim, quanto passaram a acreditar no que tinha a dizer, passaram a querer serem ouvidas e assim querer falar. Passaram, através das vivências proporcionadas pelo GAB, a acreditar que tinham sim o que dizer. Que suas experiências de vida davam suporte para suas opiniões.

Então, depois de muito querer viver coisas novas, algumas das mulheres começaram a sonhar com algo que as fizesse sair de suas rotinas. Algo que as fizesse querer viver seus próprios sonhos. Para Suzana, este querer foi despertado, segundo suas próprias palavras: *No momento que o NEMA chegou na escola e falou que ia acontecer um curso talvez pras mulheres, me achei assim... Achei que aquela era a oportunidade de eu saber o que tava acontecendo no mundo lá fora.* Pois Suzana acreditava que por viver muito em função de sua família e sua casa, *não sabia que existia outro mundo lá fora.* Suzana não imaginava outro mundo possível, até passar a viver o que pensava impossível, um antigo sonho que tinha, que era o de participar de um grupo de artesanato na Barra.

É interessante perceber que nós só podemos nos dar por conta de nossa condição alienada, à medida que passamos a imaginar novas possibilidades para nossas vidas. A partir do momento em que acreditamos que poderemos sim mudar nosso destino.

A proposta do Projeto Tartarugas Marinhas/NEMA de envolver as mulheres da comunidade da Barra, representou para boa parte das envolvidas, uma porta que se abriu para novas possibilidades, novos sonhos. Ao ilustrar esse pensamento, Marlene recorda dos primeiros encontros do Projeto com a comunidade, no qual a Rita, colaboradora do NEMA, conduziu uma atividade de mímica:

Quando foi na minha vez, aí ela tinha pedido né, o que viesse na minha cabeça. O que veio na hora foi uma porta. Uma porta que eu estava abrindo. Tem até nas fotos eu abrindo a porta. E realmente foi uma porta para uma nova vida para mim. Foi uma porta pra eu sair daquele mundo que eu vivia e entrar para outro, tanto de pensamentos, quanto de atos, de... tudo.

Assim como eu, muitas mulheres chegaram aos cursos oferecidos pelo NEMA, com muita curiosidade e pouca expectativa. O simples fato de estarmos lá, já representava um movimento importante na vida de todas nós. Estávamos lá por motivos distintos, que nem nós saberíamos dizer naquele início. Mas estávamos embaladas por sonhos latentes, que aos poucos foram tomando forma, cor, sabor, cheiro e vida!

4.4 A vida dos sonhos, os sonhos da vida

Em meio a massas de biscuit, miniaturas de tartarugas marinhas, tintas e pincéis, as mulheres que participavam dos cursos foram se conhecendo, unindo suas vidas e acordando seus sonhos. Poucas já se conheciam, a maioria só de vista. No entanto este fato não as impediu de se identificarem e acreditarem na possibilidade da formação de um sonho coletivo. Ao falar do início do Grupo, Patrícia relembra que elas,

“(...) eram pessoas que nunca se viram, algumas, já se conheciam de vista. Eu não conhecia ninguém. Deu a coincidência de todas terem um sentido, uma visão que uniu pessoas tão diferentes, que na verdade, não são tão diferentes assim. A maioria tem os mesmos problemas em casa: são as pragas dos maridos, é filho, é o dever de casa”.

Quando Marlene relembra do início do grupo, relembra também de como ela era:

Eu sempre fui muito pé no chão, eu acho. Não tirava o pé assim pra eu imaginar que eu poderia ganhar na loteria e fazer alguma coisa (ri) né. Eu sempre fui muito... muito do real mesmo... e quando assim... apareceu o grupo... assim, quando eu comecei a participar... era uma forma eu acho de sonhar com alguma coisa, de ter o mesmo ideal.

Suzana se espanta ao lembrar que, além delas não se conhecerem antes de começar os cursos de artesanato, para ela, era *muito difícil conseguir tirar duas pessoas que quisessem seguir o mesmo rumo. Difícilmente isso vai acontecer... E nós éramos nove!*

A fala da Suzana me remete aos meus primeiros encontros com as mulheres da comunidade da Barra. No início dos cursos éramos trinta e seis mulheres. Até o fim dos cursos esse número já estava reduzido a nove. Estas nove mulheres as quais Suzana se refere, e que há apenas dois meses se conheciam, começaram a sonhar com a continuidade dos encontros e assim, com a formação do GAB. Ao me lembrar desta época, posso sentir a energia que existia no ar, o clima dos nossos encontros, o qual o poema de Pessoa (2006, p. 468) consegue melhor que eu, descrever:

“O nosso sonho de viver ia adiante de nós, alado, e nós tínhamos para ele um sorriso igual e alheio, combinado nas almas, sem nos olharmos, sem sabermos um do outro mais do que a presença apoiada de um braço contra a atenção entregue do outro braço que o sentia”.

Assim, à medida que começaram a modelar, começaram também, a sonhar através das mãos. Encantaram-se com o que podiam fazer. E não só elas. O marido da Suzana também se impressionou quando a viu modelando uma tartaruga, como ela conta:

Teve um dia que ele me viu fazendo uma tartaruga e disse: - Eu não acredito que tu estás fazendo uma tartaruginha tão bonitinha, tão delicadinha, com a bruteza que tu tem. Ele não acreditou como eu tava fazendo algo tão delicado se eu era tão estúpida. Daí eu olhei pra tartaruginha e pensei: Pô é mesmo, né? A tartaruginha é tão tranqüilinha, né? Porque eu não posso ser mais tranqüila também?

Aos poucos elas foram agregando sentidos às tartarugas marinhas, sentidos que desejariam ver em si, como Suzana mencionou. A partir dessa percepção, acabaram também por (re)conhecer o contexto das tartarugas marinhas, o local que elas vivem, assim, reconheceram o mar. Marlene menciona que,

coisas que eu não dava importância, tipo, sabia que o mar tava ali. Mas hoje, olhar pro mesmo mar que a gente sempre passou e nunca deu bola, e saber que aquilo ali não é só o mar, é uma fonte de vida, né? Que muitas coisas geram dali, eu antes não tinha essa consciência.

Parece absurdo pensar que as pessoas que vivem e dependem do mar não valorizem o mar. Mas isso não é um absurdo, é apenas o resultado do que passamos quase a vida toda a tentar: distanciarmo-nos dos nossos sonhos e assim, de nós. Marlene, assim como Suzana e Patrícia, não enxergava o mar. Por outro lado, quando eu cheguei à comunidade da Barra, o que eu mais conhecia era o mar, as marismas, o estuário, no entanto, eu não valorizava a cultura e a estrutura social da comunidade. Eu simplesmente não as via. Só passei a enxergar a vida da comunidade à medida que as mulheres foram me mostrando, abrindo meus olhos para o contexto de suas próprias vidas. Eu, em contrapartida, mostrei para elas o que eu enxergava no mar. E neste fluxo, elas mesmas foram revendo seus contextos e reconstruindo suas visões do mar e de sua comunidade, e eu, conheci a comunidade e resignifiquei o mar para mim. Acredito que vivemos este processo como no poema de Pessoa (2006, p. 469):

“Reparávamos de repente, como quem repara que vive, que o ar estava cheio de cantos de ave, e que, como perfumes antigos em cetins, o marulho esfregado das folhas estava mais entranhado em nós do que a consciência de o ouvirmos”.

Assim, percebo que se eu não reconhecesse os sons, os cheiros e a vida da comunidade da Barra, meu trabalho com as mulheres não iria à diante. Ao mesmo tempo, acredito que se as mulheres não reconhecessem o marulho, ou seja, o barulho do mar em seus sonhos, elas também não acreditariam na possibilidade do GAB.

Entendo que, ao não percebermos nosso contexto, acabamos por nos alienarmos de nós mesmos. No meu caso, não era o mar que eu não valorizava, eram meus próprios sonhos.

Pois por muito tempo, eu acreditei que apostar nos meus sonhos significava desviar do rumo certo. Assim acabei me perdendo. O bom, é que meus sonhos me acharam e dessa vez, assim como as mulheres do GAB, eu resolvi segui-los.

Através de nossos encontros semanais, aos poucos fomos não somente aprendendo a fazer artesanato, fomos aprendendo umas sobre as outras, fomos compartilhando sentimentos, vivências, sorrisos, lágrimas, e com tudo, aprendendo a conviver em grupo. Ali, naquele espaço, ao longo do tempo, fomos exercitando não somente nossas mãos, mas nossa tolerância, compreensão, respeito e solidariedade. Por incrível que pareça, as relações dentro do grupo nunca foram intermediadas pelo dinheiro. Ninguém estava ali pensando no lucro, nem estavam dispostos a conviverem e se conhecerem porque ganharíamos um salário no fim do mês. E não era porque ninguém precisasse de dinheiro, todas nós precisávamos. Mas a necessidade que tínhamos de nos (re)valorizarmos e redescobrirmos era mais urgente, e essa necessidade, o dinheiro não poderia comprar. Esse sentimento é reforçado por Patrícia, quando fala: *Se dependesse do valor financeiro acho que ninguém tava aqui.* Do mesmo sentimento compartilhava Marlene:

Quando eu entrei pro GAB, a minha intenção, assim, nunca foi de achar que o grupo pudesse dar rios de dinheiro ou dar dinheiro. Não foi esse o motivo que me levou, e sim de, no caso, aquela coisa de lutar por uma mesma coisa. Uma coisa que a gente passou a acreditar. Porque até então não se acreditava, que se tinha que fazer alguma coisa pelo meio ambiente..tudo né.. E pra obter o respeito na família, né? Acho que foi aquela coisa assim que me levou... Mas até então eu não sabia que também com o grupo, eu poderia conseguir essa parte, de adquirir o respeito deles por mim.

Um movimento interior e exterior acontecia na vida das mulheres. Elas já não se viam sem possibilidades, não se viam mais como antes. No entanto, seus maridos ainda as queriam iguais. Assim, quando viram que elas teriam coragem para levar seus sonhos à diante, buscaram desencorajá-las. Como bem disse Diana,

Um marido que já está acostumado com a mulher em casa, naquela vidinha ali, e a mulher se transforma. Arruma outra ocupação a não ser o marido, a casa e os filhos, isso acaba influenciando no casamento, né? Ele vendo que realmente ela tá indo pro mundo, que não é só aquele mundinho de dentro de casa com os filhos. É diferente, né?

O marido da Marlene não aceitava de jeito algum que ela participasse das feiras pelo grupo. Segundo ela, “*essa fase foi um horror*”. Inclusive, fez com que ela pensasse em desistir do grupo. Pois como ela disse: “*Sempre quis ter uma família unida e sempre tive um propósito assim, que se alguma coisa começasse a desestruturar, principalmente da minha*

parte, eu abriria mão". No início, Marlene sentia que sua participação no grupo não era algo tão importante para que ela arriscasse a união de sua família. Mesmo assim, ela não desistiu do grupo porque, segundo ela, começou a pensar nela mesma:

Poxa, eu já adquiri uma das coisas que eu queria, que era fazer alguma coisa que não fosse só casa e filho. Aí depois que eu consegui, eu vou dar pra trás de novo? Aí eu comecei e aos poucos fui contornando ele, para ele entender que realmente era uma coisa séria.

Segundo Josso (2006, p. 28), "toda a mudança existencialmente significativa, introduz uma espécie de caos psíquico, isto é, comportamental que engendra um desconforto mais ou menos suportável de acordo com as pessoas". O desconforto que Marlene passou com a recusa de seu marido em aceitar que ela continuasse no GAB, foi sentida também por Suzana e pela Patrícia.

Segundo Patrícia, o marido dela dava força enquanto...

tava achando que eu tava importante, assim, (ele pensava) vou fingir que eu to acreditando nela, vou fingir que a coisa vai ir porque a coisa não vai sair dali. Aí, quando ele viu que a coisa ia sair, ele disse: - Não, tu vai ter que escolher, ou eu, ou o grupo. Eu não pensei duas vezes: eu escolhi o grupo.

Felizmente Patrícia, para continuar no grupo, não precisou se separar do marido. Ela apenas decidiu que não abriria a mão de seus sonhos, e ela tinha coragem para isso.

Assim como Patrícia, Marlene e Suzana tiveram coragem para enfrentar seus maridos. Mas elas sabiam que o confronto de frente, não as ajudaria. Foi então que, como Marlene relata: *aos poucos fui contornando ele para ele entender realmente que era uma coisa séria, que não era uma brincadeira*. Além de contornar as situações, elas buscaram conciliar os encontros do grupo e o fazer de seus artesanatos, com suas tarefas de mães e esposas. Pois como fala Diana, *se o marido chega em casa, tá com a comidinha pronta, a roupa limpa, não tem do que reclamar*.

As mulheres do GAB estavam decididas a enfrentar a resistência de seus maridos, e a partir disso, puderam também enfrentar suas próprias resistências. As resistências que tinham em dar importância aos seus sonhos. E à medida que reaprendiam a sonhar, seus sonhos geravam novos sonhos. Assim, os sonhos que inicialmente eram individuais, passaram a ser compartilhados por todas as mulheres e geraram sonhos também em suas famílias. Suzana, em seu relato, fala sobre as dificuldades que enfrentou para continuar no grupo. Fala também o quanto foi importante a conquista de contagiar sua família com seus novos sonhos:

A minha mudança, vou te dizer assim, mudou totalmente a minha relação com a minha família, com o meu marido e com meus filhos. Pra mim foi assim: Eu vivia dentro da minha casa, eu era uma pessoa estúpida, uma

peessoa totalmente depressiva e achava que não existia outra coisa que eu pudesse fazer a não ser uma dona de casa. E com isso, meu marido achava que eu deveria viver assim também. Mas só que quando aconteceu, me despertou! Foi muita briga. Não pensa que foi fácil não: (Para o marido)- Não, eu preciso ir lá, hoje é o dia de ir no grupo! (marido)- Não, esse dia não, esse dia tu tem que ficar em casa porque tu tem que atender o telefone. Tem que esperar o motor- ele é mecânico de barco. E eu passava por cima: – Bah meu filho, ajuda a mãe porque a mãe precisa ir lá.. E quando eu chegava era aquela guerra, e eu dizia: - Eu não vou desistir, eu não vou desistir do meu sonho. Pra mim tá indo bem, se pra ti não tá indo bem, então eu não posso fazer nada. Dia pouco, aí comecei a sair pras feiras. Quando eu saía pras feiras era aquilo. Quando eu chegava em casa, era um terror. E aí o quê que aconteceu? Eu precisava ir pras feiras e como ele tem um auto, muitas vezes eu não posso carregar tanto peso... – Ah, mas será que tu não me levava? E ele ia dizendo: - Bom, vou só te largar lá e já vou indo embora. Ele me largava e eu vinha de ônibus. Aí já quando foi numa temporada de verão, ele dizia: - Ah, eu não vou deixar essa mulher andar sozinha! Aí ele começou a acompanhar, a se envolver. Hoje em dia ele se envolve. Ele aprendeu a mudar em relação a mim, a respeitar o meu trabalho e eu, o dele. E sempre que a gente pode, a gente se ajuda.

Lembro-me como se fosse ontem, meus primeiros contatos com os maridos das mulheres do GAB. Eles pouco falavam comigo e o envolvimento com as atividades do grupo era mínimo, bem como relatou Suzana. O bonito foi perceber, que à medida que as gurias tomaram os seus sonhos e o sonho do GAB como legítimos e concretizáveis, eles começaram timidamente a querer se envolver. Uma passagem que não posso deixar de mencionar aqui, ocorreu durante a festa de aniversário de três anos do GAB. Nesta ocasião, fui pega de surpresa pelo Totonho, que queria muito falar comigo. Começamos a conversar e logo ele revelou o que demonstrava tanta ansiedade para falar. Disse-me que eu não imaginava o quanto a relação dele com a Marlene havia modificado depois que ela entrou no grupo. O quanto ele aprendeu a ver a mulher dele com outros olhos e esse fato reacendeu o amor que eles tinham. Que eles voltaram a ir aos bailes, a passear, a namorar. Ele confessou que no início não apoiava ela a continuar no GAB, mas que agradecia por ela não ter dado ouvidos. Bom, vocês podem imaginar a minha cara ao ouvir toda a declaração do Totonho, era um misto de espanto com felicidade. Eu só consegui acreditar no que eu ouvira dele, porque eu sabia que era um sonho. E depois de conhecer o sonho, eu não acredito mais no impossível. Marlene não discorda de Totonho, e meses antes da minha conversa com ela, ela já havia dito: *A coisa melhor que aconteceu na minha vida foi começar a participar do grupo. Porque o Totonho mudou o jeito dele ver as coisas também. (...) Ele vê que é uma coisa importante*

para mim. Importante, porque tem outras pessoas que acham importante, né, então ele tá bem.

A partir do envolvimento dos maridos, elas passaram a vivenciar novos sonhos, novas possibilidades. Acho que uma questão que muito ajudou para o despertar do interesse dos maridos, foi o fato deles perceberem que não só suas mulheres estavam envolvidas no grupo, mas seus filhos também, já que as mulheres sempre os levavam para os encontros. Esse envolvimento com o GAB, que partiu das mulheres, seguindo pelos filhos sempre presentes, e contagiando os maridos relutantes, é relatado pelas mulheres como uma das maiores conquistas, a conquista do reconhecimento que tiveram de suas famílias. Partir de uma vida onde não se sentiam reconhecidas nem pelos filhos, nem pelos maridos e chegar a serem ouvidas e admiradas pelos maridos e tomadas como exemplo por seus filhos, aumentou a auto-estima de todas as mulheres do GAB. Como Patrícia toda orgulhosa conta que *logo que o Guilherme entrou na sala de aula, deu uma lição sobre a tartaruga-preta, encantando a professora*. Guilherme, filho de Patrícia, assim como os filhos das outras mulheres, aprendeu durante nossos encontros bem mais que informações sobre as tartarugas marinhas, aprendeu também a valorizar e admirar sua mãe.

Suzana, Patrícia, Marlene e Diana reconhecem que a experiência de envolver seus filhos em suas novas vivências com o GAB, foi decisiva para estabelecer uma nova relação de respeito e admiração de seus filhos para com elas.

Suzana também revela o quanto, através do trabalho com o grupo, conseguiu envolver seus vizinhos e aos poucos, seus filhos e ela tornaram-se multiplicadores da idéia de conservação:

O trabalho que eles (NEMA) estão fazendo é muito importante, porque eu tendo um pouquinho de entendimento... meus filhos, meus filhos repassam na escola. O que eles aprendem, repassam pros colegas. Os meus vizinhos, quando não sabem de alguma coisa, vêm me perguntar - achamos uma tartaruga, achamos tal coisa diferente. E eu poder saber que eu tô fazendo um trabalho que eu tô ajudando e proporcionando a outras pessoas que elas também possam ter conhecimento...

Assim o trabalho com o GAB conseguiu envolver mais pessoas que imaginávamos. Foram envolvidas além das mulheres, suas famílias, a escola da comunidade, os pescadores, os comerciantes, a mídia e a FURG. Todos deram sua contribuição, seja ao doar uma caixa de peixe para reverter em materiais, seja ao doar cola, ao incentivar, apoiar, elogiar, valorizar ou divulgar. Este trabalho foi tecido por muitas mãos que auxiliaram na construção de um sonho. Os benefícios diretos do trabalho coletivo foram sentidos por cada uma das artesãs de uma

forma muito particular. Pois apesar de virem conquistando juntas um sonho coletivo, seus sonhos individuais também são conquistados na coletividade.

Marlene relata uma passagem significativa para que começasse a ter coragem de verbalizar seus sentimentos. Foi num dia em que um grupo da Praia de Tramandaí visitou o GAB:

Quando eu ia me imaginar na frente de oitenta pessoas defendendo um grupo de mulheres? Como no dia do ônibus que eles vieram e começaram a falar:- Pensávamos que viríamos para uma casa de artesanato, e chegamos aqui.. Que coisa horrível! Aí eu virei pro Tiago e disse: Não vou deixar eles saírem daqui falando mal! Não vou mesmo! E eu vou subir naquele ônibus e falar que a pessoa que disse alguma coisa, foi informação errada. Mas eu não vou deixar eles ficarem falando mal do grupo. E subi e enfrentei, né. Eu não sabia que tinha essa coragem de fazer.

Marlene sempre recorda desta experiência e junto a esta, lembra também de quando falou sobre o GAB para um grupo de 40 pessoas. Antes disso, como eu já havia mencionado, ela se considerava muito quieta. *Uma pessoa que ficava mais escutando, sem coragem de falar.* Assim, Marlene confere a estas experiências, o fato de ter criado em si, a coragem de se expor.

Bia, mesmo tendo deixado o grupo há um ano e meio atrás por ter arranjado um emprego, além de já ter uma lojinha pra cuidar, está sempre por dentro das atividades do Grupo. Em sua narrativa, também confere à sua participação no GAB, o fato de ter aprendido a trabalhar no coletivo:

Bem, eu posso tirar uma margem por mim, porque eu desde a escola era do tipo assim, que a professora dizia: - Faz trabalho em grupo. E eu sempre dizia: - Eu vou fazer sozinha. Eu vou levar pra fazer em casa. Deixa que eu faça sozinha. Nunca gostei de trabalhar em grupo, nunca! E digo assim, depois que entrei pra cá aprendi muita coisa: conviver com pessoas diferentes, trabalhar com pessoas diferentes. Porque eu trabalhava em grupo assim: tu faz tal coisa que eu faço tal coisa. E eu acho que assim, o que eu mais avancei como pessoa talvez tenha sido eu conviver com pessoas diferentes e me adaptar e aprender. E nesse ponto eu evolui muito, aprendi. Claro, tinha minhas desavenças com todo mundo, sempre briguei com todo mundo, sempre disse o que pensava mas aprendi a respeitar muito a opinião dos outros, coisa que eu também não fazia muito.

Nas narrativas de Diana, percebi que uma das descobertas mais importantes que teve com o grupo, foi a de que ela era capaz. Tanto capaz de fazer artesanato, quanto capaz de estar em um grupo:

O meu grupo foi uma explosão inesquecível na minha vida. Eu nunca me imaginei assim, pegar uma massinha e transformar ela em um bichinho. Uma coisa assim que pra mim, bah, olha, não tem nem explicação. E as

meninas também, somos unidas, a gente tenta, né. Sempre que uma tem problema a gente tenta ajudar. A gente sai do grupo e vai pra casa e leva tudo isso pra casa. Conta pra família, mostra que a gente é capaz daquilo ali. Antes a gente achava, ah, capaz, não vou conseguir. Mas não, tu consegues. Porque tudo faz parte, de ter uma boa vontade com as coisas e te dedicar aquilo ali. Às vezes murcha um pouco. Mas aí vêm as meninas e dão aquela força pra gente: vamos lá que tu consegue, tu vai conseguir, tu é capaz de conseguir.

Para mim, a experiência com o GAB, foi e está sendo muito marcante. Foi através desta experiência que eu consegui nitidamente ver a força dos sonhos. Vi que não precisamos ser o que as pessoas esperam que sejamos, podemos sim adquirir a liberdade de sermos o que queremos ser. Consegui vislumbrar o caminho que devo seguir para tornar-me a educadora que sonho em ser. Aprendi a olhar em volta, a ser sensível para os sonhos e o contexto das pessoas que compartilham comigo o processo de educação. Recebi muito amor, gestos de solidariedade, acolhimento quando me sentia sozinha e puxões de orelha.

Todas nós estávamos comprometidas com o crescimento do outro, por isso nossos gestos, os artesanatos, os olhares, o afago, emanavam amor. Claro que tivemos brigas, discussões, mas uma coisa podemos afirmar, que em nenhum momento faltamos com o respeito a nenhuma de nós. Todas nós aprendemos, todas ensinaram, todas nós trazemos em nossa constituição um pouco do que vivemos no GAB.

Assim, percebo que mesmo que cada uma de nós possua sua própria visão e com isso, narrativa das experiências vividas no GAB, nossas palavras, nossos sonhos se sobrepõem, se transpõem. A experiência transitou entre o individual e o coletivo e assim mudamos juntas. Enfim, Suzana descobriu que havia outro mundo lá fora, no qual ela se encontraria; Marlene conseguiu se exercer, viver e ser como queria; Diana, descobriu que era capaz de realizar o que considerava impossível; Patrícia, voltou a se sentir valorizada e respeitada; Maria, aprendeu a dar e receber amor; Bia, aprendeu a trabalhar em grupo; Nely, ganhou outra família; Eu, bom... Eu aprendi o que é educação; e todas nós aprendemos um pouco de tudo isso e aprendemos mais! Aprendemos que, o bom mesmo, é que a gente pode ir muito além do se imagina.

4.5 Um sonho que se sonha só é apenas um sonho que se sonha só. Um sonho que se sonha junto é realidade.

Utilizo o trecho de um poema de Fernando Pessoa como título desta seção, pois acredito que a força motora do GAB foi justamente a predisposição de todas nós ao sonho,

principalmente ao sonhar coletivamente. Pois como bem diz Freitas, no prefácio de Freire (2001, p. 29-30)

Sonhar é imaginar horizontes de possibilidades, sonhar coletivamente é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade. A capacidade de sonhar coletivamente, quando assumida na opção pela vivência da radicalidade de um sonho comum, constitui atitude de formação que orientar-se não apenas por acreditar que as situações-limite podem ser modificadas, mas fundamentalmente, por acreditar que essa mudança se constrói constante e coletivamente no exercício crítico de desvelamento dos temas-problemas sociais que as condicionam.

Quem conhece o Grupo de Artesãs da Barra, sabe que não é apenas um grupo de artesanato, é também um grupo de educação de sonhadores. Dentro do GAB, todas nós fomos aprendizes e educadoras. Todas nós contribuimos com um pouco de nós, com nossos defeitos e qualidades. Marlene mesmo diz que *muita coisa* aprendeu *com todas* e sabe que *todas aprenderam* com ela *alguma coisa também*. Marlene acha que *é isso que a mantém no grupo, saber que a troca que têm é muito boa, é muito grande*. Penso agora, que quanta coisa se perderia, quantos sonhos, se o GAB não fosse um espaço de construções e educação coletiva. Onde todas nós contribuimos com nossos sonhos, aprendemos a valorizar a nós mesmas através da valorização do outro e formamos um espaço de disseminação de sonhos. Em grupo, tudo foi sempre mais fácil de superar, e tudo sempre foi mais divertido.

Todas elas tinham diversos sonhos individuais, mas no coletivo, cada uma delas expressava uma imagem característica, que permeava seus sonhos. Que só a partir da realização desta pesquisa, consegui reconhecer. A Marlene sempre trouxe a imagem da união, a Patrícia, do respeito, a Suzana, da perseverança e a Diana, da descoberta de suas capacidades. Assim, a partir do momento que perceberam seus sonhos individuais, elas passaram a sonhar coletivamente, ou vice-versa. O interessante foi perceber que elas passaram a afirmar seus sonhos individuais em palavras, como sendo um sonho coletivo. E essas palavras tornaram-se realidade. Assim, ninguém mais sabia quem sonhava com a união, com a perseverança, com a valorização, porque na verdade, todas sonhavam. Percebi que o poder da palavra foi tão importante para o grupo, ao ponto de, após tanto afirmarem que o GAB era um grupo unido, solidário, reconhecido, mesmo que no início não fossem na prática, com o decorrer do tempo, o GAB se tornou exatamente como o descreviam. E assim mais uma vez compreendi o poder da palavra, pois segundo Larossa (2001, p. 01), “fazemos coisas com as palavras e (...) as palavras fazem coisas conosco”.

Sabendo que podiam sonhar e realizar, as mulheres do GAB, descobriram que não existem limites para elas. Assim, seus sonhos também ultrapassaram os muros do próprio

grupo. Atualmente, Marlene sonha em voltar a estudar e montar sua própria loja de artesanato e para isso, conta com o total apoio do marido. Patrícia sonha em terminar o segundo grau e entrar em uma faculdade de biologia; Suzana sonha em aprender cada vez mais; Diana sonha em continuar no GAB, e; eu sonho em me tornar cada vez melhor como pessoa e como educadora.

Entretanto, todas nós sonhamos com a continuidade do GAB e que consigamos agregar mais mulheres neste sonho coletivo. Que em um ambiente que busca exercitar o amor, a solidariedade, a compreensão e o respeito, mais pessoas possam sonhar com a realidade de um mundo mais justo. Suzana releva este sonho coletivo ao dizer que,

o nosso objetivo não é só ficar em grupo trabalhando, a gente pretende manter esse grupo, mas a gente pretende expandir o máximo possível. Trabalhar com adolescentes, com adultos, com mulheres, com crianças, né? Esse trabalho a gente quer cada vez mais pra que outras pessoas também consigam entender e de uma certa forma.. Eu sei que hoje eu ajudo um pouquinho, é pouco, mas esse pouco pode valer muito, né?

O sonho de Suzana também vem se tornando realidade. Pois tanto Suzana, quanto Patrícia e Marlene já ministraram cursos de artesanato em escolas e para mulheres de outras comunidades. Assim, exercem o papel de multiplicadoras. Multiplicadoras de sonhos.

Considerações finais

O FIM, PARA SONHO, NÃO EXISTE



“Quem tem consciência para ter coragem
Quem tem a força de saber que existe
E no centro da própria engrenagem
Inventa a contra-mola que resiste
Quem não vacila mesmo derrotado
Quem já perdido nunca desespera
E envolto em tempestade, decepado
Entre os dentes segura a primavera”.

Primavera nos dentes / Secos e Molhados

O FIM, PARA O SONHO, NÃO EXISTE

Chego ao fim deste trabalho com um misto de alegria e melancolia. Escrever esta pesquisa me proporcionou revisitar minha vida, reviver minhas experiências, sonhar através de sonhos das mulheres do GAB. No exercício da pesquisa e da escrita, fiz descobertas muito marcantes, tanto dos significados das experiências que vivi, quanto do aprendizado que tivemos como aprendizes e educandas no GAB.

Sonhei enquanto escrevia, percebi que a cada ponto final que dava em cada uma das frases que escrevia, eu nunca encerrava as imagens que delas brotavam. Aquelas frases, limitadas entre dois pontos finais, nunca continham todas as imagens, nem todo o sentimento. Este fato só mostra o quanto o sonho não tem fim, não tem limite e assim como este trabalho, os sonhos não se acabam ao final das histórias. Pelo contrário, eles constantemente se refazem e o final nunca chega.

Sendo assim, os sonhos da Patrícia, da Suzana, da Marlene, da Diana, da Maria, da Nely, da Gabriela, da Renata dos seus filhos e maridos, os meus, do meu orientador, do Serginho, da Dani, e de todas as pessoas que construíram essa história que contei, não se encerram nessa história, não acabam aqui. Seja através da convivência entre as pessoas do GAB, na elaboração desta pesquisa, ao falar de nossos sonhos ou escrever sobre eles, (pausa para atender ao telefone, é a Suzana). Neste exato momento enquanto escrevo esta frase, que terminaria com a importância de sonhar, Suzana me liga dizendo: - *Alice, tô te ligando para avisar que hoje tive meu primeiro dia de aula. Vou aprender a ler e a escrever para repassar pras outras pessoas tudo o que tu me ensinou, tudo o que eu aprendi.*

Chorando muito, retomo a escrita. Será que eu precisaria falar mais alguma coisa? Vocês lembram da Suzana? Aquela que sonhava, na infância, em ter uma boneca com cabelo, ao mesmo tempo em que cuidava dos quatro irmãos mais novos. Suzana não teve a oportunidade de estudar. Estudou até a 2ª série. O tempo passou, e depois de algum tempo, Suzana acabou acreditando que estava muito velha para estudar, embora ainda desejasse aprender a ler e a escrever. Mas Suzana sempre quis aprender coisas, e nessa sua vontade, Suzana reaprendeu a sonhar. Depois disso, nada mais foi impossível para Suzana. Suzana voltou a estudar.

E eu aqui, chorando, continuo sonhando.... Sonhando que este trabalho não seja esquecido nas prateleiras. Que as pessoas que o lerem despertem seus sonhos, reavivem em si a vontade de sonhar. E mais, que os educadores que, por ventura, lerem esse trabalho,

percebam o quão importante é educar com sonhos, o quão importante é aprender através dos sonhos e o quão importante é sonhar.

REFERÊNCIAS



REFERÊNCIAS

- ATLAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO BRASIL 2005. Brasília: MTE, SENAES, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **O Ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARCELLOS, J. R. M. **A Educação Ambiental na Vila da Barra- Rio Grande RS: Uma análise de representações sociais em uma comunidade de pescadores artesanais**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação de Educação Ambiental - FURG, 2003.
- BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. **A invenção do ser: A autobiografia e suas formas**. In: Olson, David; Torrance, Nancy (orgs.). *Cultura escrita e oralidade*. Tradução: Valter Lellis. São Paulo: Ática, 1997, p. 141-161.
- CONSTANTINO, Nuncia Santoro de. **Teoria da História e reabilitação da oralidade: convergência de um processo**. In: Abraão, Maria Helena Mena Barreto (Org.). *A Aventura (auto) biográfica: Teoria & Empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 37-74.
- CRIVELLARO, C. V. L., MARTINEZ NETO, R & RACHE, R. P. **Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras: Mentalidade Marítima: relato de uma experiência**. Porto Alegre: Gestal/NEMA, 2001.
- DEMO, Pedro. **Charme da exclusão social**. Campinas/SP: Autores Associados, 1998. Coleção Polêmicas do nosso tempo.
- _____. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**- 3 ed. Rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995.
- DUTRA, Elza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Estudos de psicologia, 2002, p. 371 – 378.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor**. Trad. Adriana Lopez, Revisão técnica Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1986.

GADOTTI, Moacir; GUTIÉRREZ, Francisco (orgs.). **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção questões da nossa época, v. 25).

GALIAZZI, Maria do Carmo; MELLO, Dilmar. **A paisagem da pesquisa narrativa**. IV Seminário de Pesquisa Qualitativa. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. **Texto não publicado**.

GALVÃO, Cecília. **Narrativas em educação**. *Ciência & Educação*, v. 11, n.2, 2005. P. 327 - 345

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. 7ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão; Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HART, Paul. **Narrativa, Conhecimento e Metodologias Emergentes na Pesquisa em Educação Ambiental: questões de qualidade**. In: Galiuzzi, Maria do Carmo; Freitas, José Vicente de. (Orgs.). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental – Ijuí*: Ed. Unijuí, 2005, 216p.

HESS, Remi. **Momento do diário e diários de momentos**. In: Souza, Eliseu Clementino de; e Abrahão, M^a Helena Mena Barreto (orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 89-101.

JORNAL AGORA. **Artesãs da Barra: Artesanato conscientiza e une**. Caderno mulher, publicado em: 07 de outubro de 2006. Rio Grande, RS.

JOSSO, Marie-Christine. **Os relatos de histórias como desvelamento dos desafios existenciais da formação do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si**. In: Souza, Elizeu Clementino e Abrahão, Maria Helena Mena Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 21–40.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. IN: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, XIII, 2001, Campinas. Palestra. Campinas: UNICAMP, 2001, p. 1-8.

_____. **Notas sobre narrativa e identidade**. In: Abrahão, Maria Helena Mena Barreto (org.). *A aventura (auto)biográfica: Teoria & Empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11- 22.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatórias e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MANCE, Euclides André **Subjetividade, Imaginários e Utopias**. Disponível em: <http://www.aol.com.br/mance/imaginarios.html>. Curitiba, 1994. Acesso em 23 jan. 2006.

MORAES, Roque.; FARIA, C. **Questões ambientais e educação: a multiplicidade de abordagens**. In: Ambiente & Educação – Vol. 7 – Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2002.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de; OLIVEIRA, Vânia Fortes de; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira. **O oral e a fotografia na pesquisa qualitativa**. In: Abrahão, Maria Helena Mena Barreto (org.). A aventura (auto)biográfica: Teoria & Empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 163-180.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa**. Organização Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Poesias**. Org. Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2007.

PINO, Angel . **Imaginário e Produção Imaginária: Reflexões em Educação**. In: Ros, Silvia Zanatta da; Maheirie, Kátia; Zanella, Andréa Vieira. (Org.). Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência. 1 ed. Florianópolis, SC: NUP, UFSC, 2006, v. 1, p. 49-76.

QUINN, Daniel **Ismael: um romance sobre a condição humana**. Tradução Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. **Gaston Bachelard e a sedução poética: a criação de um filosofar onírico**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Vol. 15. Rio Grande: FURG, 2005, p. 49-71.

_____. **Gaston Bachelard e o maravilhamento da ciência: entre a produção do conhecimento científico e a “práxis” pedagógica**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Vol. 14. Rio Grande: FURG, 2005, p.85-114.

_____. **Por uma Filosofia do Espanto Imaginário: Uma tentativa de reconstrução através das imagens poéticas da formação do filósofo sonhador numa perspectiva bachelardiana**. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1999.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2002.

SATO, Michèle. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.

SATO, Michèle; PASSOS, Luiz Augusto. **De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa**. In: Sato, Michèle; Carvalho, Isabel (orgs.). *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 213-232.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas**. In: Souza, Elizeu Clementino e Abraão, Maria Helena Mena Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 135 – 147.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Bases Teórico-metodológicas Preliminares da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. Cadernos de Pesquisa Ritter dos Reis, V. 4, Porto Alegre: Faculdades Integradas Ritter dos Reis, 2001.

TRISTÃO, Martha. **As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento**. In: Rusheinsky, Aloísio (org.). *Educação Ambiental, Abordagens Múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002 p.

WIKIPEDIA. Gustav Theodor Fechner. **Disponível em:** http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustav_Theodor_Fechner. Acessado em 05 de fevereiro de 2008.